ISSN: 1645-4790

6
Dez 2004

missão espiritana

revista das circunscrições espiritanas lusófonas

Reavivai o Dom que recebestes
Capítulo Geral 2004

BV2300
.H65
M5
no. 6
Dez.
2004
Spiritan
Coll.

CONGREGAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

Ficha Técnica

Título:
Revista das Circunscrições Espiritanas Lusófonas
Publicação Semestral das circunscrições espiritanas lusófonas

Director e Sub-Directores:
P. José Manuel Sabença (Superior Provincial de Portugal);
P. Lourenço Ndjimbu (Superior Provincial de Angola);
P. Gilberto van Tol (Superior Provincial de Brasil);
P. Manuel Martins N. Ferreira (Superior do Distrito de Cabo Verde);
Irmã Conceição Sousa (Superiora Principal das Irmãs Espiritanas, Portugal)

Conselho de Redacção:
Nuno Rodrigues (Cabo Verde); Torres Neiva, Fátima Monteiro, Rosa Braga (Portugal), Jerónimo Cahinga (Angola); Pedro Fernandes (Moçambique); Haroldo Evaristo Alves (Brasil)

Comité de Redacção:
Alfredo Teixeira; José Manuel Sabença; António Santos Moreira; Mário Faria Silva; Fátima Gama; António Joaquim Galvão

Proprietário:
Província Portuguesa da Congregação do Espírito Santo.

Direcção, Administração, Assinaturas:
Rua de Santo Amaro à Estrela, 51
1249-029 Lisboa
Tel.: 213 933 000 - Fax: 213 933 019
missaoespiritana@espiritanos.org

Assinatura 2004: Portugal 12€, Outros Países 15€

Edição Avulso: 7€

Design gráfico e capa:
Victor Silva

Composição, paginação e impressão:
Gráfica Povoense, Lda.

ISSN: 1645-4790

Depósito Legal: 181539/02

Tiragem: 300 exs.

ALFREDO TEIXEIRA*

BV2300
.H65
M5
no. 6
Dep. 2004
Spa. Col.
02134684

editorial

Convivem hoje, no mesmo terreno de argumentação, os diagnósticos acerca da perda da identidade e os oráculos sobre o seu endurecimento. Em todo o caso, é inegável que os marcadores da identidade – comunitários, culturais, axiológicos, emocionais – têm hoje configurações muito complexas e apresentam sinais de fragilidade social. Outrora, o reconhecimento dos meridianos e paralelos que organizavam as referências identitárias das culturas, das organizações, das formas comunitárias de vida, eram mais evidentes – tão claras, que eram da ordem do implícito.

É claro que uma certa territorialidade das culturas ajudava a esse processo de identificação: o "eu" ou o "nós" definiam-se mais facilmente perante o "outro", exterior ou interior. No caso das congregações missionárias, essa estabilidade dos referenciais da identidade passava por uma geografia da actividade missionária onde origem e destino, evangelizador e evangelizado, missão e conteúdo da missão tinham fronteiras estáveis. Durante algum tempo, concentraram-se as atenções na redescoberta de outras teologias da missão correspondentes a modelos eclesiológicos comunionais que ultrapassassem a antiga territorialização do imperativo missionário. Mas esse investimento teológico nem sempre deu conta das transformações que essa mudança de paradigma trazia à própria identidade dos institutos missionários e à construção psicológica da vocação missionária. Porquê aderir à retórica do "partir" se a missão está em todo o lado? Porquê apelar à geografia do longe se perto e longe se interpenetram? Neste terreno, por vezes, certas propostas teóricas de compreensão da missão eclesial revelam-se interessantes no domínio da coerência, mas pouco eficazes no tocante à coesão – ou seja, no que à mobilização pessoal e comunitária diz respeito.

Essa transformação não é, em primeira linha, eclesial. Os dinamismos sociais actuais aproximaram os "outros" porque se multiplicaram aquelas zonas onde as culturas se tocam promovendo novos desenhos multiculturais na geografia humana. Neste novo contexto de transformação das escalas do "local", do "trans-local" ou do "global", descobrimos espaços geográficos que já não podem ser

* *Centro de Estudos de Religiões e Culturas da Universidade Católica Portuguesa.*

identificados de modo exclusivo com uma determinada configuração histórico-cultural e assistimos a encontros entre culturas que no passado se anatematizaram mutuamente. A densidade actual das trocas culturais facilita o desmoronamento das imagens estáveis do mundo, abre brechas nos reservatórios das representações colectivas.

Mas este mesmo contexto de fragilidade dos mundos referenciais da memória, que davam coerência e consistência às identidades, convive com situações históricas em que emerge e transborda a necessidade de afirmação de um destino colectivo (por vezes, afirmação agressiva), de uma origem comum, de uma memória que compense o impacto "destradicionalizante" das estruturas da modernidade avançada. A reflexão sobre este paradoxo contemporâneo parece ser particularmente relevante num contexto em que se procure reflectir sobre a condição da "vida consagrada", e das instituições que a organizam, nas sociedades contemporâneas. É que, sob o ponto de vista sócio-antropológico, os "institutos de vida consagrada", como outras instituições, vivem dessa necessidade de um compromisso entre a expressão clara de uma religação às origens e a urgência de uma resposta criativa às circunstâncias históricas da sua actualização. De facto, as congregações religiosas, precisamente porque a sua identidade se reinventa em torno dessa apropriação permanente do carisma fundador, vivem o dilema constante de perceber onde termina a fidelidade a uma origem e começa a incapacidade de se libertar do peso morto da história. E os lugares da mudança são, no tempo que vivemos, de grande impacto: as remodelações que a diminuição de membros consagrados exige; as alterações identitárias amplificadas pelo crescente peso relativo do Sul em relação ao Norte; as alterações no domínio das bases materiais, digo económicas, das comunidades de vida religiosa; a descoberta de novas formas de pertença às comunidades (novas modalidades de inscrição em determinado património espiritual, formas que não cabem já nas nomenclaturas e nos sistemas de classificação herdados). Em muitos casos, essas mudanças de grande impacto afectam a identidade eclesial de forma mais ampla – pode já aquela espécie de tripé do Vaticano II (ele próprio já com algumas ambiguidades de raiz), leigos/clérigos/consagrados, dar-se conta da diversidade dos modos de identificação religiosa no espaço eclesial?

A vida religiosa é comprovadamente, na história das Igrejas, fonte de renovação. Frequentemente, foi nessa geografia da identidade eclesial que surgiram as respostas evangélicas mais fecundas face ao repto dos tempos. Mas também é certo que essas respostas surgiram em ruptura com estruturas antigas consideradas absolutamente necessárias, sem as quais seria a morte da identidade. E de identidades feridas nasceram formas novas de ler os horizontes do Outro, Deus, mais além que as nossas causas.

Mas como discernir? Como decidir entre a fidelidade criativa e

o medo de deixarmos de ser quem somos? Pode aceitar-se a transferência das decisões para um corpo de competentes inspirados ou pode apostar-se no desenvolvimento de dinamismos de participação que sejam mobilizadores de uma pertença pró-activa. A vida religiosa é a prova histórica de que, em contexto eclesial, são possíveis outras formas de regulação para além das hierárquicas. O Capítulo Geral de uma congregação concretiza uma forma de gestão ministerial participativa que, infelizmente, poucos ecos têm noutras formas de institucionalidade católica – mesmo se recentemente se descobriu o valor das estruturas de sinodalidade nas Igrejas locais, estamos longe de encontrar formas organizativas que correspondam, com clareza, aos modelos comunionais que se desenvolveram teoricamente.

É por isso que o grande desafio de uma congregação religiosa, mais do que a realização de um Capítulo Geral, é a sua recepção. Como pode a experiência de um conjunto de confrades espiritanos, representando comunidades, sensibilidades e experiências missionárias diversas, ser partilhada com os outros membros de cada uma das circunscrições? Este fascículo de *Missão Espiritana* é, certamente, um modesto contributo para ajudar à resposta. Aqui se encontra reunida uma parte das comunicações proferidas na assembleia capitular de 2004, na Torre d'Aguilha. Esperemos que a nossa selecção dê testemunho da actual diversidade espiritana, diversidade que deve ser enfrentada com a serenidade de uma esperança realista.

Alfredo Teixeira[1]
Observador qualificado ao Capítulo Geral da Torre d´Aguilha

[1] *Mestre em Teologia (UCP) e Doutor em Antropologia (ISCTE), Professor e Investigador no Centro de Estudos de Religiões e Culturas da Universidade Católica Portuguesa.*

SPIRITAN COLLECTION
DUQUESNE UNIVERSITY
The Gumberg Library

Congregation of the Holy Spirit
USA Eastern Province

Pierre Schouver*

os espiritanos no princípio do terceiro milénio

A introdução ao relatório de 1998 para o Capítulo de Maynooth apresentava a nossa Congregação em peregrinação com a família humana deste tempo. Como nos aproximávamos do fim do segundo milénio, esta introdução pretendia apresentar as características principais do mundo contemporâneo, com as repercussões na nossa vida de fé e na nossa missão. Eis os subtítulos, para recordar: em sociedades secularizadas, novos passos de fé e de evangelização; crescimento demográfico acelerado e mundo urbanizado; caminhos para a democracia; encontro ou conflito de culturas; o império da lei do mercado; a mundialização; a integridade da natureza em perigo; as migrações internacionais; em sociedades de consumo; meios de comunicação e sociedades mediáticas; sociedades sem ordem; uma sociedade de medos, de conflitos e de violências.

O diagnóstico de 1998 evoca bem o que vivemos ainda hoje e aquilo com que os *media* quotidianamente nos inundam. Mas uma breve reflexão na linha de Maynooth recordar-nos-á que, para nós espiritanos, o mundo é o campo da nossa missão e que devemos procurar ler os sinais dos tempos. Somos enviados para além das fronteiras da Igreja, como diz a nossa Regra de Vida, «*para aqueles que ainda não ouviram a mensagem do Evangelho, ou que mal a ouviram, para os mais oprimidos e os mais abandonados, individual e colectivamente, lá onde a Igreja dificilmente encontra obreiros*» (RVE 12). Seguimos o conselho de Libermann : «*É necessário acompanhar o mundo, permanecendo no espírito do Evangelho*» (1848 ND 151).

"É necessário acompanhar o mundo, permanecendo no espírito do Evangelho"

Para o Capítulo de 2004, sentimos a necessidade de estudar se-

* *Pierre-Shouver, Superior geral desde 1992 até 2004.*

riamente as mudanças no interior da Congregação. Mas teremos de as colocar na perspectiva do mundo actual, para lhes dar resposta séria e segundo a nossa vocação.

Um diagnóstico do mundo actual apresenta mais tendências e movimentos que se aceleram, do que situações estáveis. Como se desenvolveram ou para onde inflectiram os aspectos postos em relevo em 1998 em Maynooth? Como reagiram a Igreja e a Congregação perante eles? Há ainda novos fenómenos na sociedade e novas questões?

Desafio da secularização

a) No Mundo Ocidental

No mundo ocidental, em particular na Europa, a secularização continua. A prática do culto, bem como as vocações à vida religiosa e sacerdotal, diminuem, em graus diferentes, conforme os países. Em França, muitas paróquias não têm missa dominical e as ADAP (Assembleias Dominicais na Ausência de Padre) são prática corrente. Na Alemanha diminui consideravelmente o número de cristãos que pagam o imposto de culto e as dioceses e paróquias têm de fazer cortes drásticos no pessoal leigo assalariado. Na Holanda põe-se a questão do uso das Igrejas que já não servem para o culto.

Mas não há apenas os números da prática e do pessoal do culto. Os padres gozam de menos consideração pública e tanto menos quanto mais os escândalos são denunciados e largamente mediatizados. Sobretudo na Europa, reforça-se o sentido da laicização. O povo tem mais consciência da sua dignidade e das suas responsabilidades e organiza-se em todos os domínios, inclusive onde outrora os ministros do culto detinham a autoridade, como o casamento e a educação. Hoje, até o culto é, por vezes, laicizado. Pais não praticantes fazem uma festa para o nascimento do filho como se fora uma espécie de baptismo laico, com um casal amigo a fazer de padrinho e madrinha. Por vezes a laicização radicaliza-se em laicismo (cf. a França), visando eliminar da sociedade os sinais religiosos. Além disso, a laicização exprime-se na liberdade de escolha dos cultos: nenhuma religião é imposta e nenhuma é fundamento do Estado.

"O povo tem mais consciência da sua dignidade e das suas responsabilidades"

A imigração faz entrar sempre mais adeptos doutras religiões, sobretudo do Islão, nos países antigamente cristãos. Em França, nos sectores industriais, os muçulmanos são maioria nas aldeias pequenas.

b) Secularização e situações religiosas noutros países

Nos países do antigo bloco comunista, a passagem pelo regime marxista abateu a vida religiosa. O ateísmo atacou a raiz da fé. Ao

sair dalguns destes regimes, a maior parte da população encontra-se sem fé nem religião. Na antiga República Democrática Alemã (RDA), uma equipa espiritana empenhou-se num trabalho de primeira evangelização, enquanto comunidades cristãs minoritárias são animadas por padres que foram "confessores" da fé. Estes verificam que o seu ministério deve seguir por outras vias e sentem-se contentes por os missionários abrirem caminhos.

"O ateísmo atacou a raiz da fé"

Em África, onde o Evangelho tem sido acolhido com fervor, por vezes transpõe-se uma certa secularização na linha da crítica ao estilo de missão do passado e também sob a influência do mundo moderno globalizado. Em vários países, as injustiças e violências feriram as populações, tornando-as menos abertas às propostas das Igrejas. Estas sofreram por causa da guerra, em pessoal, nas estruturas e nas infra-estruturas. Neste contexto, emergem as novas comunidades e Igrejas sob formas populares carismáticas, dando grande espaço à emoção, por vezes com atitudes sectárias.

Na América Latina, este fenómeno de comunidades de tipo emocional e por vezes sectário desenvolve-se também, em parte sem dúvida, por causa dum tipo inadaptado de Igreja. A teologia da libertação e as comunidades de base quiseram dar resposta às injustiças sociais. Esta pastoral tem sido fortemente criticada pelos meios mais conservadores, mas, com algumas clarificações, a teologia da libertação foi declarada pelo próprio Santo Padre, não apenas aceitável, mas mesmo necessária. Esta orientação não foi abandonada, mas parece ter perdido bastante da sua radicalidade. Uma outra orientação, inesperada para alguns, é a da Conferência das Igrejas Latino-Americanas (CELAM) que optou pela Pastoral Indígena como prioridade, nos países onde a população é cristã há 500 anos, sinal de que a comunicação do Evangelho deve respeitar as culturas. *Aquilo que não foi construído sobre os elementos do solo, não se mantém*, dizia Libermann .

"a comunicação do Evangelho deve respeitar as culturas"

Na Ásia, devem ser mencionadas à parte as Igrejas das Filipinas, da Coreia do Sul, que são Igrejas fortes e dinâmicas, e o Vietname, onde perseverou na fé uma Igreja forte, mas minoritária, malgrado a perseguição marxista. Nos outros lugares, as Igrejas cristãs são muito minoritárias. Procuram o seu lugar no diálogo com as religiões tradicionais e testemunham a sua fé pelo empenho para com os fracos. Na China, os cristãos, muito minoritários neste país imenso, procuram a unidade entre os refractários e aqueles que são mais maleáveis perante as exigências do poder político. Como reagirá no futuro este gigante maltratado pela violência marxista? Na China de Taiwan, onde trabalham os nossos confrades, o número de cristãos não evoluiu nada após a chegada dos Chineses do continente com Tchang Kaichek. As religiões tradicionais dos Taiwaneses continuam muito presentes na vida familiar e social, numa

economia de tipo europeu ou americano.

Na Oceânia existem grandes Igrejas cristãs, bem enraizadas, mas algumas são fortemente sacudidas pela secularização, como na Austrália, e noutras partes pela violência de grupos muçulmanos fanáticos.

c) Desafio da secularização e da relativização do cristianismo

"não se deve avaliar a Igreja e a vida cristã (ou religiosa) apenas pelos números"

Numerosos factores contribuem para relativizar o lugar do cristianismo no mundo ocidental (secularização), bem como noutras partes do mundo. Como reagem as Igrejas e a nossa Congregação ao desafio desta espécie de enfraquecimento do cristianismo?

A escassez quase total das vocações espiritanas na maioria das circunscrições do mundo ocidental é uma espécie de escândalo para os confrades do sul e corre o risco de desencorajar os do norte. Mas o mundo em mudança, também desperta as Igrejas. Estas renovam-se e tornam-se mais autênticas, na linha do Vaticano II. Muitas iniciativas, em particular uma melhor formação e um maior empenho dos leigos, suscitam uma vitalidade nova. Esta faz contrapeso aos números do passado!

O Cardeal Martini chamava recentemente a atenção para os novos progressos do cristianismo, ao sublinhar que não se deve avaliar a Igreja e a vida cristã (ou religiosa) apenas pelos números. O renovamento da inteligência da fé em relação às culturas, os novos compromissos eclesiais e sociais, tanto pelos leigos como pelos padres e religiosos, são garantias mais seguras do futuro da Igreja - e da nossa Congregação - do que as multidões de antes do Vaticano II.

"o mundo em mudança convida-nos a todos a mais verdade"

De um modo ou doutro, o mundo em mudança convida-nos a todos a mais verdade. Perante a descristianização da Europa, que não é apenas de ontem, (cf. a classe operária do séc. XIX), os historiadores sublinharam que se tratava menos de uma descristianização do que de pôr a claro a falta de uma verdadeira cristianização. Sem dúvida que há algo disso nas mudanças na Europa, depois da segunda guerra mundial, com as transformações sociais aceleradas: a educação secundária generalizada, o impacto das ideologias ateias, a urbanização e as deslocações da população ligadas aos progressos económicos. O sopro de verdade trazido pelo Vaticano II e uma certa relativização das estruturas e dos ritos contribuíram para a diminuição da prática religiosa regular.

Assim, durante os últimos sessenta anos de descristianização, também tivemos a oportunidade de vários lugares e momentos de verdade, que nos permitem considerar este tempo mais de graça que de desgraça. A provação faz-nos passar dum cristianismo em grande

parte sociológico a um compromisso cristão assumido.

O cristianismo ainda era visto, muitas vezes, como uma herança familiar e social que se transmitia quase automaticamente. Já dizia Tertuliano: «*faz-se, não se nasce cristão*». Estamos no momento em que é preciso chamar a atenção para um tesouro que nos arriscamos de esconder para sempre, mas que também se pode desenterrar (*Vide* a insistência do Santo Padre para que se não passe em silêncio a fonte daquilo que o Ocidente produziu de melhor). Com efeito, se os números da prática e das vocações religiosas continuam a diminuir, não se deve minimizar os inumeráveis esforços por reanimar a chama. Pontos de vista intelectuais, caritativos, comunitários, sociopolíticos procuram despertar para a riqueza viva do Evangelho, ao serviço do mundo.

Uma característica desta renovação cristã é a variedade de formas, que incomoda e escandaliza até certos cristãos. Há necessidade duma educação para a diversidade, ao sair duma Igreja católica ainda quase uniforme. Ainda que as estruturas e as tradições não sejam de subestimar, os cristãos do mundo actual têm de fazer a sua escolha pessoal, como as personagens do Evangelho quando encontravam Jesus. Daí nascem também as verdadeiras comunidades cristãs, unidas nas e pelas suas diferenças. Se temos menos massas cristãs (ainda que elas se reúnam em certas ocasiões), temos uma multidão de testemunhas, vinda de todos os horizontes, como no primeiro Pentecostes. Crentes e missionários de todas as nações da terra, fazemos parte deste novo Pentecostes.

"Há necessidade duma educação para a diversidade, ao sair duma Igreja católica ainda quase uniforme"

Trabalhando neste relatório na festa de Cristo Rei do Universo, disse para comigo que na pobreza da nossa missão hoje, nos nossos empreendimentos missionários ainda em desarrumo e na nossa vida comunitária internacional ainda em prelúdio, talvez tenhamos a sorte de descobrir melhor a verdadeira riqueza, que corremos o risco de perder quando nos sentimos fortes. Talvez na nossa pobreza sejamos mais aceites pelas pessoas que encontramos, mais abertos a eles e ao Espírito do Senhor.

Desafios do Mundo Globalizado

Pela nossa vocação de Espiritanos, não estamos interessados apenas na evolução da dimensão religiosa do nosso planeta, mas sim em todos os aspectos da vida social humana. Dedicamo-nos ao serviço e à defesa dos pobres na sociedade, dos *oprimidos e dos mais desfavorecidos individual e colectivamente* (RVE, 12). Interessamo-nos particularmente pela evolução do mundo globalizado onde se joga a sorte e até a vida dos deserdados: *devemos fazer-nos os advogados, o*

sustentáculo e os defensores dos fracos e dos pequenos, contra todos aqueles que os oprimem (RVE, 14). Eis alguns caminhos do mundo globalizado.

"Nas metrópoles prestigiosas encontram-se igualmente grandes pobrezas"

a) Crescimento demográfico e mundo urbanizado

O crescimento rápido da população mundial e a sua urbanização desenvolveram uma humanidade diferente da do passado e representam um outro desafio à nossa missão. A cidade atrai como promessa de luz, de beleza, de riqueza e de encontros. Mas muita gente, outrora cuidada e orientada pela sua cultura e sua religião, encontra-se agora nas grandes cidades, com pessoas vindas de múltiplos horizontes. Fora do seu meio, experimentam muitas vezes um vazio e arriscam-se a ir para onde não encontrarão verdadeiramente uma comunidade e um sentido para a sua vida. Nas metrópoles prestigiosas encontram-se igualmente grandes pobrezas. Os recém-chegados vão com frequência para as periferias onde as famílias se amontoam em habitações improvisadas.

É importante estarmos aí presentes, mesmo se hesitamos em encontrar um compromisso para ajudar e defender os mais desprovidos. Efectivamente, estabelecemos, de vez em quando, nestes últimos anos, comunidades missionárias em cidades, frequentemente em periferias: Bruxelas, Roterdão, Rostock, Paris/Blanc-Mesnil, São Paulo, Dakar, Douala, Port-Harcourt, Kinshasa, Luanda, Kampala, Nairobi, Dar-es-Salaam, Hsinchu... Sentimo-nos muitas vezes pobres para responder aos desafios da cidade. Tornando-nos próximos das pessoas encontramos com eles referências para a sua vida, uma esperança e também meios para defender os seus direitos e viver em paz.

São variadas as actividades e as necessidades: paróquias interculturais, em geral com muitos imigrantes, nem sempre legais; capelania de estudantes, de prisão, de hospital, ajuda às famílias de doentes hospitalizados, acção junto das vítimas da SIDA, serviço e defesa dos mais desfavorecidos.

"A caminhada para a democracia para todos é uma das grandes ambições do nosso tempo"

b) Caminhada para a democracia?

A caminhada para a democracia para todos é uma das grandes ambições do nosso tempo. É uma esperança, mas a concretização é exigente. Mesmo nos nossos países do Ocidente, que chamamos facilmente democráticos, os media e outros meios de influência sobre os espíritos, podem perverter a decisão na hora das escolhas democráticas. Pode haver para isso múltiplos motivos ou forças motrizes. Pode acontecer o mesmo com os partidos políticos e os sindicatos que se podem aproveitar da falta de informação e educação dos cidadãos para os influenciar. Nos países de África, onde a

democracia de tipo europeu é nova, os líderes aproveitam a falta de informação e de organização das populações para açambarcar e conservar o poder. A educação para a política e para o jogo democrático é um dos domínios em que deveríamos lutar pela Justiça e Paz.

"as culturas são vitais"

c) Encontro e conflito de culturas e religiões

Este assunto diz-nos particularmente respeito, enquanto missionários. O valor de todas as culturas é reconhecido, mas as convicções nem sempre parecem muito fortes. Há quem pense que as culturas tradicionais vão desaparecer e que será preciso reconstruir sobre outras bases. E, contudo, as culturas são vitais. Elas permitem aos humanos crescer e superar-se. A sua perca ou degradação empobrece a vida das pessoas e dos grupos.

"somos chamados a reconhecer e a apreciar os nossos irmãos com as suas diferenças"

Há, ainda, todos os dias, conflitos de culturas, mesmo no interior dum único país. Damo-nos mais conta de que, nas nossas comunidades interculturais, somos chamados a reconhecer e a apreciar os nossos irmãos com as suas diferenças e a procurar inculturar o nosso carisma espiritano nas culturas presentes na Congregação.

Outros conflitos mais ameaçadores aparecem hoje, nomeadamente os que opõem grupos religiosos. Nalgumas regiões desenvolve-se o fanatismo. A nossa missão é certamente pertinente para fazer face a situações de conflito. Perante as religiões tradicionais ou as religiões mais difundidas como o Islão ou o Hinduísmo, procuramos compreender, aproximar-nos, mostrar o nosso respeito. Há confrades jovens interessados em estudar o Islão. Temos cada vez mais consciência de que a nossa missão é não só uma missão de diálogo inter-religioso e intercultural, mas também uma missão de reconciliação na sociedade.

"nossa missão é... uma missão de reconciliação na sociedade."

d) Domínio do mercado e mundialização

O mercado global domina a vida do mundo, mas suscita sempre muitas reacções sob as mais variadas formas e por vezes com manifestações em grande escala, propondo mudanças radicais. Os G7 e os G8 chocam regularmente com enormes massas de contestatários. Alguns grupos tornam-se violentos. Estas reacções põem o dedo no lado negativo do mundo globalizado. Procuram mostrar caminhos novos para viver em conjunto e para orientar doutro modo a economia mundial.

Espiritanos, opostos aos conflitos violentos, somos favoráveis às averiguações e às manifestações pacíficas que põem em relevo outros valores que não os do poder económico. Sentimo-nos tanto mais implicados quanto mais as manifestações põem o dedo na pobreza dos países do hemisfério sul e nas injustiças que os afectam. Propõem vias novas no sentido da Justiça e da Paz e da integridade

da criação. Há, sem dúvida, utopia neste género de manifestação pública, às vezes um pouco folclórica, mas devemos reconhecer aí um sinal do Espírito de Deus.

e) Integridade da criação

A integridade da natureza está cada vez mais em perigo. Entretanto, muitos grupos, muitos países mesmo, tomaram consciência da degradação que o mundo globalizado opera na natureza. Cada vez mais se desenvolvem movimentos e até programas integrados na política dos países, por exemplo na Alemanha e um pouco em todos os países, para dar remédio a esta degradação da natureza provocada pelo sistema económico mundial.

f) Migrações internacionais

Estas migrações desenvolveram-se de maneira muito negativa ao longo dos últimos seis anos. A pobreza, a violência, a falta de segurança atraem cada vez mais pessoas para países mais ricos, mais democráticos. Procuram por todos os meios alcançar a Europa ou a América do Norte. Os *angariadores* propõem a aventura a troco de grandes somas de dinheiro. Muitos morrem no caminho, muitos são reencaminhados para a sua terra e, em ambos os casos, é sempre uma catástrofe.

"É preciso intervir, onde possamos, para mudar as políticas de imigração."

É preciso intervir, onde possamos, para mudar as políticas de imigração. Há também a ajuda às vítimas destas políticas e tráficos, como fazem, por exemplo, os associados espiritanos ingleses num aeroporto. As migrações clandestinas são um dos sinais que mostram à evidência que o mundo, tal como está hoje, precisa de mudanças fundamentais para tornar a terra mais habitável.

g) Sociedades de consumo?

As sociedades do norte são sociedades de consumo. No entanto, sinais cada vez mais claros mostram que os humanos têm outras necessidades e expectativas. Interessam-se por outros aspectos da vida, por pretensões mais fundamentais. Individualmente ou em associações, muitos dos nossos contemporâneos apaixonam-se pela salvaguarda da natureza, da Justiça e da Paz no mundo, da vida comunitária, e aí encontram sentido e fraternidade.

Novos Desafios

Ao preparar este relatório com o Conselho Geral, tínhamos, no princípio, a impressão de que não havia elementos novos a pôr na apresentação do mundo contemporâneo. Mas no decurso da partilha, tomámos consciência de dados novos e de novos desafios. Eis uma breve enumeração.

a) Novas ameaças para o nosso mundo

A pandemia da SIDA que hoje pode ser detida pela terapia retroviral. Graças a esta terapia, parece que não haveria mais europeus nem norte-americanos a morrer de SIDA. Ora, a SIDA continua a fazer razias em África e os entendidos anunciam milhões de mortos. A comunidade Santo Egídio lançou um programa para Moçambique, que deseja estender a outros países, sob o nome de DREAM: *Drug Resource Enhancement against Aids in Mozambique*. Um confrade na R.C.A. começou a ajudar assim as pessoas. Antes de mais, há que encontrar medicamentos mais baratos. Fica por um dólar ao dia, 30 ao mês, 360 ao ano. O que é ainda muito caro para os países de África. Deveria ser possível diminuir estes custos. É preciso uma colaboração entre os Espiritanos, por exemplo, e os médicos. Será necessário também que as pessoas que começam o tratamento se encontrem regularmente para se encorajarem.

Os acontecimentos do 11 de Setembro de 2001 suscitaram uma política de acção preventiva contra o terrorismo. O terrorismo e esta política perturbam os países que se sentem mais abrangidos. O terrorismo tem como armas fatais aqueles que se suicidam com bombas. Os suicídios de jovens, igualmente nos países economicamente desafogados, os kamikases e até mesmo um bispo no Paquistão, significam uma recusa radical dum mundo injusto.

A questão da pedofília foi posta à luz do dia pelos media. Foram acusados e condenados padres e religiosos. É um grande desafio para a nossa "civilização", para a nossa Igreja e para a Congregação. É necessário notar também a crueldade dos media perante as acusações. Pode-se acrescentar ainda toda a exploração de crianças pelo trabalho e pelo turismo sexual.

Através dos media, também tomamos consciência de que muita gente no planeta carece de água. É um grande desafio no quadro da salvaguarda da natureza e da justiça internacional.

b) Novos sinais dos tempos

A emergência de manifestações pacíficas para as grandes causas da humanidade e também contra a corrupção e os impasses e injustiças que acompanham o sistema mundial actual. A sociedade civil aparece como uma via nova para mudar o mundo. A África do Sul deu um belo exemplo (*people power*, poder do povo). Cada vez mais se manifesta a exigência de integridade e de responsabilidade. É neste mundo em evolução, com o bem e o mal, que fomos chamados a ser testemunhas do Evangelho juntos e em colaboração até às extremidades da terra.

"É neste mundo em evolução, com o bem e o mal, que fomos chamados a ser testemunhas do Evangelho"

o futuro da igreja na europa[1]

Há uma urgência sobre o anúncio do Evangelho da Esperança na Europa. Urgência de uma "re-evangelização da Europa", segundo a expressão do Papa. Esta urgência, embora a palavra nunca tenha sido dita explicitamente, mostra que há uma prioridade na missão da Europa, no contexto da missão universal[2].

A Urgência da Missão na Europa

Quando se fala de prioridade da missão na Europa no contexto da missão universal, não se trata de minimizar em nada a missão nos outros continentes. Trata-se, sim, de co-responsabilizar de novo a Europa nessa missão universal. Porquê esta urgência, uma espécie de predilecção, pela missão na Europa? Há várias razões que nos podem levar a fundamentá-la.

Antes de mais, a Europa foi a pátria do cristianismo. Embora não tenha nascido na Europa, todos sabemos que é o império romano, na sua estrutura organizativa, como primeira grande experiência de unidade do mundo, que oferece ao cristianismo a estrutura básica do seu desenvolvimento. Por outro lado, os outros continentes, onde se verifica hoje uma implantação grande do cristianismo, receberam-no da Europa, no fundo é o cristianismo europeu aí implantado. A Europa continua a ser o grande continente que na sua história constitui o exemplo mais claro de como o Evangelho não inspirou apenas a fé de pessoas e de grupos, mas influenciou a própria cultura

* *José da Cruz Policarpo, Cardeal Patriarca de Lisboa.*

[1] *O presente texto transcreve a comunicação proferida aos capitulantes no dia 29 de Junho de 2004. O texto mantém os traços de oralidade do discurso do Sr. Cardeal Patriarca.*

[2] *O Sr. Patriarca refere que tem como pano de fundo da sua comunicação a Exortação Apostólica Ecclesia in Europa.*

e a própria história, embora a Europa hoje, como sabemos, tenha dificuldade em reconhecer isso oficialmente. Mas isso é apenas um pormenor da sua história, porque a Europa é, de facto, o continente onde o Evangelho deu origem a uma civilização. O cristianismo teve uma influência, nem sempre positiva, veremos isso à frente, mas teve uma influência na própria estruturação socio-política da Europa.

"a Europa teve um papel relevante na expansão do cristianismo no mundo"

Por outro lado, a Europa teve um papel relevante na expansão do cristianismo no mundo. Daqui partiram a maioria dos evangelizadores que levaram a fé cristã aos quatro cantos da terra. Há, por outro lado, por detrás desta predilecção do Papa – quando digo do Papa é porque a sua posição é aqui decisiva, mas é partilhada, posso testemunhá-lo, por grande parte dos episcopados da Europa – há o pressentimento de que a Europa ainda tem hoje um papel no mundo, para o bem ou porventura para o mal. Ainda não chegamos a uma fase da história da humanidade em que o resto da humanidade possa desconhecer o que se passa na Europa.

E por isso, trabalhar o cristianismo na Europa, continua a ser um caminho, porventura uma condição, para reavivar e revitalizar a missão universal, embora hoje, os contextos sejam completamente novos. Graças a Deus, a Europa pode hoje empenhar-se na missão universal não apenas enviando pioneiros, mas criando estruturas de comunhão e de diálogo com as igrejas implantadas em todas as partes do mundo.

Mas esta urgência da re-evangelização da Europa parte também, brota, da análise da presente situação europeia. A laicização materialista da cultura – o Santo Padre chega a falar de apostasia colectiva da Europa, que é das frases mais duras que já ouvi sobre o que se passa na Europa em termos de fidelidade à sua tradição cristã – o ateísmo e o laicismo constituíram-se ao longo dos últimos dois séculos como alternativas à religião – uma espécie de religiões sem Deus – e inserem-se no movimento de autonomização da Europa em relação à Igreja. É um processo velho, de séculos, que temos de ter em conta na re-evangelização da Europa.

A Europa, a partir de um certo momento, gera no seu seio, no seio da sua cultura e nas suas forças dinâmicas, um movimento de autonomia, e por vezes de rejeição, em relação à matriz cristã da sua cultura e da sua civilização. Esta rejeição da referência histórica à cultura cristã na cultura europeia acaba de ser feita na aprovação do tratado constitucional europeu. Não é a primeira vez que isso acontece. Insere-se num processo já longo de séculos em que há forças na Europa que rejeitam, ou pelo menos se distanciam, dessa influência do cristianismo na Europa.

Esta urgência da re-evangelização tem também em conta as fragilidades internas da Igreja no continente europeu. Antes de mais, as divisões. Em todo o mundo elas se fazem sentir, mas a Europa é

uma espécie de caleidoscópio de todas as hipóteses possíveis de organizar a comunidade cristã. A perda da transcendência da fé e da vida, sem sequer respeitar a verdade profunda da natureza; a perda da transcendência dos valores da existência, vai ao ponto de alterar ou de desconhecer a própria transcendência natural da ordem da criação e isso é anacrónico num tempo em que se valoriza e defende tanto a natureza. E, finalmente, a crise de uma racionalidade crente, que foi apanágio da construção europeia durante séculos.

O que é que eu chamo de racionalidade crente? É uma racionalidade onde a fé ilumina a realidade, portanto, inspira a cultura, e se exprime no conhecimento. Esta foi aliás uma das contestações da Europa racionalista e de todas as dificuldades de conciliar a razão crente com a razão pura e simples. Conhecemos a longa história do pensamento europeu e da crítica europeia a esta racionalidade crente. O problema é que hoje esta racionalidade crente está em crise dentro da própria Igreja. Encontramos muito frequentemente nos pensadores cristãos, porventura até nos próprios teólogos, uma racionalidade que não tem a sua raiz, a sua matriz, na luz da fé.

A Europa: Problemas, Heranças e Desafios

Esta urgência, esta predilecção pela missão na Europa, tem a ver também com os grandes problemas que atravessam o continente hoje. Cito alguns, sem querer ser exaustivo.

Antes de mais, um estilo de desenvolvimento que foi modelar até há pouco tempo, mas que solidificou no modelo do capitalismo liberal e que materializa a vida e relativiza o lugar da pessoa.

Um segundo problema, talvez dos maiores e que é velho também na cultura europeia, é o problema da compreensão da liberdade. As filosofias individualistas do século XVIII e XIX consideraram o exercício da liberdade como uma autonomia sem limites da consciência individual, perdendo progressivamente o desafio positivo e generoso duma liberdade de busca do bem da comunidade, do bem da colectividade. É uma questão que irá dar origem àquilo a que vulgarmente chamamos a crise de valores. Tratar-se-á de uma crise de valores ou tratar-se-á pura e simplesmente de um conceito de liberdade em que cada um tem direito a construir os seus próprios valores e a seguir os valores que lhe parecem mais adaptados à sua própria existência?

Depois, um outro problema com que se defronta a Europa hoje é o seu diálogo com o resto do mundo. E esta relação da Europa com o resto do mundo traz hoje problemas novos sem ter resolvido completamente problemas antigos. O maior e certamente o mais empenhativo é o diálogo inter-cultural, com culturas e religiões. Fala-se hoje de choque de civilizações. Não nego que haja um choque de civilizações. Mas pergunto-me, por vezes, se o choque principal não

é de interesses. Continua a atravessar a história europeia uma ânsia de unidade, velha utopia do continente europeu. Não vou aqui cansar-vos com perspectivas históricas, mas é impressionante ver a história do continente nesta chave duma Europa que defende sempre de uma maneira muito convicta a autonomia das particularidades étnicas, nacionais e culturais, mas que é continuamente atravessada por uma ânsia de unidade. Pela primeira vez na história, essa realização de unidade está a ser feita em sistemas democráticos. Porque todas as vezes que ela foi tentada, e de certo modo conseguida, foi sob a batuta de grandes Impérios e, portanto, com modelos pouco democráticos. A história que virá depois de nós dirá se esta tentativa de uma unidade da Europa em esquemas democráticos vai vingar ou não.

"a experiência da União Europeia foi, na história, a maior experiência de partilha de bens materiais que já alguma vez se fez"

Isto trouxe aquilo que é um dos valores positivos da Europa neste momento e a que a Igreja não é insensível: um sentido acrescido da corresponsabilidade entre os povos. Quando comparamos quer as políticas, quer as teorias, as afirmações dos dirigentes europeus (aqui refiro-me à União Europeia), com outras partes do mundo, não há dúvida que notamos que aqui na Europa se amadureceu no sentido da corresponsabilidade entre os povos; concretamente, a experiência da União Europeia foi, na história, a maior experiência de partilha de bens materiais que já alguma vez se fez entre os diversos povos. Não há nada que se compare na história, a uma partilha de bens materiais, de dinheiro e de bens de desenvolvimento como aquela que tem sido praticada na União Europeia.

E fica-nos uma pergunta: a Europa vive hoje com esperança? Parece-me claramente que sim. O próprio projecto europeu é portador duma esperança. Mas a pergunta que se põe a seguir é esta: Europa onde fundamentas a tua esperança? Qual é o fundamento da tua esperança? É apenas este desenvolvimento económico, dum bem-estar que leva depois ao restaurar dos próprios valores espirituais da pessoa humana? A essa pergunta responde-se com a ousadia e também com a utopia próprias da fé evangélica que a Europa não encontrará um verdadeiro fundamento da esperança senão em Jesus Cristo. No nº 45 da *Ecclesia in Europa* o Santo Padre diz:

> "Igreja na Europa, a nova evangelização é a tarefa que te espera, possas tu rever-te e reaver o entusiasmo do anúncio. Sendo-te dirigida a ti hoje no início do terceiro milénio a súplica ouvida já nos alvores do primeiro milénio quando em visão apareceu a Paulo o macedónio que lhe pedia: passa à Macedónia e vem ajudar-nos. Mesmo não formulado ou até reprimida esta é a súplica mais profunda e verdadeira que brota do coração dos europeus do nosso tempo, sedentos duma esperança que não desiluda. A ti Europa foi dado o dom desta espe-

rança para que por tua vez a comuniques alegremente em todo o tempo e latitude. O anúncio de Jesus que é o Evangelho da Esperança seja, por conseguinte, o teu título de glória e a tua razão de ser. Persevera com renovado ardor no mesmo espírito missionário que, a partir da pregação dos apóstolos Pedro e Paulo, ao longo destes vinte séculos, animou tantos santos e santas, autênticos evangelizadores do continente europeu".

"começa outra vez de novo! Não te assustes com a crise!"

É um texto carregado de esperança, mas, olhando o que é hoje a Europa, olhando mesmo a fisionomia das igrejas da Europa, atravessadas por profundas crises, pergunta-se como é que é possível escrever um texto destes? É um texto que incarna a utopia da esperança. A meu ver, é alguém que tem a ousadia de dizer à Europa: começa outra vez de novo! Não te assustes com a crise!

Começar de novo

Realmente a Igreja tem na sua relação com a Europa algumas etapas cruciais em que ela não se assusta em começar de novo. E eu percorria agora rapidamente essas etapas, recordando-as, porque são conhecidas de todos.

Foi assim que começou, no início, com a evangelização do Império Romano. Aquele grupinho vindo da Palestina que Plínio descreve como um grupo de gente boa que se reunia de noite e que adorava um tal Cristo como se fosse Deus, mas que se amavam uns aos outros como irmãos. Em três séculos, não foi mais, a Igreja passou de perseguida a religião do Império (talvez fosse um bocadinho demais, não queríamos tanto).

"a força de comunidades vivas, com uma forte dimensão pascal... e o amor fraterno"

Características deste período: o ardor e a prioridade à evangelização – "*ai de mim se não evangelizar*", dizia Paulo. O Santo Padre refere isto nesse texto: um ardor, uma inquietação, um entusiasmo. Segunda característica deste período: a sabedoria para se servir das estruturas naturais, culturais e sociais da sociedade daquele tempo para a expansão do Evangelho. E quais são essas principais estruturas? A presença dos judeus da diáspora, a *ordo romana* e os cristãos presentes em todo o tecido da sociedade. Em cada um destes períodos em que a Igreja enceta este desafio da evangelização da Europa, há um elemento que considero decisivo na leitura que faço da história. Neste período, nos três primeiros séculos, esse elemento decisivo é sem dúvida a força de comunidades vivas, com uma forte dimensão pascal, a centralidade de Jesus Cristo e da Eucaristia ("*nós não podemos viver sem o domingo*", diziam os mártires de Cartago) e o amor fraterno, uma lufada de ar fresco de respeito pela dignidade do homem numa sociedade de discriminação de grupos e de classes. O grande confronto vai ser com o estatuto social da escravatura.

Enfrentam um problema não resolvido e que acompanhará a

Igreja na Europa ao longo de todo o seu percurso e continua hoje. Que é o confronto entre a orientalidade e a ocidentalidade. Sob o ponto de vista político, o Império sentiu esse problema e resolveu-o criando um duplo pólo que acabou por ser praticamente um segundo império. O Império Romano do Oriente e o Império Romano do Ocidente. Curiosamente, em termos de Igreja, a não solução deste conflito, desta tensão entre a orientalidade e a ocidentalidade esteve na origem do primeiro grande cisma da Igreja, a primeira grande divisão.

"neste período o elemento decisivo é a força da comunidade"

Mas, insisto, neste período o elemento decisivo é a força da comunidade. É impressionante ver como as comunidades crescem e se organizam, por exemplo, no período entre duas perseguições, e algumas têm dezenas de anos de intervalo, em que a Igreja praticamente vive numa paz adquirida, embora não definitiva. Por exemplo, no do séc. II a estrutura da Igreja na cidade de Roma era já qualquer coisa de impressionante com comunidades vivas.

Medeiam cem anos entre a paz dada por Constantino à Igreja e a segunda grande crise da Europa. São cem anos em que o cristianismo é considerado religião oficial do Império. Estes cem anos deixaram para a época seguinte dois problemas: um foi a apropriação, por parte dos políticos, da religião como interesse político: um imperador cristianíssimo tinha a sua corte de teólogos para justificar as suas posições políticas frente à Igreja. Isto faz lembrar os profetas da corte do Antigo Testamento, que os verdadeiros profetas denunciam veementemente.

Curiosamente estes cem anos trazem consigo a primeira grande crise da racionalidade. É a época da aculturação, da transposição para o cristianismo das filosofias iluministas, é a época dos primeiros confrontos de ideias na compreensão do mistério, é a época das pequenas ou grandes heresias, algumas das quais geraram polémica e concílios. É a época da primeira grande crise da racionalidade.

Em 416, tudo isto acaba. É a invasão de Roma pelos povos do norte que faziam uma pressão contínua sobre o Império. É o caos. O próprio Santo Agostinho dá a entender que é o fim da civilização. A Igreja sente-se nesse caos de um fim de civilização e, curiosamente, é a única força que resiste. Mas não foi fácil. Basta pensar no que aconteceu às comunidades do Norte de África, florescentes na primeira época do cristianismo.

E começa de novo. Porque esses povos que invadiram a Europa não são nem cultos no sentido romano (têm as suas culturas), nem crentes. Trazem o paganismo com eles. Uma multidão de deuses e de deusas que não têm nada a ver com os deuses clássicos greco-romanos. Religiões animistas, naturais. De repente, a Europa passa de um continente culto, organizado, cristianizado já na sua quase to-

talidade, com o cristianismo como religião do estado, para um panorama totalmente diferente.

"a Igreja começa de novo e com uma característica: percebeu que evangelizar é civilizar e humanizar"

Verdadeiramente, a Igreja começa de novo e com uma característica: percebeu que evangelizar é civilizar e humanizar, e à *ordo romana* que entrou em crise, segue-se a *ordo christiana*.

Procurando neste período, que vai até ao princípio da alta Idade Média, um pólo decisivo da missão na Europa, penso que ninguém tem dúvidas a esse respeito. O pólo decisivo dessa época começou nos mosteiros, são as Ordens Religiosas que surgem – curiosamente, sempre a experiência comunitária. Mas uma experiência comunitária agora compendiada como valor civilizador. Os mosteiros conseguem não apenas guardar o ardor evangélico, mas também conseguem salvar a cultura, fazer a transição da cultura antiga para a cultura nova; ao mesmo tempo, são promotores de civilização. Se percorrermos a Europa num relance rápido deste período, todos verificamos o papel dos grandes mosteiros como pólos de civilização e de cristandade aqui em Portugal, na Espanha, na França, etc.

Este período não é sem problemas, sem perigos. Um deles é completamente novo na história da Europa cristã. O sentido de tribo que é trazido pelos povos germânicos e que os povos do ocidente quase desconheciam porque já tinha sido ultrapassado há séculos. Este sentido de tribo vai estar na origem dos primeiros conflitos entre cristãos. É caso para perguntarmos se os conflitos eram entre cristãos ou se eram entre tribos que se tinham convertido ao cristianismo. Porque neste período dá-se um mecanismo curioso: o princípio unificador do Estado, fosse ele qual fosse, o princípio organizativo da sociedade era *cujus regio, ejus religio*, a religião do rei é a religião do povo. E neste sentido, as tribos convertiam-se em massa e os monges dos mosteiros perceberam isso bem porque as primeiras pessoas a evangelizar e a converter eram os príncipes, os chefes das tribos.

Esta realidade trouxe para a cristandade emergente neste novo período o conflito que acabou por fazer guerra de religião e que considero que está na origem do primeiro grande cisma do ocidente. Enquanto o primeiro cisma do oriente está no conflito entre orientalidade e ocidentalidade, o do ocidente, está ainda nesta guerra tribal. Os Hunos como lhes chamavam os ocidentais durante a última guerra, os teotónios e os germânicos, tinham pouco a ver com as tribos que estavam em Roma.

Uma outra consequência deste período e que está na origem de alguns dos problemas que a Igreja conheceu na Europa diz respeito ao poder temporal e político da Igreja. Não apenas do Papa, mas o poder enorme dos mosteiros. Compreende-se que o cristianismo foi factor de civilização e de organização da sociedade. É evidente que os próprios príncipes tinham de ter do seu lado o poder espiritual que era simultaneamente temporal. Neste nosso querido país, com

"o cristianismo foi factor de civilização e de organização da sociedade"

oito séculos de independência, o nosso primeiro rei teve de pedir ao Papa que o confirmasse, o que ele fez na célebre Bula *Manifestis probatum* em que se diz: "pelos serviços que prestaste à cristandade, és digno de reger uma parte do povo de Deus". Mas antes disso, teve de ter o aval de S. Teotónio, Abade do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.

Este poder temporal e político da Igreja esteve na base de alguns dissabores, o último dos quais, a meu ver, é aquela cena já no tempo de Napoleão Bonaparte que convida o Papa para o coroar e depois o faz prisioneiro em Roma, não deixando que o Papa o coroasse. Esse é o culminar de um conflito que tinha a sua origem neste poder político-temporal da Igreja.

Um outro problema que não ficou resolvido neste período e que emerge durante estes séculos é o confronto com o Islão. O Islão aparece na cena europeia exactamente durante este período – no séc. VII. E torna-se um problema perene que vai acompanhar a cristianização da Europa durante séculos. O problema foi mal resolvido. E continua a ser mal resolvido. A culpa não é só nossa. Nunca se encontrou uma plataforma de diálogo. Houve uma tentativa aqui na Europa, e concretamente na Península Ibérica, durante quatro ou cinco séculos de presença islâmica aqui. Uma tentativa quer de aproximação cultural, quer de convivência de comunidades cristãs que adoptaram com as comunidades islâmicas uma cultura e uma filosofia islâmicas, que chamaram moçárabe. Na conquista de Lisboa, mataram o bispo porque ele estava vestido de árabe; na negociação com os invasores ele aparece do lado da cidade, era o bispo da cidade (Lisboa tinha um bispo, mas os cruzados mataram-no e nomearam um europeu, inglês ou bretão, que tomou posse da diocese de Lisboa).

"O Islão aparece na cena europeia exactamente durante este período"

Mas nesta altura o problema resolve-se com Poitiers e depois com as Cruzadas. Poitiers, porque o Islão aparece como uma grande cruzada e aponta para Roma. Não tenhamos ilusões a esse respeito. Aparece como um dinamismo substitutivo da influência do cristianismo na Europa. E o máximo desse dinamismo seria a conquista de Roma. Poitiers trava esse processo. (Há uma história muito engraçada relativa a Poitiers em que o rei, Pepino o Breve, se reuniu toda a noite com os príncipes e os bispos a pedir conselho. E quando todos se encaminhavam para a negociação, porque era melhor não arriscar um confronto em campo de batalha, diz-lhes no início da manhã: "É meu dever de Príncipe ouvir-vos a todos; é meu dever de Príncipe decidir. Às sete horas daremos batalha". Havia um Pepino o Breve com capacidade de decidir. Mas Poitiers não se repete. O triunfo de Poitiers esteve depois na base do dinamismo das Cruzadas. Ainda hoje estamos a sofrer as últimas consequências deste dinamismo).

O período anterior acabava exactamente com a primeira grande

crise da racionalidade crente. Este período acaba também, em fins do Império Sacro Romano do Ocidente e de todo o triunfalismo desse período, numa nova crise da racionalidade. É a epifania da razão lógica, da descoberta da lógica aristotélica. Trazer para o pensamento cristão esta epifania, esta manifestação duma razão lógica na pureza da sua laicidade dá origem aos primeiros grandes conflitos com uma fé mais mística e mais litúrgica, como era a praticada nos mosteiros.

Por causa daquele entusiasmo de aplicar à reflexão filosófico-teológica daquele tempo a racionalidade laica recebida através de Averróis e de Aristóteles, Abelardo chegou a ser condenado como herege e S. Tomás escapou porque o seu Abade deu testemunho de que ele era um santo monge, um homem que dava um grande exemplo de santidade. Senão, não tinha escapado.

Esta crise da racionalidade termina quando se dá uma nova fronteira. Faz com que a Igreja encete um novo período que se prolonga até ao nosso tempo e que vai ter muitas vicissitudes. A Igreja é, neste período, pioneira, não tem medo, no confronto com a cultura e com a racionalidade. Este é um dos apanágios do cristianismo da Europa.

"A Igreja é, neste período, pioneira, não tem medo, no confronto com a cultura e com a racionalidade"

Quanto ao islamismo. As grandes dificuldades hoje para um verdadeiro diálogo entre o cristianismo e o islamismo estão aí: o islamismo, no seu todo, nunca se sujeitou a este crivo da racionalidade e refugia-se numa leitura literal e uma interpretação fundamentalista do próprio texto sagrado.

No ambiente deste terceiro período da re-evangelização da Europa, o elemento que me parece que ocupa o centro de influência já não são as comunidades cristãs. Começam a deixar de ser os mosteiros. Não é por acaso que os grandes mosteiros dão lugar a outras Ordens a que chamamos mendicantes, com uma fisionomia completamente diferente no quadro europeu.

A instituição que marca o centro deste período é, sem dúvida, a Escola que, na Europa, está na origem da moderna universidade. Esta busca da racionalidade e o correr o desafio de sujeitar a fé cristã à crítica da racionalidade provocam profundas reacções místicas e de teor fundamentalista aqui e acolá. É um corolário de grupos que têm em comum uma reacção a esta prioridade da ciência, o que eles pensam ser uma prioridade da razão lógica sobre a razão crente.

"A instituição que marca o centro deste período é, a Escola"

Este período, que se prolonga, vai dar origem a um processo a que já me referi há um pedaço, e que não podemos deixar de ter em conta na re-evangelização da Europa: a busca da autonomia do secular em relação à tutela da Igreja. Dito isto de uma maneira muito simples, o que se passou foi o seguinte: a Igreja ensinou-os a pensar e eles quando começaram a pensar autonomizaram-se da Igreja. O esquema é muito simples. Começou com uma autonomia do político, a contestação do poder temporal da Igreja, o apaga-

"a Igreja ensinou-os a pensar e eles quando começaram a pensar autonomizaram-se da Igreja"

Duquesne University Gumberg Library

mento e o crepúsculo dos grandes mosteiros. É nessa altura (estamos já nos séculos XVI e XVII) que os grandes mosteiros entram em crise aqui em Portugal até serem extintos definitivamente da nação.

Mas esta autonomia do político dá-se também no aspecto cultural. Há a busca de uma cultura que não seja subsidiária do cristianismo. Começa no Renascimento, em que o caminho é ir a uma época pré-cristã e ressuscitar os grandes princípios da cultura clássica. Mas o Renascimento, além de fenómeno curioso e apaixonante, teve como única consequência deixar o gosto por um racionalismo que deu depois o laicismo e, na época mais moderna, o marxismo ateu. São formas do racionalismo iluminista: tanto o laicismo, muito ligado aos enciclopedistas franceses e à revolução francesa, como o marxismo ateu são apenas variadas formas de, no ponto de vista da cultura, afirmar esta autonomia do pensamento em relação ao cristianismo.

"Nem sempre, quer o Magistério, quer os grandes pensadores cristãos reagiram com esperança a este fenómeno"

Nem sempre, em cima do acontecimento, quer o Magistério, quer os grandes pensadores cristãos reagiram com esperança a este fenómeno. Muitas vezes reagiram à força criticando, denunciando, marginalizando. Até porque muitos destes homens eram cristãos, católicos ou protestantes, mas eram cristãos. Não vamos julgar ninguém, estamos a analisar fenómenos, e a história é o que é. Mas, no fundo, até ao Concílio Vaticano II, a Igreja frente a estes grandes fenómenos de autonomia do secular, quer na política quer na cultura, viveu um ambiente de ascese. Recorde-se quela página heróica do Concílio Vaticano II: os Padres Conciliares têm, num primeiro texto para aprovar, uma síntese de todas as condenações dos últimos anos desde o século XVIII para cá, mas esse texto é rejeitado dizendo que o Concílio não foi reunido para condenar ninguém; e é aprovada aquela belíssima mensagem da Assembleia Conciliar ao mundo contemporâneo, que é das coisas belas que o Concílio Vaticano II produziu e que vem sempre à cabeça de todas as edições do Concílio Vaticano II. Penso que nós não podemos imaginar o presente sem ter como pano de fundo esta longa história.

Vivemos do que resta?

"Às vezes tenho a sensação de que a Europa vive de resquícios"

No tocante ao presente, vou ser um bocadinho pessimista. Às vezes tenho a sensação de que a Europa vive de resquícios. Do que resta. Do que resta do racionalismo autónomo da fé; também ele está em crise, já ninguém está disposto a dar a vida por ele. Do que resta dum laicismo anti-clerical e anti-eclesial; nem a França que é a pátria do laicismo já vai nessa; hoje há montes de literatura sobre a laicidade do Estado que defende uma laicidade positiva e neutral, portanto, de cooperação possível com as crenças e com as religiões; mas, enfim, vivemos do que resta desse laicismo. Vivemos do que resta do marxismo ateu; a queda do muro de Berlim relativizou

tudo; o fim da antiga União Soviética pôs muita coisa em questão; mas ainda não acabou, há grupos, por aqui, por acolá, que ainda vivem nesse mito do marxismo ateu. Vivemos do que resta da vida monástica e religiosa; sejamos corajosos para o dizer; aí está agora a crise das vocações; há um mosteiro aqui ou acolá – alguns a resistirem às regras do tempo, vivendo mais do que seria normal. Vivemos do que resta. Será que vivemos do que resta da vida cristã em geral? É uma pergunta que deixo. A vida cristã das Igrejas na Europa é um resquício? Os nossos inimigos que querem uma Europa diferente dizem isso.

"a falta de unidade é problema eterno"

Problemas que subsistem: a falta de unidade é problema eterno. As diferenças são tão grandes e tão cavadas – estamos tão agarrados a pormenores –, que não sei se seremos capazes de lhe dar a volta. Vamos ver se o diálogo entre o Oriente e o Ocidente se mantém. A Europa vai ser confrontada com ele e vai ter de tomar uma opção. A candidatura da Turquia à União Europeia não é fácil porque ressuscita esta velha clivagem entre o Oriente e o Ocidente. E traz consigo uma outra clivagem actual e que ganhou uma actualidade dramática. Não resolvemos o confronto com o Islão e não estamos a resolver.

"o enfraquecimento preocupante da presença da Igreja e dos cristãos na sociedade dos homens"

A redescoberta do místico e do carismático como resposta? "Nesse que resta" eu diria que é o que está a dar. O problema grave foi o enfraquecimento preocupante da presença da Igreja e dos cristãos na sociedade dos homens. A última grande fórmula desta presença é a Acção Católica. Nós ainda não a recuperamos de uma maneira estruturada e com esse impacto na forma de evangelizar – esta presença significativa com que Pio XI lhe chamou "aquela consagração do mundo que é feita pela própria presença de cristãos" que de mãos dadas com os outros homens e mulheres constroem a sociedade justa e fraterna. Deu-se um grande enfraquecimento desta ideia; dá a ideia que recolhemos aos abrigos. Num mundo agressivo, recolhemos aos abrigos.

"Qual é o motor da esperança para uma nova Europa?"

Qual é o motor da esperança para uma nova Europa? É Jesus Cristo, sem dúvida. Mas é o Jesus Cristo que eu tenho que levar para o centro da cidade. Daí a vantagem da cultura e do diálogo intercultural. Não podemos esquecer, só tem influência na mutação cultural quem aceitar o incómodo de entrar nela. Se nós ficarmos na retaguarda pura e simplesmente a defender princípios, o mundo avança sem nós. Nós temos, com todas as forças que nos restam, de estar na escola, na política, na cultura, nas artes, de estar onde se joga o diálogo da mutação cultural.

"A evangelização da cultura é, porventura, a chave da evangelização da Europa"

O Santo Padre di-lo abundantemente, não preciso de o repetir. A evangelização da cultura é, porventura, a chave da evangelização da Europa. Já disse que um dos grandes desafios é retomarmos em termos novos esta presença dos cristãos na cidade. Isto faz parte duma catequese, dum sentido de missão.

E finalmente, continua de pé o problema da racionalidade. Os cristãos, se estiverem na cidade, podem ter um papel significativo (já não tenho a coragem de dizer decisivo) na construção de uma nova racionalidade. Ela é urgente. Se vai ter presença cristã ou não, não depende do Parlamento Europeu, depende da presença dos cristãos no debate cultural onde se joga exactamente o futuro da cultura.

Neste período novo, será possível encontrarmos um pólo dinamizador? Citamos no passado a comunidade, os mosteiros, a escola. Dá-me a ideia de que ainda não se sabe. Algumas correntes na Igreja de hoje querem fazer crer que este pólo central, à volta do qual gira a influência da Igreja na Europa, é constituído pelos grandes movimentos. Um dia destes, numa conferência que fiz fora do país, num tema parecido com este, alguém me veio dizer: não há dúvidas que o pólo hoje tem de ser a cultura. Eu, pessoalmente, continuo a apostar na comunidade. Uma comunidade abrangente, que inclui a comunidade cristã de base, que tem de ter a consciência pascal da sua novidade e a responsabilidade histórica da sua inserção na cidade. Tem a vantagem de poder dinamizar o que resta da vida religiosa e porventura a emergência desses novos movimentos. Para que a comunidade possa ser, neste período novo, este pólo dinamizador, há coisas em que certamente teremos de começar a pensar. É preciso não considerar intocável o modelo canónico de territorialidade na definição das comunidades: comunidades paroquiais, comunidades diocesanas, ou outras. Estão ainda conotadas a partir dum dado que noutros tempos era evidente, uma pluralidade e uma organização social a partir da estrutura da Igreja no território. Hoje o território é o coração do homem. São os dinamismos vários que atravessam as comunidades humanas. Atrevo-me a dizer que hoje a cultura é muito mais do que o território, do que a própria territorialidade física onde os cristãos se inserem.

"Hoje o território é o coração do homem"

ano espiritano em portugal regresso ao futuro

Quando me foi pedido para partilhar convosco como vivemos o Ano Espiritano recordei-me do que escreveu um historiador contemporâneo: "voltar às intuições do passado mudará a minha percepção do que está a acontecer hoje. Quanto mais entendo as minhas origens melhor entendo o meu lugar no mundo de hoje". Acabados de sair da celebração do nosso Jubileu acredito que experimentamos, de alguma maneira, um " regresso ao futuro".

Divulgar, Partilhar, Renovar e Celebrar

A decisão, saída do capítulo Geral de Maynooth, de organizar um Ano Espiritano com o objectivo de "*favorecer o renovamento da Congregação e a difusão da espiritualidade missionária espiritana*", foi acolhida pela Província de Portugal com entusiasmo.

A mensagem do Superior Geral (Pentecostes de 2002) esclareceu este mesmo objectivo e re-situou a vivência e a organização deste Jubileu, por parte das circunscrições: "o ano especial decidido pelo Capítulo de Maynnoth é uma oportunidade única para a renovação espiritual. Queremos voltar à inspiração das nossas origens para actualizá-la, respondendo de maneira criativa aos desafios do nosso tempo. (...) Se olhamos o nosso passado, é como uma preparação para uma longa travessia, para nos fazer ao largo com a força do Es-

* *Eduardo Miranda Ferreira, Conselheiro Geral.*

pírito".

Também a mensagem de João Paulo II à Congregação (20 de Maio de 2002) nos centralizou no essencial da nossa celebração jubilar: "convido-vos a permanecer fiéis à dupla herança dos vossos Fundadores: a atenção aos pobres, a todas as pessoas socialmente necessitadas ou desfavorecidas, e ao serviço missionário, ou seja o anúncio da Boa Nova de Cristo a todos os homens, de modo particular àqueles que ainda não acolheram a mensagem do Evangelho".

O mote estava dado e os referenciais para enquadrar a celebração do Ano Espiritano estavam traçados: voltar ao essencial, apelo à conversão e autenticidade, consagração ao Espírito Santo, fidelidade criativa às intuições originais, atenção aos pobres...

Partilho convosco, através de quatro ideias-força, como o Ano Espiritano foi fonte de inspiração a confirmar e/ou a determinar umas tantas opções em termos de vivência, de animação e até de administração da Província de Portugal.

A metodologia seguida para atingir os objectivos propostos foi a elaboração de um programa à volta de quatro temas que, por sua vez, deram origem a quatro comissões de trabalho, onde os leigos também tiveram acento: **divulgar,** para dar a conhecer quem somos; **partilhar,** para difundir a nossa espiritualidade; **renovar,** para dar maior vigor espiritual aos confrades e às comunidades; **celebrar**, para vincar o Ano Espiritano, através de celebrações marcantes dentro e fora das comunidades. Um secretariado fez a coordenação de todos os trabalhos.

A abertura solene e pública do Ano Espiritano fez-se nas dioceses do País onde temos inserção histórica significativa, com todas as celebrações presididas pelos respectivos bispos titulares. Esta opção por associarmos as igrejas locais às celebrações jubilares tem para nós um duplo significado: gratidão pelo acolhimento que nos tem sido dispensado pelas igrejas locais e oportunidade para aproveitar deste especial momento para dar um contributo ao despertar da consciência missionária.

Caminhos novos, missão de sempre

"As circunstâncias mudaram e a fidelidade ao ser espiritano colocou a questão da mudança de paradigma."

Como todas as províncias da Europa, a de Portugal, desde a sua origem em 1867, estava estruturada à volta da prioridade primeira que era a formação de novos espiritanos e que absorvia muitas das suas forças vivas. As circunstâncias mudaram e a fidelidade ao ser espiritano colocou a questão da mudança de paradigma. Afinal o que nos define verdadeiramente? O Ano Espiritano situou-se neste contexto de busca de novos caminhos da missão espiritana no mundo e na Europa, de vivência da vida religiosa e de uma actualização da fidelidade à vocação recebida. Essa preocupação levou a tomar iniciativas que pretendiam ajudar a reler o nosso mundo e a

encarnar o novo paradigma missionário espiritano: sobriedade, inserção humilde na vida dos pobres, intercâmbio, partilha, acolhimento do outro, testemunho coerente e presença profética amorosa.

a) Compromisso "Ad Gentes" em primeiro lugar

Até à década de oitenta a Província só conhecia dois destinos missionários: Angola e Cabo Verde. Por isso, a comunhão e participação nos novos projectos da Congregação tem merecido especial atenção. Alegra-nos que em pleno Ano Espiritano, cinco jovens confrades tenham partido em primeira nomeação para situações diversificadas e emblemáticas: Taiwan, Amazónia, México, Guiné-Bissau e Brasil. Angola, Moçambique, México e Cabo Verde são os lugares onde estão actualmente, em estágio missionário, quatro jovens professos.

b) Missão na praça.

"A Missão num Mundo incerto", foi o lema do colóquio realizado na Torre d' Aguilha, de 7 a 9 de Junho de 2002. Nele intervieram pessoas da Igreja, da Congregação, da política e da cultura que trataram brilhantemente os seguintes os temas: "As incertezas do Mundo Contemporâneo"; "Que missão para a Europa?"; "A Missão na fronteira e as fronteiras da Missão"; "Amazónia, missão e espiritualidade da terra;" "Integração Dhármica e a glabaliza-ção: Justiça, Paz e Integridade da criação"; "África, a missão da esperança e a espiritualidade da inculturação" e "Uma perspectiva histórica sobre a missão espiritana". O colóquio teve a presença de centena e meia de participantes e tem suas actas publicadas em "*Missão Espiritana*", nº 2.

"*MISSÃO ESPIRITANA*" é o nome da revista das circunscrições espiritanas lusófonas, lançada durante o Ano Espiritano. Projecto antigo, viu agora a luz do dia como revista de carácter científico e com conteúdo missionário e missiológico que não esquece o específico espiritano. Esta revista nasce da convicção de que a língua é a voz de uma cultura e, depois da fé, é certamente, o traço mais fortemente unificador, que não uniformizante, mas antes respeitador de diferenças históricas e outras.

O Jubileu foi também oportunidade para apresentar a Missão através de uma exposição missionária - "*Alarga o espaço da tua tenda*" - que teve lugar aqui, na Torre d`Aguilha. Serviu para mostrar como, desde 1703, foram muitos os homens e mulheres que encontraram um espaço de acolhimento e de esperança na "tenda" que os missionários espiritanos foram construindo através do mundo. Um dos aspectos particularmente trabalhados foi o do lugar da mulher nas culturas africanas.

"Um dos aspectos particularmente trabalhados foi o do lugar da mulher nas culturas africanas."

A consciência da perversidade da afirmação de que só existe o que é notícia, não ofusca a lucidez que nos faz perceber a importân-

cia de conseguir pôr os *mass media* a falar Missão. Fruto do empenho de alguns confrades e vários leigos amigos, os Meios de Comunicação Social deram grande relevo e cobertura à celebração dos 300 anos de missão espiritana. Um canal de serviço público de TV dedicou cinco programas a aspectos da missão espiritana e um outro privado transmitiu duas eucaristias e dedicou-nos quatro programas especiais de 60 minutos cada.

Para estudo, reflexão, meditação e divulgação foram publicados cinco livros, sobre espiritualidade e missão, durante o Ano Espiritano.

c) Missão Universal na Igreja local

Além de referência aos "nossos" leigos que trabalham na animação missionária nas suas paróquias, com as mais variadas iniciativas e vigoroso empenho, há que destacar a atitude dos bispos portugueses que, em Conferência Episcopal, nos distinguiram com dois actos de grande relevo e importância: aprovação dos estatutos dos nossos Movimentos laicais (LIAM - Liga Intensificadora da Acção Missionária, MOMIP - Movimento Missionário de Professores, JSF - Jovens Sem Fronteiras) e a nota Pastoral "Fazer-se ao largo, com a força do Espírito. Os 300 anos dos missionários do Espírito Santo".

Presentes na igreja local também, mas para servir as situações mais carenciadas, vamos entregar a paróquia de S. Domingos de Rana, a nós confiada há mais de 50 anos, para assumirmos uma paróquia a criar, a Abóbada, exactamente nas periferias da Torre d'Aguilha, onde está surgindo um fenómeno de rapidíssima urbanização.

d) Festa dos Povos, onde os imigrantes sobem ao palco

"congregar num só coração e numa só alma os povos imigrantes"

Esta é uma iniciativa que nasceu há três anos no Seminário da Torre d'Aguilha, para congregar num só coração e numa só alma os povos imigrantes de diversos continentes, raças e culturas, em que a comunidade espiritana e a Capelania dos Africanos (confiada aos Espiritanos) têm estado empenhadas.

No Ano Jubilar, a Festa foi feita em parceria com a autarquia local de Cascais, bem como com os movimentos espiritanos, mormente o CEPAC - Centro Padre Alves Correia - e os JSF que tiveram um papel muito activo neste acontecimento.

e) Planeta jovem em Missão

A secção juvenil da nossa animação missionária, denominada Jovens Sem Fronteiras (JSF), teve uma acção muito empenhada em todas as celebrações jubilares, dando-lhes cor, ritmo, vitalidade. O XV Encontro Nacional, reuniu na Torre d'Aguilha mais de 200 jovens que assim juntaram a celebração dos 300 anos da Congregação e dos seus 20 anos de fundação. Além da natural mais valia

da aposta nos jovens, temos a alegria de ver alguns partir em voluntariado missionário e algumas entradas na Congregação.

Nas Jornadas Espiritanas Jovens da região Europa, que juntaram em Paris, de13 a 20 de Julho de 2002, à volta de 120 jovens, Portugal esteve presente com quarenta.

Dinamismo espiritual e comunitário: Reavivar o carisma

Partimos para o Ano Espiritano convictos de que a capacidade de olhar a nossa realidade vivida em vista de uma expressão autêntica do nosso carisma no mundo de hoje passa, necessariamente, pela *operação verdade* de que fala o Superior Geral na sua mensagem jubilar.

O apelo do Ano Espiritano era claro: regenerar o tecido carismático do nosso Instituto. Confrades houve que no final do Ano Espiritano, testemunharam a alegria de ser espiritanos e o orgulho de serem do número dos quase 15.000 Espiritanos que já foram parte desta família. Um maior contacto com o perfil humano e espiritual dos Fundadores, com as suas intuições originais e com os desafios da missão hoje, proporcionado durante o Ano Jubilar, despertou um sadio ambiente de esperança, vitalidade, festa e renovação espiritual, conforme reconhecido em inquérito à Província em preparação do Conselho Provincial Alargado (CPA/2003).

"O apelo do Ano Espiritano era claro: regenerar o tecido carismático do nosso Instituto"

a) O regresso ao futuro

O Jubileu interpelou a Província quanto à sua responsabilidade de "provocar" os confrades a "formarem-se constantemente para sermos fiéis à nossa vocação na Igreja e no mundo" (RVE.142). Tal fidelidade passa por revisitar as intuições originais dos Fundadores e captar os desafios da Missão-hoje. O Ano Espiritano, ao fazer-nos avançar para o futuro, mas sem despregar os olhos do passado, ajudou a consciencializar como a Formação Permanente é um elemento decisivo de uma qualificada espiritualidade. Nos últimos tempos, em vários momentos e instâncias da Província, têm sido estudadas temáticas de muita actualidade: globalização, Justiça e Paz e Integridade da criação, Gestão e Missão e Relações Humanas (*Eneagrama* e outras abordagens de conhecimento pessoal). Estas acções de formação têm sido oferecidas aos confrades e aos leigos mais próximos de nós.

"a Formação Permanente é um elemento decisivo de uma qualificada espiritualidade"

Uma pequena publicação, o PRO ANIMA (programa de animação), serve para veicular certas iniciativas que se pretendem mobilizadoras dos confrades e das comunidades e que no Ano Espiritano forneceu muitos subsídios sobre os Fundadores e desafios da missão. O último número, já na sequência do Jubileu, convida cada confrade a fazer o seu P.P.V. – Projecto Pessoal de Vida - e a cuidar

do seu acompanhamento espiritual conforme recomendação da RVE e do CPA/2003.

b) A comunidade constrói-se

A dinamização da Vida Comunitária tem na elaboração e avaliação do projecto comunitário um instrumento privilegiado. No Ano Espiritano foi solicitado a todas as comunidades que avaliassem o seu projecto e clarificassem bem os objectivos específicos da comunidade. Igualmente foi feita uma insistência na preparação cuidada das reuniões de comunidade e na valorização e qualificação dos serviços de superior e ecónomo.

c) Ancianidade, uma riqueza a integrar

Cinquenta espiritanos europeus, com mais de 65 anos vieram, de 15 a 22 de Maio de 2003, em visita/peregrinação a Fátima e às diversas casas da Província. Foi-nos grato acolher os confrades nas comunidades por onde passaram. As cartas de agradecimento e contentamento pela iniciativa só há pouco pararam de chegar. Vários disseram que, para eles, este foi o momento mais forte do Ano Espiritano, até porque significou que os anciãos não foram esquecidos.

Missão partilhada e animação missionária

A Província tem uma longa e concreta tradição de envolvimento missionário na Igreja em Portugal, iniciada há 67 anos com o movimento LIAM, envolvimento que, pelo andar do tempo, fez nascer outros movimentos e iniciativas. Como foi reconhecido no CPA/2003, podemos dizer que o ambiente jubilar solidificou e clarificou muito do trabalho feito junto e com os leigos e outras instituições: o investimento na formação dos leigos através do CESM (Centro Espírito Santo e Missão), a criação das primeiras Fraternidades Espiritanas, o seu crescente envolvimento na nossa Espiritualidade e Missão, a colaboração-parceria com os Institutos Missionários ad Gentes, as Obras Missionárias Pontifícias e a Fundação Evangelização e Culturas, os protocolos com a ONG Sol sem Fronteiras, as campanhas jubilares de solidariedade, o empenhamento em campanhas e iniciativas no âmbito da Justiça e Paz e da antena AEFJN, a melhoria das publicações e a intervenção nos Media. Uma particular solicitude da Província, reforçada neste ano jubilar, tem sido dispensada, em pessoas, atenção e finanças ao CEPAC, centro de acolhimento a emigrantes africanos e à Capelania dos Africanos (diocese de Lisboa), um e outro ao cuidado pastoral dos Espiritanos.

a) Missão com paixão

Realizaram-se em Fátima no fim-de-semana de 14 a 16 de

Fevereiro de 2003, as I Jornadas de Espiritualidade Missionária. Congregaram cerca de 500 pessoas entre confrades, Irmãs Espiritanas e leigos dos nossos diversos movimentos, além de amigos e simpatizantes. Oração e estudo, com palestras sobre o Espírito Santo na Igreja e na Missão, foram os momentos fortes destas Jornadas, condimentados com testemunhos de partilha e encenações pelos jovens. Seu principal contributo terá sido o desafio a todos lançado: o/a missionário/a define-se menos como homem/mulher de acção e mais como homem/mulher de paixão.

b) Leigos: parceiros em Espírito e Missão

Uma das notas mais relevantes da celebração do Ano Espiritano está, sem dúvida, no empenho e entusiasmo dos "*leigos espiritanos*". A participação activa nos diversos eventos oficiais foi francamente positiva. Mas mais significativas foram as acções (celebrações, vigílias, campanhas...) organizadas e levadas a cabo pelos leigos, mais velhos e jovens, nas suas diversas paróquias e dioceses.

"Uma das notas mais relevantes da celebração do Ano Espiritano está, sem dúvida, no empenho e entusiasmo dos "leigos espiritanos".

Em inícios de Agosto de 2002, o MOMIP (Movimento Missionário de Professores), realizou a França a peregrinação "*nos Passos dos Fundadores*. Outros colaboradores e amigos se juntaram, perfazendo um total de 90 pessoas.

c) Com a Força do Espírito

O Ano Jubilar deu oportunidade ao incremento do recém criado CESM - Centro Espírito Santo e Missão - prioritariamente pensado como espaço de formação e espiritualidade para a Família Espiritana, mas também vocacionado para favorecer aos jovens, religiosos, sacerdotes e casais uma renovação pela força do Espírito. Fruto de busca promissora durante o Jubileu, a Província decidiu-se pela sua ubiquação no Seminário da Silva, onde o espaço, ambiente natural e silêncio são propícios à reflexão espiritual.

"Há uma esperança para o teu futuro" (Jer.31,17)

Este lema serviu de inspiração ao CPA/2003, que foi vivido no rescaldo da celebração jubilosa do Ano Espiritano. A Província avançou para a celebração jubilar consciente que urge combater a tendência para recear o futuro e fixar-se na contemplação do passado glorioso. Parar é morrer. É preciso inventar o futuro.

"Parar é morrer. É preciso inventar o futuro."

a) O testemunho alegre e contagiante gera vida nova

O mais precioso de todos os grandes eventos das celebrações jubilares foi a ordenação sacerdotal, nas suas paróquias de origem, de quatro jovens espiritanos: três em 2002 e um em 2003. Significativamente estes quatro jovens são originários de paróquias (3 em Portugal e 1 em Cabo Verde) entregues ao cuidado pastoral dos Espiri-

tanos. Foram quatro os noviços que no dia 8 de Setembro de 2003 emitiram os primeiros votos na Congregação. Boa chave, para encerrar o Ano Jubilar.

b) Formação Inicial: Interculturalidade e Solidariedade

A Província acolheu a decisão da região Europa em iniciar o Noviciado Europeu em 2004, e reafirmou a sua determinação em continuar a acolher estudantes de outras circunscrições (a comunidade do II ciclo tem 12 jovens de oito nacionalidades; número que poderá subir para onze nacionalidades no próximo ano). A Província tem um jovem professo a fazer o II ciclo em Nairobi e um outro em Madrid. Desde há dois anos um confrade do hemisfério sul integra a equipa de formação. Um dos confrades do Sul que fez a sua formação na Província acaba de receber a sua primeira nomeação para Portugal.

c) Centro Vocacional Espiritano/CVE

Já sabíamos, mas o dinamismo do Ano Espiritano mais o explicitou: despertar vocações é mais uma geração que um recrutamento. Nosso testemunho é o dom mais precioso que podemos oferecer aos jovens. No CPA/2003, foi decidido que a pastoral vocacional continue a ser uma prioridade da Província, na sua dupla componente do despertar vocacional e do acompanhamento dos jovens na sua resposta ao chamamento. Para tal foi criado o Centro Vocacional Espiritano.

"Nosso testemunho é o dom mais precioso que podemos oferecer aos jovens."

d) Leigos Espiritanos: um dinamismo emergente

Três apostas foram particularmente trabalhadas no tocante aos leigos espiritanos: formação cuidada por um itinerário pré-estabelecido, maior protagonismo dos leigos nos movimentos espiritanos e sua responsabilização no ministério de animador missionário laical.

Foi já na sequência do Ano Espiritano que três leigos (dois homens casados e um senhora solteira) fizeram o seu contrato de leigos associados. Um número razoável fez o ciclo de formação e já manifestaram igual desejo.

e) Na esperança gerimos a mudança, solidários na Missão

O Ano Espiritano foi também fonte de inspiração para o discernimento a fazer no tocante à gestão dos recursos humanos e materiais. Reconhecemos que nossos recursos humanos são limitados (em função do número, da idade e da competência técnica especializada) o que significa que não podemos contar apenas, com os membros professos. A assistência aos confrades dependentes está assegurada através de uma parceria feita com uma associação de solidariedade social que tem um lar a funcionar num edifício espiritano. No passado verão, um antigo seminário menor foi cedido para

uma escola profissional de deficientes. A administração da Torre d`Aguilha, na sua vertente de casa de acolhimento, é assegurada por um gestora leiga.

A filosofia económica e financeira teve que sofrer um grande reajuste para o que se procurou ter como referenciais máximos a solidariedade com a missão, a modernização e uma visão de futuro. O recurso a conselheiros experimentados, às vezes antigos seminaristas espiritanos, tem sido importante; também o facto de a Província ter incrementado a sua participação na solidariedade à missão (Cor Unum, CESS/região Europa, SES, e o acolhimento na formação a jovens espiritanos) confirma a justeza das opções feitas.

Frutos do ano espiritano ?

A semente parece ter sido bem lançada e bem acolhida, tanto no espaço interior da Província, como entre os amigos, colaboradores e simpatizantes, e até em diversas dioceses.

O inquérito feito à Província para preparar o CPA/2003, manifestou o apreço dos confrades pela vivência enriquecedora do Ano Espiritano que se notou particularmente nos apelos a uma renovada espiritualidade e na seiva nova que percorreu todos os canais da nossa animação missionária.

Duas convicções, nos parece, se foram solidificando no coração de confrades e leigos espiritanos: o missionário é a primeira "terra de missão" e, urge dissipar a impressão de que "a missão específica Ad Gentes parece estar numa fase de afrouxamento" (R.M.2).

Do Ano Espiritano acolhemos o triplo apelo: "reavivai o dom que recebeste" pois, se cada um de nós, "viver com autenticidade o carisma espiritano" há, de certeza "uma Esperança para o teu Futuro!".

a "auto-identidade" dos espiritanos nos estados unidos do leste

"Antigas Províncias – há muitos sinónimos ou palavras associadas ao termo "antigo". "Venerável" talvez seja um substituto adequado. "Sábio" talvez seja outro. "Arcaico" talvez seja um terceiro termo. Ou mesmo "decrépito", talvez sirva como descrição correcta. Eu escolheria a frase "envelhecendo com graça" – e espero que este seja o termo exacto. Há "tendências de envelhecimento" que são aplicadas a cada Província representada neste painel. O mais óbvio, e de uma certa maneira dramático, é o declínio dos membros, a falta de novos candidatos e os efeitos (em mentalidade e energia) do envelhecimento dos membros. Cito como exemplo, a situação da Província dos Estados Unidos do Leste.

Nos seus tempos áureos, no fim dos anos 50 e no início dos anos 60, a Província dos Estados Unidos tinha, em número, perto de 350 membros – excluindo os candidatos. A Província tinha pessoal e mantinha os seus próprios seminários (em todos os níveis), um bom número de escolas secundárias, muitas paróquias, uma grande universidade, vários ministérios sociais (como um centro para crianças abandonadas em Filadélfia) e uma presença missionária activa na África do Leste e em Porto Rico.

Agora, as nossas actuais estatísticas são estas: temos 67 membros que têm como província de origem a Província dos Estados Unidos do Leste. Destes 67 membros, 25 são "tecnicamente" activos. Todos os outros são formalmente aposentados. Dentre estes 25 membros activos, dois confrades têm, respectivamente, 91 e 85 anos. Não há candidatos em formação, seja a que nível for. Nos últimos oito meses, oito confrades faleceram – à média de uma morte por mês.

---

[*] *James Mccloskey, Conselheiro Geral.*

Esta tendência demográfica, juntamente com outros factores, contribui para um certo e claro peso na Província. Necessariamente, recursos e solicitude pastoral são devotados aos cuidados dos idosos e dos enfermos. A crise da pedofilia do clero nos Estados Unidos, também tem contribuído para um medo e um mal-estar por parte de muitos membros. A quebra do relacionamento entre o clero americano e os bispos, tem favorecido o triste resultado desta crise. Os desafios da Província não são poucos.

"Apesar deste contexto "pesado", o vigor e a energia missionária da província são claros e fortes."

Apesar deste contexto "pesado", o vigor e a energia missionária da província são claros e fortes. Continuamos a manter uma presença activa nas Províncias da África do Leste, África do Sul, Etiópia e Porto Rico. Há um jovem confrade americano comprometido no trabalho com refugiados na Tanzânia. Há ainda um que brevemente partirá para a nova iniciativa espiritana regional na República Dominicana. Os nossos compromissos com as comunidades afro-americanas no Harlem, New York e Dayton continuam fortes. O ministério de dois dos nossos confrades no Serviço Católico de Auxílio, em Baltimore e Maryland, tem um significado especial para nós.

Talvez a mais significativa "mudança" que experimentamos é a da auto-definição. O facto da diminuição de membros e do aumento da idade tem sido contrabalançado pelo aumento da presença internacional de espiritanos na Província. Esta tendência demográfica fala por si mesma: como acréscimo dos 67 membros da Província, temos 18 membros "nomeados" para a Província que vêm de outras Circunscrições, incluindo duas novas nomeações do Haiti e da Província da África do Oeste. Estes confrades da África, Europa e do Caribe são párocos, professores, conselheiros e missionários – alguns em comunidades de imigrantes no Leste dos Estados Unidos. O nosso sentido de independência tem evoluído necessariamente para uma mentalidade mais expansiva, mais criativa, mais inclusiva e mais cooperante.

É especialmente importante a presença na Província do Leste dos Estados Unidos de 17 espiritanos que estão tirando uma especialização. Estes confrades das Províncias da África e Haiti (estão: 9 na Universidade de Duquesne, 3 na Fordham University, 2 na Universidade Católica da América, 1 na Notre Dame University, 1 na Marquette University e 1 na Loyola University) frequentam cursos de teologia, filosofia, negócios, aconselhamento, comunicação e administração educacional. As contribuições que eles darão à suas Províncias no futuro são formidáveis.

O exemplo da comunidade de formação na União Teológica Católica em Chicago pode ser um exemplo típico de internacionalidade Os candidatos do 2º ciclo residem numa paróquia, sob a jurisdição da Província dos Estados Unidos do Leste, composta por paroquianos Afro-Americanos, Haitianos e Latinos. Há 5 candidatos

espiritanos: um da província do Haiti, um da Tanzânia e três vietnamitas, que são estudantes da Província Oeste dos Estados Unidos. O Director de Formação é um membro da Província do Trans-Canadá, o pároco é da Província Oeste dos Estados Unidos e dois membros da faculdade são das Províncias da Nigéria e Inglaterra. As comunidades na Universidade de Duquesne são compostas por membros de oito grupos nacionais, vivendo, trabalhando e estudando juntos.

O ritmo de mudança na auto-identidade tem sido rápido para nós. Somos encorajados pela direcção espiritana dos nossos institutos educacionais, particularmente o da Universidade de Duquesne. A criação do Centro para Resolução de Conflito, e dos dois propostos centros - o Centro Católico Social do Pensamento Espiritano e o Centro de Espiritualidade Espiritana - são contribuições únicas para a identidade da instituição espiritana. De qualquer maneira, agora estamos muito mais conscientes da nossa identidade espiritana do que antigamente. Sentimos de maneira forte e consensual, que os contributos da Universidade para o avanço da missão espiritana são grandes e ricos. Estas riquezas podem ainda ser mais exploradas.

Fizemos um esforço sério para dar apoio às comunidades espiritanas com necessidades financeiras ou de outra natureza. Atenção particular tem sido dada aos projectos e às Províncias com as quais temos ligações históricas, como por exemplo: África do Leste, Etiópia, mas também os projectos regionais do Haiti, México e agora a República Dominicana. O escritório para angariar fundos foi confiado ao Generalato para projectos internacionais – enquanto que a Província continua a esforçar-se por organizar apelos missionários e fundos para projectos específicos.

"O nosso decrescente número de membros e o estado da Igreja Norte Americana forçou-nos a sairmos de nós mesmos "

O nosso decrescente número de membros e o estado da Igreja Norte Americana forçou-nos a sairmos de nós mesmos – para servir colaborando com leigos e leigas, Associados espiritanos e outros, para identificar aquilo que é unicamente espiritano, e "falar" disto aos nossos colegas espiritanos em comissões, faculdades, conselhos paroquiais e nas missões. Não temos a pretensão de que este assunto sobre leigos associados – e também sobre a internacionalidade na Província – seja claro ou fácil. Não se trata de simples tendências, mas mudanças radicais na vida e no apostolado. Podem ser, ao mesmo tempo, ameaçadores e perturbadores. Mas encontramos forças para a luta. A crise do clero tem também provocado um exame de consciência crítico – moralmente e pessoalmente para os Espiritanos. Quanto menos e mais vulneráveis vamos sendo, mais abertos nos tornamos para ouvir, partilhar e alargar a consciência de nós mesmos.

"Quanto menos e mais vulneráveis vamos sendo, mais abertos nos tornamos para ouvir, partilhar e alargar a consciência de nós mesmos."

província de frança: preparar o futuro

O tema do nosso último Capítulo Provincial (Julho de 2003) foi : "virados para o futuro". Apesar da nossa diminuição em número e das nossas reais fragilidades, trata-se de estarmos presentes num mundo que evolui. Para alcançarmos o nosso objectivo, parece-me importante "aprofundar a nossa identidade espiritana" para discernirmos o que podemos fazer juntamente com outros e para vivermos a solidariedade com o conjunto da Congregação. A quando das celebrações do Ano Espiritano, encontramos um grande acolhimento e boa compreensão por parte das Igrejas locais. Sentimos quanto as Igrejas nos estão reconhecidas pelo nosso trabalho missionário em todo o mundo, mas também pela nossa colaboração nas dioceses. Tivemos grandes alegrias, mas devemos igualmente preparar o futuro.

As alegrias

a) Escutar novos apelos

Desde há vários anos que os bispos franceses não hesitam em se voltarem para nossa Congregação e lhe pedir que assuma o encargo de sectores pastorais. Foi assim que pudemos responder a alguns pedidos, quer em Estrasburgo quer na região Parisiense. Em Setembro, será aberta uma nova comunidade nos arredores a Sul de Paris. O critério principal é uma presença nos sectores em que vivem as populações desfavorecidas, muitas vezes provenientes da emigração. Os bispos pedem a nossa ajuda, parece-me, por duas razões: por um lado, faltam-lhes padres; mas fazem-no tendo em conta a nossa experiência missionária, para irmos para os sectores pastorais com predominância de emigrados.

* *Christian Berton, Conselheiro Geral.*

A Província de França escutou o apelo para a "Justiça e Paz". Procura comprometer-se efectivamente, e isso de duas maneiras: através de uma maior animação das comunidades, e através da tomada de consciência de que o compromisso na "Justiça e Paz" é constitutivo da nossa missão espiritana, isto faz-se de forma lenta, mas segura. Ela conduz a compromissos efectivos dos confrades nos grupos ou associações que lutam pela justiça e paz. Estes compromissos nem sempre são conhecidos, mas significam uma vontade clara de lutar contra as desigualdades que minam as sociedades e conduzem muitas vezes às guerras.

• A nível estrutural, pela nomeação de confrades junto dos organismos nacionais ou internacionais (AEFJN[1]; ACAT[2]).

b) A missão partilhada

"Já não é possível caminhar sozinho para viver a missão"

Já não é possível caminhar sozinho para viver a missão. A província de França constata que deve pôr em comum os seus meios e estruturas. Ela beneficia da ajuda de uma vintena de confrades vindos de outras circunscrições, 14 dos quais jovens vindos de Angola, da EAP, da FANO, da Nigéria da PAC e da Polónia. Partilham a missão da Província com entusiasmo e eficácia. Estão nomeados prioritariamente para comunidades que exprimem mais fortemente as prioridades da Província (OAA; "comunidades *inter-peuples*"; pastoral de migrantes). É normal que esses jovens confrades tenham necessidade de um tempo de adaptação para poderem enfrentar as realidades da sociedade francesa e da pastoral da Igreja local. A Província da França só poderá continuar a sua missão graças a esta solidariedade. Constatamos que as comunidades internacionais dão um bom testemunho de vida comunitária, apesar das dificuldades que possam existir aqui ou ali.

"A Província da França só poderá continuar a sua missão graças a esta solidariedade"

A Província da França descobre com felicidade a partilha das responsabilidades e dos compromissos com os leigos. Alguns são associados, outros não. Partilham os nossos compromissos na *Obra d'Auteuil* e nas revistas. Ajudam-nos na gestão das comunidades (economato) e no acolhimento a grupos nas nossas casas. Trazem-nos competências que os confrades forçosamente não possuem e abrem as nossas comunidades a um novo estilo de presença espiritana em França.

A Província de França continua a pôr em comum os meios com outras congregações ou organismos. Assim, participa no trabalho de organismos de envio em cooperação (DCC[3], SCD[4]). Neste domínio, seriam necessários mais confrades disponíveis para ajudar os jovens

[1] "África – Europa – Fé e Justiça, Net"
[2] "Acção dos Cristãos para a Abolição da tortura".
[3] "Delegação Católica para a Cooperação"
[4] "Serviço Cooperação e Desenvolvimento"

que partem ou que regressam de um longo tempo de cooperação. Ao nível da animação vocacional, a província de França procura trabalhar em comum com outras congregações religiosas apostólicas. Recentemente, a rede JEM, "Jovens em missão", tornou-se uma rede inter-congregacional.

c) Vibrar com uma espiritualidade missionária.

A celebração do ano espiritano 2002-2003 foi um grande momento para a Província de França. Organizou-se uma notável exposição, largamente difundida, graças às comunidades da província. Os confrades tiraram tempo para se renovar, pessoalmente ou em comunidade: leituras, retiros, peregrinações. Aprofundaram a espiritualidade espiritana, voltando às fontes que são para nós Poullart des Places e Francisco Libermann. Para isso foram ajudados pela difusão de um livro: "Rezar 15 dias com Francisco Libermann"[5]. Os confrades partilharam este acontecimento, organizando colóquios, exposições, conferências. Algumas dioceses acolheram favoravelmente as propostas feitas pela Província. Assim, a diocese de Rennes decidiu fazer de todo ano um ano de Poullart des Places.

Desafios

a) Como compreender a missão específica da Província de França?

Há alguns decénios, identificava-se facilmente o trabalho missionário como o trabalho específico das congregações missionárias ou de padres *Fidei donum*. Mas chegamos a um momento em que, por vezes, se ouve dizer que a missão é em toda a parte. Este modo de dizer ou de ver comporta o risco de uma certa confusão para a nossa Província. Há um trabalho especificamente missionário para os espiritanos e para a Província de França? Qual? Onde? A resposta a estas perguntas é essencial se pensamos que podemos dar alguma coisa à Igreja. Elas conduzem alguns a perguntarem-se com alguma incompreensão: é pertinente ainda enviar confrades para outros continentes? Teremos um lugar missionário na nossa Igreja de França? Para que serve tomar compromissos novos na Europa? Seremos capazes de os aguentar? Desde há tempos que a Província de França procura responder a apelos concretos. Mas pode haver um risco de dispersão. Outros guardam uma impressão de descomprometimento em relação às circunscrições espiritanas, onde numerosos confrades trabalharam toda a sua vida.

O desafio que está em questão é a nossa solidariedade com o conjunto da Congregação. Quais serão as prioridades pelas quais se vai

[5] Por Arsène Aubert, Nouvelle Cité,nº73.

exprimir a nossa solidariedade, tanto a nível de confrades e de finanças, como dos compromissos novos que a Província poderá tomar? Mas, igualmente, será que as prioridades missionárias da Província são suficientemente claras e motivadoras para que possam contar com a solidariedade das outras Circunscrições?

b) Como nos adaptar às exigências da nossa sociedade?

As exigências são de todas as épocas e de todos os continentes. Mas sentimo-las com uma pressão maior hoje, em razão de novos factores.

Cada vez mais trabalhamos com pessoas que adquiriram competências pela sua formação e que estão a um "nível de topo" na sua especialidade. Isso vale particularmente no domínio da educação. Na Obra dos Órfãos d'Auteuil os espiritanos encontram pessoas que possuem uma formação sólida e uma longa experiência para enquadrar jovens em situação difícil. Constatei que o serviço da tutela da Obra confiada à província da França supõe uma grande vigilância para responder às exigências actuais, tanto na vida das casas (capelães, participação nos conselhos das casas) como na gestão de uma obra tão importante.

O acolhimento dos nossos confrades idosos é um cuidado constante. Mas a Província deve corresponder às normas exigidas pela administração. Nem sempre é fácil seguir a evolução da legislação. Por vezes ficamos na indefinição. Mas reconhecemos que aquilo que, há vinte e cinco anos atrás, era bom, hoje está totalmente desactualizado. O desafio é duplo: trata-se, antes de mais, de dar aos nossos confrades condições para uma velhice feliz; em segundo lugar, há aí também desafios de carácter financeiro uma vez que determinados apoios do Estado só poderão ser recebidos se as nossas estruturas de acolhimento estiverem conformes com a legislação em vigor. O mesmo se diga para as casas de acolhimento. Também aqui nos devemos conformar com a legislação em vigor, o que exige uma atenção muito grande e obras de conservação de elevado preço.

" acolhimento dos nossos confrades idosos é um cuidado constante"

" aquilo que, há vinte e cinco anos atrás, era bom, hoje está totalmente desactualizado"

A Província da França está também consciente de que a comunicação é um importante meio para a animação missionária. Também neste domínio, ela tem de se adaptar para que seja escutada uma palavra diferente, quantas vezes abafada pelos poderosos e omnipresentes 'media'.

c) Como gerir o nosso património?

A Província de França tem um património significativo, sobretudo numerosas casas que, antes de mais, serviram para a formação dos espiritanos antes da sua afectação missionária. Já há alguns anos atrás, a questão foi colocada na assembleia dos provinciais da Europa: que vamos fazer destas nossas "casas emblemáticas"?

Estas casas requerem pessoal para a sua manutenção. Ora nós constatamos que a Província não tem mais pessoal disponível ou competente para esta tarefa. Absorvem também muito dinheiro. Que vamos fazer? Transformá-las em casas de acolhimento para grupos não é fácil e nem sempre é conveniente, se a sua situação geográfica não permite a realização deste acolhimento. O último Capítulo provincial pediu ao conselho para rever as nossas implantações espiritanas em França : "fazer a lista das casas que serão precisas para as nossas necessidades" e "para as aberturas ou os encerramentos a efectuar, ter em conta os critérios apresentados na RVE (25.1)." Com o tempo, o mapa da nossa presença espiritana em França poderá ser profundamente alterado. A gestão desta questão deve prestar atenção particularmente a certas implantações ligadas à história dos nossos Fundadores.

Gabriel E. Ezewudo*

a província nigeriana alegrias e desafios de uma jovem província

A Província nigeriana é simultaneamente nova e antiga na Congregação. A antiga Província nigeriana foi criada em 1983. A sua área cobria a presença espiritana na maior parte do país, pois incluía a Província da Nigéria-Leste (desde 1976) e o antigo Distrito Kwara-Benue. O Distrito de Makurdi uniu-se à WAF desde 1979. A nova Província foi criada no mandato do presente Conselho Geral, em 2 de Outubro de 2001, e cobre também a área de Makurdi, formando uma única Província para todos os espiritanos em Nigéria. Tornei-me provincial e começamos a lançar a estrutura de uma Província constituída por quatro regiões (As regiões de Ekiti, Makurdi, Okura e Onitsha). Actualmente temos 476 membros professos e 12 espiritanos exilados.

A estrutura da nova Província nigeriana

Baseado nas orientações adoptadas em Itaicí (1992) para implementar a Regionalização, a Província da Nigéria é uma das 3 Circunscrições africanas que tem regiões. As outras são a WAP e a PAC. A regionalização na Nigéria tem as seguintes peculiaridades:

a) As quatro regiões derivam do mesmo país. Apesar dos confrades pertencerem a uma Região por nomeação, há uma tendência para se reflectir sobre a composição étnica de cada região, para salvaguardar sua identidade. Nas Regiões da WAP e da PAC procede-se de forma diferente.

* *Gabriel E. Ezewudo, Provincial da Nigeria.*

b) As regiões da Nigéria actualmente estão crescendo em número, contrariamente ao que está a acontecer na Europa e na América, em que as experiências de colaboração das Províncias estão diminuindo.

c) Há um entendimento táctico de que as nossas Regiões caminharão para se tornarem Províncias; neste momento encontram-se em graus diversos de desenvolvimento.

Cada Região tem o seu Conselho Regional e desfrutam de uma semi-autonomia e de algumas competências; mas tudo está sob a responsabilidade de um único Superior. O Capítulo Provincial, que aconteceu em Julho de 2002, estabeleceu as directrizes para o relacionamento entre a Província e as Regiões. Os Superiores Regionais são membros do Conselho Provincial; o Conselho reúne-se ordinariamente quatro vezes por ano.

O que acaba de ser dito serve como um esboço da estrutura da nova Província Nigeriana, que temos trabalhado nestes três últimos anos (Cf. *Relatório do Superior Geral para informações sobre os itens-chave de informação da Província Nigeriana).*

Alegrias e desafios

"O anúncio da criação de uma única província espiritana na Nigéria foi recebido com uma alegria estrondosa."

a) Uma província: o nosso testemunho de unidade

O anúncio da criação de uma única província espiritana na Nigéria foi recebido com uma alegria estrondosa. Serviu como testemunho evangélico na Nigéria, onde o conflito étnico e as divisões têm caracterizado a política desde a independência em 1960. Se a nação tivesse lutado para manter a unidade política e económica, a Igreja que está dividida por linhas étnicas, teria dado um mau exemplo à sociedade nigeriana. Isto seria ainda pior para uma Congregação que tem como lema cor unum. Recebemos elogios de autoridades eclesiais e de outras congregações religiosas por nos termos unido numa província única. Porém, persistem velhos hábitos e mentalidades que não mudam facilmente, ressentimentos, medo de dominação e sentimentos de marginalização. Um regional só acolheria bem nomeações de confrades originários dessa região. Outro temeria que a província estivesse trabalhando para a extinção da sua Região.

b) Proximidade da Administração e Respostas prontas numa grande Província

Ter superiores regionais que representem a Província nas suas áreas de competência tornou-se uma prática e base de proximidade. Isto ajuda na situação em que a Congregação está actualmente como parte de 26 jurisdições eclesiásticas só na Nigéria. As responsabili-

dades incluem a administração de projectos e o bem-estar dos confrades e das comunidades num país tão grande como a Nigéria. Com esta ajuda antecipada dentro do país, o Provincial da Nigéria ou seu delegado pode, então, dedicar-se mais às visitas, necessárias aos 95 confrades em mais de 28 missões e grupos internacionais. As visitas podem realizar-se até onde o orçamento possa cobrir os grandes gastos com viagens de avião.

"É preciso um trabalho sério para se alcançar a coesão."

Com a estrutura regional, porém, a nossa experiência é a de que as directrizes ou não são ainda bem entendidas ou não são sempre seguidas, em áreas como nomeações, prestações de contas e administração de projectos. Nomeações de membros para objectivos Provinciais foram vistos como ameaça; a fidelidade e a lealdade para com a Província ressentem-se. Isto tem contribuído para as tensões e conflitos entre a Província e algumas das Regiões.

"É graças às doações anuais do Cor Unum que podemos funcionar."

O cenário acima apresentado pode ser parcialmente explicado pelas personalidades em jogo e pelas dificuldades herdadas na estrutura de regionalização. O documento de Itaicí observou que "Dificuldades poderão surgir... no caso de se ter uma concepção errónea acerca de autonomia, da autoridade ou da auto-suficiência". Isto tem a ver com a necessidade de "uma constante conversão" (Itaicí, 1992: 102). É preciso um trabalho sério para se alcançar a coesão. Aceitamos este desafio num seminário organizado pela Província, em Okura, de 25 de Abril a 1 de Maio de 2004.

c) Casa de Formação Comum

A Província confronta-se com a escassez de formadores (preparados) para o Noviciado, o 1º Ciclo e o 2º Ciclo. Também nos debatemos com o reduzido apoio financeiro do Cor Unum. Enquanto que as Regiões assumem os seus postulantes, criar recursos financeiros a nível da Província é boa orientação. É graças às doações anuais do Cor Unum que podemos funcionar. No entanto, como o Cor Unum só nos fornece menos de 50% dos nossos pedidos, a Província cada ano precisa de procurar por fundos que cubram o que falta. Por exemplo, só para o SIST, a Província Nigeriana pediu ao Cor Unum € 234.000 para um projecto já elaborado para 80 estudantes para o ano de 2004/2005 e recebeu € 96.080. Estavam na lista para o primeiro ano, que se inicia em Setembro de 2004 no SIST, 41 escolásticos nigerianos, mas tivemos que diminuir o número por falta de subsídios e alojamento. O mesmo se aplica ao Noviciado e à Filosofia. Tendo em mente que os cursos do SIST formam um número considerável que anualmente responde às necessidades de 1ª nomeação na Congregação, aceitamos com alegria a sugestão de que o Conselho Geral se comprometa mais com a formação do 2º Ciclo.

d) A imagem dos espiritanos nigerianos.

É gratificante ver que a Província da Nigéria pode, no momento, contar com um número crescente de membros. Para a Administração isto é uma alegria e um desafio. Alegramo-nos quando o nosso pessoal trabalha bem. Também temos ansiedades quando as fragilidades dos nossos confrades se tornam visíveis nas comunidades missionárias internacionais e inter-culturais, e quando os nossos confrades devem viver e trabalhar fora da Nigéria, como na Europa e América. Como membros de uma congregação missionária internacional, queremos ser vistos como completamente comprometidos com a inspiração de nossos fundadores e prontos a abraçar a tradição espiritana de trabalhar abnegadamente para os mais pobres e mais abandonados em qualquer lugar. Como recebemos dos nossos antepassados missionários vindos da França, da Irlanda, da Inglaterra e do Canadá, também nós nos queremos dar aos outros.

"queremos ser vistos como completamente comprometidos com a inspiração de nossos fundadores"

Por outro lado, alguns dos nossos confrades trabalhando em comunidades missionárias internacionais têm sofrido a suspeita, a desconfiança e complicações por parte de companheiros espiritanos. Alguns são censurados por não levarem dinheiro de casa, como o fazem os seus companheiros do Oeste. Também as restrições colocadas aos confrades do Sul por algumas Províncias são igualmente uma fonte de inquietação e preocupação para nós na Administração. Estamos interessados em trabalhar segundo directrizes equitativas que levem em conta a missão que servimos, mas também as necessidades das circunscrições espiritanas envolvidas, tudo no espírito de nosso cor unum.

Conclusão

Uma observação final sobre a experiência da nova estrutura nas Províncias Africanas: Estamos todos de acordo que a regionalização é o caminho certo a ser seguido. Para nós na Nigéria, três anos parece ser pouco para se fazer uma avaliação. Mesmo assim, faremos essa avaliação no nosso Conselho Provincial Alargado em Setembro. Queremos examinar a adequação das estruturas. Por exemplo, devemos ter concelhos regionais? Os superiores regionais, sendo membros do Conselho Provincial, como podem harmonizar a sua fidelidade às Regiões, quando estão em conflito com a Província? Além das dificuldades interpessoais, os conflitos até agora vividos entre a Província e as Regiões podem ser explicados por finanças inadequadas. Qual é o nosso caminho através desta difícil situação financeira? Penso que estou colocando uma questão chave que transparece com toda a força no Relatório do Ecónomo Geral para este Capítulo Geral.

"a regionalização é o caminho certo a ser seguido."

Obrigado pela vossa atenção. Quero também agradecer à Administração Geral pelo enorme apoio que nos tem sido dado para implementar a nova estrutura. Agradeço igualmente o privilégio que me foi concedido para que fizesse esta apresentação ao Capítulo Geral.

"as árvores novas asseguram a sobrevivência da floresta" P. A. C., uma jovem província

LAMBERT NDJANA*

Caminhando como os discípulos de Emaús depois dos acontecimentos de Jerusalém, os Camarões, a Africa Central, o Congo Brazzaville e o Gabão, depois dos acontecimentos de 1999, caminham para uma expressão mais autêntica do nosso carisma espiritano. Chegados ao Gabão em 1844, ao Gongo Brazzaville 1883, à África Central em 1889 e aos Camarões em 1916, continuam ainda hoje presentes nestes países: que alegria!

1999, O acontecimento

Em 1977, o fogo do Pentecostes brilhou com um esplendor particular no coração de África: os Africanos comprometeram-se então a receber das mãos dos seus irmãos mais velhos ocidentais a tarefa de levar a chama missionária: "*as árvores novas asseguram a sobrevivência da floresta*". E a 23 de Maio de 1999, dia de Pentecostes, foi proclamado o nascimento da PAC, por vontade dos originários, com o acordo dos afectados e a decisão dos Superiores da Congregação.

"a 23 de Maio de 1999, dia de Pentecostes, foi proclamado o nascimento da PAC".

Este novo rosto da missão espiritana na África Central é fruto de uma aliança entre os quatro Distritos então existentes, de uma parte (Camarões, Centro Africana, Congo Brazzaville e Gabão) e da Fundação da África Central (Casas de Formação), de outra parte: longas diligências, emaranhado de reflexões, hesitações, análises, oração. Aceitamos assim colocar as nossas forças em comum para melhor gerir o futuro da presença espiritana na África Central e do nosso serviço missionário no seio da nossa Congregação.

"colocar as nossas forças em comum para melhor gerir o futuro da presença espiritana na África Central"

Desde o seu nascimento até hoje, cinco grandes acontecimentos marcaram a vida da Província: o 1º capítulo provincial em Libreville em 1999, a visita do Conselho Geral em 2000, O Conselho Geral

* *Lambert Ndjana, Provincial da P.A.C.*

Alargado em Pittsburgh em 2001, o Conselho provincial Alargado em Ngoya, nos Camarões em 2002 e a celebração dos 300 Anos da Congregação, especialmente com a Missa transmitida na Eurovisão a partir do Santuário Mariano de Yaoundé, nos Camarões, através da qual quisemos mostrar que a Congregação do Espírito Santo tem um passado, um presente e um futuro. Esta Missa existe em vídeo e CD.

A PAC a caminho

Deixando os números falar, a PAC – Província com quatro Regiões – é um conjunto considerável de quatro países da África Central, com uma superfície total de 1.708.083Km2, e uma população de 27 milhões de habitantes, 42 dioceses e 2 Prefeituras Apostólicas, um efectivo de 239 membros, dos quais 159 originários (juridicamente) da Província, vindos de 7 países (os 4 da Província e, ainda, do Congo Democrático, da Guiné Equatorial e do Senegal), 80 estão nomeados na PAC (59 das circunscrições do Norte, 21 das do Sul), 93 estudantes (67 professos, 9 noviços e 17 postulantes). Em resumo, vimos de 13 países de África e da Europa e missionamos em 17 países de África do Oceano Índico, da Europa, da América Latina e da Ásia.

a) A sua natureza intercultural e internacional

"A PAC acolheu, como membros, confrades de diversas culturas."

A PAC acolheu, como membros, confrades de diversas culturas. As estruturas levantadas ajudam os membros dos diferentes países a poderem guardar a sua identidade, dando pouco a pouco atenção a uma autonomia relativa das Regiões, cada uma com a sua própria organização e salvaguardando os mesmos meios de formação.

"O nosso sentido de universalidade e já de africanidade ganha corpo na nossa procura de proximidade e fidelidade no seio de outras populações que não as nossas:"

O nosso sentido de universalidade e já de africanidade ganha corpo na nossa procura de proximidade e fidelidade no seio de outras populações que não as nossas: Europeus e Africanos vindos de outras circunscrições vivem na PAC; Camaroneses estão na África Central, no Congo e no Gabão; os da África Central, no Congo e no Gabão; Centro-africanos vivem nos Camarões e no Gabão; os Congoleses, trabalham nos Camarões, na África Central e no Gabão; os Gaboneses na África Central... É de notar que a Província é largamente internacional: Africanos e Europeus partilham a mesma vida comunitária e trabalham juntos.

b) Um projecto missionário

À luz de Maynooth e de Pittsburgh, a PAC baseou o seu projecto

missionário no envio dos confrades ad extra e no serviço das Igrejas da África Central. Num relance sobre estes três anos, a Província tomou consciência que devia antes de mais ter em conta as evoluções dos países da sub-Região, das Igrejas locais e da diminuição considerável dos seus membros.

A PAC sentiu, assim, necessidade de enraizar melhor a árvore para melhor colher os seus frutos no momento devido. Também o Conselho Provincial Alargado pediu uma melhor visibilidade espiritana no número de confrades presentes na África Central, graças aos lugares espiritanos próprios pela qualidade da vida comunitária. Além disso, a Equipa provincial deve velar pelas seguintes prioridades: o serviço de libertação, concretamente no mundo da educação e da saúde, o serviço paroquial, que deve ser continuado em função das necessidades das Igrejas locais, a qualidade das comunidades de acolhimento. Estas prioridades devem ser definidas em diálogo com as Igrejas locais e em função do carisma espiritano.

Sendo herdeiros de compromissos missionários tomados pelos Distritos, que formam as actuais Regiões, é com muita alegria que passamos um momento com esses confrades que se encontram em meios difíceis por falta efectiva de obreiros locais: no Norte dos Camarões, em meio muçulmano, no Leste dos Camarões, no meio dos pigmeus Baka; no Norte do Congo Brazzaville; no Leste da África Central; no Sul do Gabão... É com muita alegria que descobrimos as experiências destes confrades ao serviço dos doentes, em Libreville e Port-Gentil, no Gabão; no Yaoundé, nos Camarões; em Brazzaville, no Congo; e em Bangui, na República Centro Africana, com a triterapia em benefício de uma trintena de mulheres atingidas pela SIDA; junto das Crianças da Rua, em Brazzaville, no Congo, em Libreville, no Gabão; e enfim, o grande trabalho de formação e de ajuda de inserção profissional de jovens pobres, no centro Sala Ngolo, de Dolisie, no Congo: o delegado regional trouxe elementos audiovisuais.

A alegria da nossa missão caracteriza-se, também, pelas respostas que damos aos apelos escutados. Estes apelos vêm da Casa Generalícia, das outras circunscrições espiritanas e das Igrejas da África Central. No caso concreto do nosso novo projecto na Guiné Equatorial, no seguimento do acordo com a Casa Generalícia, optamos, a despeito dos nossos meios financeiros muito limitados, por uma paróquia, respondendo o melhor possível ao nosso carisma espiritano.

"A alegria da nossa missão caracteriza-se, também, pelas respostas que damos aos apelos escutados."

Sentimo-nos felizes por estarmos em paróquias ou outros serviços da Igreja (formações diversas, encontros inter-religiosos, centros de educação, novas iniciativas nos campos de saúde, social, refugiados), pois aparece claramente que a nossa vocação de espiritanos da África Central é muito mais necessária hoje do que no passado, excepto na época dos nossos antecessores mais velhos, oriundos essen-

"Os jovens comprometem-se no apostolado com disponibilidade, convicção e generosidade."

cialmente do Ocidente. Os jovens comprometem-se no apostolado com disponibilidade, convicção e generosidade. Podemos responder aos desafios próprios da nossa situação na sub-região se formos pessoas de coragem, que ousam largar compromissos antigos para estar livres para assumir novas iniciativas, que estão dispostas a fazer experiências novas e arriscarem-se ao fracasso, preocupando-nos principalmente com aqueles e aquelas que sofrem a ausência de sentido para a vida no nosso continente: jovens diplomados sem trabalho, os excluídos de grandes e pequenas cidades, os doentes de SIDA, toda a área da educação em geral e da escolarização em particular, o vastíssimo campo das crianças da rua nas grandes cidades, o pulular de grupos religiosos destruindo os pobres e os frágeis do nosso novo mundo... convencidos de que não podemos ser livres sozinhos, não seríamos capazes de dar resposta sem oferecermos uns aos outros, confiança e coragem.

c) Uma animação cuidadosa para salvaguardar a unidade na diversidade.

Se é verdade que as estruturas de animação funcionam, e estão bem organizadas, também não é menos verdade que um certo número de confrades que estão no termo, de modo particular os que são originários da Província, face à nova realidade surgida da fusão dos Distritos e à fusão da Província da África Central, não tem praticamente ainda esta visão das coisas. A Província é ainda entendida por alguns como uma estrutura distante, donde ressaltam sobretudo inconvenientes, como por exemplo, a exigência duma maior solidariedade financeira para manter a administração provincial e sobretudo as casas de formação.

"a pertença regional parece sobrepor-se à provincial, terminada a formação inicial."

Quanto aos originários da Província, se a pertença jurídica provincial é perfeitamente evidente, a articulação de identidade entre a Região de origem e a Província não o é da mesma forma. Acontece o mesmo com o estatuto do provincial que é superior maior e o das regiões que não o são. De facto, a pertença regional parece sobrepor-se à provincial, terminada a formação inicial.

A vista disto, permanece para a administração provincial o desafio de valorizar os aspectos positivos da nova realidade provincial, de procurar pelos mais diversos meios dá-los a conhecer aos confrades que estão no terreno e assim reforçar a consciência de pertença a uma mesma Circunscrição. Alguns meios ajudam-nos a isso: visitas regulares aos confrades por parte dos membros da administração provincial, um boletim provincial, do qual nos orgulhamos pela sua regularidade, boletins regionais, encontros de confrades no interior das Regiões.

Falta ainda tornar possíveis os encontros de confrades pertencentes a diversas Regiões com um compromisso apostólico semelhante que seja significativo da nossa missão espiritana, como por

exemplo a presença no mundo islâmico, o apoio a inserção profissional dos jovens, a pastoral das minorias éticas ou sociológicas, o trabalho com as crianças da rua....

Um outro desafio ainda é o custo da administração provincial – as viagens e as visitas dos membros da administração, dos jovens em formação inicial, dos confrades em primeira afectação; as reciclagens.

Desde o início, com os meios financeiros limitados de que dispunha, a PAC optou por não fazer uma construção nova para albergar a sua administração. Foi assim que ficou alojada numa ala da Procuradoria das Missões em Douala.

d) Uma formação única

Para além do despertar de vocações e do ano efectivo de postulado, acolhendo também estudantes das dioceses do Gabão e de alguns Institutos religiosos da região, temos o Noviciado em Mbalmayo, nos Camarões, um ano de estágio missionário e a teologia em Ngoya, nos Camarões. Regista-se geralmente uma presença generosa de jovens que têm necessidade de ser bem formados na vida espiritual.

"Regista-se geralmente uma presença generosa de jovens que têm necessidade de ser bem formados na vida espiritual."

Acolhemos também estudantes de outras circunscrições de África. Reconhecendo assim a confiança em nós depositada pelas circunscrições ao confiarem-nos jovens para a formação, é necessário sublinhar o carácter enriquecedor desta iniciação à vida espiritana em interculturalidade e internacionalidade. Esta situação convida-nos a prestar uma atenção muito particular às equipas de formadores de cada uma das etapas de formação, tanto em qualidade como em quantidade. Podemos também assinalar outras razões de alegria no aspecto da formação: o cuidado de viver como uma família, o compromisso dos jovens ao assumirem responsabilidades na gestão das casas de formação e na vida comunitária, um certo espírito de criatividade dos jovens em formação, a ânsia de conhecer, a regularidade do Encontro anual dos formadores, a unificação da teologia...

No que diz respeito à formação contínua os formadores em Brazzaville, no Congo, em ligação com o Conselho Geral, estamos empenhados em fazer funcionar a conferência pan-africana dos superiores maiores e dos formadores.

"não conseguimos ainda quebrar o receio do amanhã"

Apesar de tudo o que foi dito, não conseguimos ainda quebrar o receio do amanhã – por isso não aceitamos jovens durante 2 anos, por falta de fundos para suportar a sua formação; as estruturas de formação estão ainda em construção.

e) Situação financeira preocupante

Apesar dos esforços feitos, a autonomia está longe de ser conseguida e este assunto é muito preocupante. Província jovem em nítido crescimento, permanece a preocupação de angariar fundos e

de os utilizar criteriosamente, afim de dar atenção à administração e animação provinciais, à formação inicial, à formação contínua e à formação de formadores, aos nossos idosos no fim da sua caminhada missionária.

Existem projectos significativos para maior autofinanciamento, mas infelizmente faltam-nos os meios para os viabilizar.

"Existem projectos significativos para maior autofinanciamento, mas infelizmente faltam-nos os meios para os viabilizar."

À procura de uma expressão autêntica do nosso carisma espiritano

a) Dinamismo missionário

A PAC quer estar cada vez mais atenta às solicitações da missão, apesar da idade de certos confrades e de nos debatermos com dificuldades financeiras. Através das minhas visitas e da constatação do Conselho Provincial, constato que há uma clara procura de fortalecimento da fé, do carisma e da identidade espiritana, tanto na oração como nos encontros uns com os outros. É necessário fazer esforços, em todas as direcções, para solidificar a formação inicial e permanente, na melhoria do estilo de vida pessoal, numa melhor qualidade da vida em comunidade.

A procura deve continuar no sentido de redimensionar os aspectos duma missão apoiada nos recursos humanos, cujo dinamismo reside na qualidade de vida em comunidade, orientada sempre para a Missão, e que supõe uma animação vocacional específica, passando pela exigência de organização duma comunicação e de uma solidariedade reais entre as diferentes Regiões, tendo em vista comprometer todos os confrades e as comunidades cristãs nos cuidados do acompanhamento das vocações espiritanas.

b) Compromisso de viver a pobreza nos contextos de subdesenvolvimento

Longe de mim ter a pretensão de querer estabelecer uma escala de valores entre os três votos e a vida comunitária, no entanto coloco a minha atenção na pobreza, porque me parece que o compromisso com a pobreza evangélica, é talvez aquele que fala mais alto à sensibilidade do homem contemporâneo e que é o mais apreciado sobretudo na dimensão da solidariedade para com os mais pobres. Ao percorrer as estatísticas da Congregação, não é segredo para ninguém que sobretudo em África, a vida religiosa espiritana conhece um notável florescimento. O voto de pobreza, num contexto sociológico de miséria, é difícil de compreender. São sempre necessárias alternativas para o libertar de muitos equívocos, que, muitas vezes, fazem com que a vida religiosa seja mal compreendida pelos fiéis das nossas jovens Igrejas das quais somos oriundos.

"o compromisso com a pobreza evangélica, é talvez aquele que fala mais alto à sensibilidade do homem contemporâneo"

Trata-se duma problemática bem conhecida de todos nós aqui presentes. Assim o desafio dos desafios para mim assenta nas

seguintes questões: o que significa para os pobres o anúncio da pobreza religiosa? Qual é o sinal profético da pobreza religiosa em contextos de grande miséria? Parece-me que o conceito de pobreza religiosa não é objecto de compreensão imediata nestes meios e tem, necessidade de ser clarificado. Não é entendido como um valor, mas, pelo contrário, é sinónimo de indigência, de desgraça, de precariedade, de marginalização humana e social.

Poderia ainda acrescentar que o testemunho da pobreza religiosa que apresentam os religiosos nos meios onde há pobreza e miséria, não tem uma visibilidade clara e não raramente suscita desconfiança. As vocações provenientes das nossas jovens igrejas e que vivem em áreas sociais pobres não entendem facilmente o significado do voto de pobreza, dada a distância existente entre o seu nível de vida na Congregação e o contexto humano e social donde são provenientes e onde a família de origem, bem como a maior parte da população, continua a viver. Para estes candidatos, a vida religiosa espiritana é muitas vezes sinónimo de promoção social, com garantia suficiente de segurança e bem-estar. A sua vida material melhora, como ao mesmo tempo o nível cultural assegurado pela Congregação e até há diminuição de algumas incertezas relativas à vida quotidiana.

"a vida religiosa espiritana é muitas vezes sinónimo de promoção social,"

Ouvimos muitas vezes esta objecção: "os religiosos fazem voto de pobreza, mas são principalmente os simples fiéis que o vivem". A pobreza consagrada, perante o desafio da miséria, torna-se compreensível sobretudo na sua dimensão de solidariedade para com os pobres, de partilha de bens, de serviço ao bem comum, de compromisso em favor da promoção humana, de luta contra as condições do subdesenvolvimento. A pobreza como estado de miséria não é de forma alguma um valor a defender. A vocação cristã é sempre a de sair do subdesenvolvimento, de vencer a miséria, de se enriquecer para poder dar e partilhar com os irmãos os bens adquiridos.

Esta problemática poderia exprimir-se no binómio: bem-aventurança evangélica da pobreza – compromisso de produzir e enriquecer: "A felicidade do cristão consiste na partilha. Ora, para partilhar é preciso ter; para ter, é preciso produzir; para produzir em abundância, é preciso trabalhar racionalmente; para trabalhar racionalmente, é preciso organizar-se solidariamente" – assim gostava de frisar Jean Zoa, então bispo de Yaoundé.

"A felicidade do cristão consiste na partilha."

A pobreza evangélica apresenta o paradoxo de exigir sempre uma riqueza para poder dar. "Cristo, que era rico, fez-se pobre para enriquecer os homens", "Claude Poullart des Places, era de família rica e recusou a riqueza para enriquecer os jovens desfavorecidos". O mistério da pobreza de Deus é tão grande como o da sua riqueza, entendida como plenitude de vida, plenitude de ser, plenitude de ter. Deus é o mais pobre, precisamente porque Ele é o mais rico e porque é o que faz dom da sua riqueza, ao ponto de se privar das

prerrogativas divinas.

Não é esta pobreza que somos convidados a imitar? Não é ela que devemos testemunhar nos nossos compromissos? Deus chama-nos a ser ricos, a participar da sua riqueza e da sua plenitude de bens. É à luz do mistério da "Kenose" de Jesus que de rico se faz pobre, revelando aos homens a realidade de Deus uno e trino, que nos é apresentado o mistério da sua pobreza no coração da riqueza infinita que é Deus.

"a pobreza consagrada é uma nova noção de pobreza"

Trata-se portanto de fazer entender aos jovens que a pobreza consagrada é uma nova noção de pobreza, tal como foi vivida e proposta por Jesus. Fora desta perspectiva onde a pobreza é sinal do dom da comunhão, ela permanece como uma realidade degradante, fruto de privações, opressão e injustiça, contra as quais é preciso lutar.

c) Unindo pobreza e autonomia financeira

Província jovem, estamos confrontados com um problema grave e urgente que é o do nosso autofinanciamento. Esta capacidade de sermos autónomos financeiramente não entra em contradição com o discurso da pobreza evangélica, antes pelo contrário é esta condição que a torna possível e autêntica. Com efeito, a nossa capacidade de autofinanciamento não é somente uma simples aquisição de bens materiais, mas também o sinal dum crescimento de comunidades testemunho, de uma caminhada para assumir a responsabilidade das nossas necessidades essenciais, caminho que exige não apenas esforços, sacrifícios, mudanças de mentalidade e de comportamento, mas também o erguer de estruturas apropriadas à nossa nova realidade.

O encontro com Cristo desperta as consciências, modifica os comportamentos, mantém um compromisso capaz de criar dinamismos de desenvolvimento material, humano e espiritual. É só nestas condições que uma circunscrição jovem se torna capaz por sua vez de dar e de praticar autenticamente a comunhão e a solidariedade entre as circunscrições. Quer dizer que só um compromisso dos membros da PAC para a autopromoção e o desenvolvimento da nossa sub-Região, o nosso meio social, torna possível e autêntico o voto de pobreza. "Só o rico pode ser evangelicamente pobre". Não será para esta consciência que devemos formar os nossos noviços e os jovens professos, provenientes precisamente das nossas jovens Igrejas e dos nossos países pobres, se não queremos propor-lhes a hipocrisia de um compromisso pela pobreza, esvaziado de toda a realidade humana e teológica?

O desafio da pobreza consagrada face à pobreza teológica consiste, na minha opinião, em transformar a pobreza vivida como calamidade numa pobreza redescoberta como beatitude evangélica, que exige no entanto o maior compromisso possível para transfor-

mar as situações de miséria e para lutar contra toda a forma de indigência e de subdesenvolvimento.

Salientar este desafio significa apelar para um caminho de conversão dos próprios pobres, a fim de que deixem as exigências evangélicas definir a sua existência. Não é a precariedade, a ausência de bens que faz alguém feliz, mas sim a atitude fundamental que se assume perante as exigências evangélicas.

Os desafios que o subdesenvolvimento lança à vida espiritana não são de modo algum insignificantes. A miséria dos pobres, a vida e o compromisso ao lado deles ajudam-nos a redescobrir o aspecto teológico profundo deste compromisso evangélico, tal como o fizeram Claude Poullart e Libermann. Eles ajudaram-nos a compreender que pobreza evangélica não exprime só uma relação com os bens materiais nem aumenta na proporção da sua privação, a pobreza evangélica torna-se pelo contrário maior em ligação com a solidariedade vivida, com os bens partilhados com o dom de si mesmo, com o acto de fé, com o abandono a Deus.

Com todos os confrades do PAC, expressamos a toda a Congregação, ao Conselho Geral, às Circunscrições da Europa e das Américas e à Província da França em particular, o nosso reconhecimento e o agradecimento fraterno por todos os sinais de solidariedade e ajudas diversas feitas à nossa jovem Província. Ajudaram-nos, ajudam-nos e continuam a suportar a nossa busca de autonomia vital.

narrar a fundação e construir um projecto de vida aberto à comunidade

O Ano espiritano pôs em relevo que a nossa herança era menos um tesouro para guardar, ou um saber definido para ensinar, que um impulso, um dinamismo, uma esperança, uma inspiração comum para escolhas e iniciativas como resposta às necessidades do nosso tempo, recursos para entrarmos em novas iniciativas de fundação. O nosso primeiro dever é, pois, permanecer abertos a este dom, beber a nossa inspiração para poder "viver em verdade". Devemos depois avançar, com audácia e criatividade, para as situações de hoje. Trata-se, numa palavra, de o transmitir a outros, para que continue vivo e dê vida.

O carisma de uma congregação traduz-se numa narração de fundação e numa história, num projecto de vida e numa espiritualidade, numa forma de viver em comunidade e de trabalhar pelo Reino. Sobre cada um destes pólos, sublinharei algumas questões que resultam da minha experiência de acompanhamento de noviços.

Ler a narração da fundação

A transmissão do carisma da Congregação não pode ser feita sem uma leitura da narração da fundação e do conhecimento dos fundadores, porque é através da sua vida, da sua experiência espiritual e da sua obra que aparecem o projecto e a missão da congregação.

* *Raymond Jung, Mestre de noviços da região Europa.*

A primeira dificuldade é a distância que nos separa no tempo dos nossos fundadores. Muitos há que rapidamente perdem a coragem de fazer esta leitura. Os trabalhos realizados nestes últimos decénios ajudam-nos a ultrapassar esta dificuldade histórica para entrar mais profundamente na sua experiência humana e espiritual. Cada um pode, assim, deixar-se atrair pelo seu testemunho de vida, seu modo de se situar na existência, de responder às questões essenciais, de ultrapassar os obstáculos e de se pôr à escuta dos homens do seu tempo, de dialogar com Deus no coração dos acontecimentos que viveram.

"Mais que um trabalho de história, é um encontro com pessoas que é proposto"

Mais que um trabalho de história, é um encontro com pessoas que é proposto e os jovens reagem como o podem fazer face aos outros. Há aquilo que provoca admiração, mas também aquilo que irrita ou que parece inaceitável e incompreensível. Mas os nossos fundadores falam-nos só através daquilo que nos agrada?

A experiência de Poullart des Places encoraja os noviços a comprometerem-se quer no conhecimento de si próprios, quer no discernimento e dá-lhes confiança na ajuda de Deus para conseguirem ver mais claro e chegarem a um compromisso que responda ao seu apelo. Por vezes, a sua própria experiência confirma a do fundador. Assim, quando falamos da decisão de Poullart des Places de ir viver com os estudantes pobres, em Março de 1703, um noviço deu o seu próprio testemunho. Durante o seu estágio missionário, viveu um primeiro ano numa paróquia e no segundo, a pedido seu, num centro que acolhe rapazes da rua. E acrescentou este comentário: "Uma coisa é fazer qualquer coisa pelos pobres, outra coisa é viver com eles". Viveu esta passagem na sua carne e podia testemunhá-la.

"Uma coisa é fazer qualquer coisa pelos pobres, outra coisa é viver com eles"

Mas outras vezes, é uma incompreensão que permite ir mais longe nesta leitura. Assim, tanto no Norte como no Sul, a decisão de Poullart des Places de renunciar ao dinheiro de seu pai para aceitar apenas o mínimo de 60 libras exigido pelo Bispo dos seminaristas mais pobres, suscitava muitas questões e comentários: " Porque agiu ele assim, no momento em que começava uma obra e gastava tantas energias a pedir ajudas?" A dificuldade conduz a uma leitura de fé, a entrar nas motivações profundas de Cláudio:

"A dificuldade conduz a uma leitura de fé"

Este seminário não será obra sua, mas de Deus.

Não o fundou para satisfazer a sua ambição ou para provar o seu valor.

Principalmente, o tipo de padre que pretende formar devia renunciar à busca de benefícios para estar totalmente disponível para os pobres e para os simples. Ele é esse tipo de padre.

Os meios financeiros hão-de vir, não de uma estratégia, mas da confiança que ele suscitará pela qualidade e pela força do seu compromisso. Não recua diante das iniciativas a fazer, mesmo se podem parecer humilhantes para um homem da sua condição.

Este testemunho de pobreza atravessa os séculos. O acolher hoje, não é voltar a um passado mítico que encobre as soluções dos nos-

sos problemas, mas é o deixarmo-nos interrogar sobre a nossa relação com as nossas obras, sobre as nossas atitudes e as nossas escolhas de hoje. Isso pode ser fonte de inspiração quando vivemos um certo empobrecimento no Norte ou quando estamos comprometidos numa legitima procura de autonomia financeira no Sul.

A mesma coisa para Libermann. Como para muitos, a descoberta da sua vida e dos seus textos ajuda os jovens na sua relação com Deus, para uma melhor aceitação de si próprios e dos outros tais quais são, para uma relação mais justa nas suas fraquezas. Alguns, tanto do Norte como do Sul, apanham o gosto de ler e encontram nele o seu guia espiritual para se comprometerem num "caminho de paz".

"Libermann insistiu muito sobre a santidade e do dom de si, necessários aos missionários."

Por outro lado, Libermann insistiu muito sobre a santidade e do dom de si, necessários aos missionários. É-lhes necessário permanecer unidos a Cristo, como o ramo ao tronco, para que a seiva de vida possa dar fruto cujo vigor depende da qualidade desta relação (Instruções aos Missionários). É por isso que ele quis a vida religiosa e a comunidade: "todos os membros viverão sempre em comunidade"(Regulamentos de 1849). Renunciar a esta exigência da vida em comunidade seria perder a nossa identidade. Ela é o lugar em que na partilha e na inevitável confrontação com os outros: a tendência natural de cada um é podada e torna-se enriquecimento para o grupo; o carisma pessoal de cada um é reconhecido e acolhido para o serviço de todos; na oração e na reflexão, os apelos de Deus são discernidos e a missão comum recebida e partilhada; no regresso da missão, lugar de repouso e de distensão, de acção de graças e de partilha sobre o trabalho realizado.

Esta "passagem" pela vida de comunidade é exigente e é grande a tentação de privilegiar a acção no exterior. Mas se a dispensamos porque é difícil, que fazemos verdadeiramente fora? Qual é o meu compromisso missionário? Parece-me que teremos muita dificuldade em seguir Libermann nessa exigência, jovens ou menos jovens. Mas é um traço essencial da nossa identidade e do nosso carisma.

"A partida não é só da Europa para outros continentes, mas também da paróquia para aqueles que estão fora ou à margem."

Desta leitura sobressai também uma certa coerência do relato fundador, uma "unidade narrativa", mesmo se houve dois fundadores. A orientação missionária que Poullart des Places exprimia como um desejo, vai-se afirmar pouco a pouco ao longo da história. A partida não é só da Europa para outros continentes, mas também da paróquia para aqueles que estão fora ou à margem. O nosso carisma empurra-nos para ir de preferência em direcção àqueles que estão "à porta" ou àqueles que "estão no adro", ou, como diz a Regra de Vida, "em direcção àqueles que ainda não ouviram a mensagem do Evangelho" (12). Esta orientação deveria presidir à acção de todo o espiritano, mesmo daqueles cuja missão é tomar cuidado de uma paróquia ou de comunidades já constituídas. É indispensável que esteja presente no percurso da formação proposta aos jovens.

Entrar num projecto de vida

O carisma da Congregação exprime-se através de um projecto de vida que se traduz no modo próprio como a nossa Congregação, no seguimento dos fundadores, se propõe viver o Evangelho e participar na missão da Igreja. Este projecto de vida inspira-se em textos dos fundadores, mas traduz-se em primeiro lugar na Regra de Vida.

"A transmissão do carisma passa, pois, pela iniciação progressiva à Regra de Vida."

A transmissão do carisma passa, pois, pela iniciação progressiva à Regra de Vida: percorrer as diversas etapas da sua elaboração para compreender que se trata de um dinamismo que se desenvolve no decorrer da história, de uma fidelidade viva e criativa; ver o que é imutável apesar das mutações sucessivas; encontrar o que dá coerência e unidade a este projecto; escutar o que é dito através dos textos do Evangelho colocados como referências bíblicas... O noviço torna-se assim discípulo que se familiariza com o que faz o projecto de vida dos Espiritanos. É chamado a interiorizar estes textos para que se tornem para ele uma referência de vida, que se põe à escuta do que o Espírito Santo lhe diz através deles.

Este estudo é necessário. Mas constato também que os verdadeiros avanços na tomada em conta desta palavra para a sua vida se fazem mais através da tomada de consciência na ocasião dos acontecimentos. Um noviço pensava não ter uma real dificuldade com o voto de pobreza até ao dia em que lhe foi dada uma quantia de dinheiro. De repente deu-se conta que as coisas não eram assim tão simples. Esta experiência, reflectida no acompanhamento, valeu mais que todos os discursos.

No decurso deste estudo da Regra de Vida, procuramos descobrir em que consiste o carisma da Congregação e onde se exprime concretamente. O perigo seria encerrá-lo em algumas frases aprendidas de cor. As referências a outros textos, como os dos Capítulos, os textos que contribuem para a animação da Congregação ou os testemunhos dos confrades que vivem a missão, ajudam a dar uma concepção mais ajustada.

Assim, tivemos um dia uma circular de um confrade no momento em que os noviços reflectiam sobre o carisma. Ele estava comprometido junto dos refugiados em condições particularmente difíceis, mas permanecia nesta situação enquanto que os membros de organismos internacionais tinham partido. Um tal testemunho contribuiu tanto como o estudo da RVE para compreender o que é a vida espiritana.

Todavia, continua difícil para os jovens, particularmente os da África Central, que têm dificuldade em apresentar o carisma dos Espiritanos aos noviços de outras congregações que participam no noviciado inter-congregacional. Acham que o dos outros é mais preciso, mais claro: o ensino, os doentes, os jovens, etc. O dos Espiritanos parece-lhes demasiado vasto. Antigamente os missionários par-

tiam para implantar a igreja lá onde iam. Isso levava-os a comprometerem-se numa grande diversidade de actividades, mas o projecto parecia claro e coerente. Agora, estas Igrejas existem e a nossa presença deve ser redefinida mais em função do nosso carisma. Mas diante da diversidade das actividades com as quais os Espiritanos estão comprometidos, (a primeira evangelização, a missão nas zonas rurais abandonadas, os arredores das grandes cidades, os meninos da rua, os prisioneiros, os refugiados, o diálogo inter-religioso, a formação dos leigos e dos padres etc.), eles têm medo e perguntam-se: "em vista de quê me devo preparar"? Num mundo em que as diversas áreas se especializam, em que a improvisação é cada vez menos tolerada, têm medo de nunca estarem preparados para o que lhes é pedido. A primeira nomeação tem hoje mais importância que no passado, porque é na resposta ao apelo que descubro quem sou eu, que se revelará o meu lugar na missão comum, o meu carisma pessoal.

"A primeira nomeação tem hoje mais importância que no passado."

Entrar numa comunidade de vida apostólica

O projecto de vida deve ser vivido, deve incarnar-se, senão fica letra morta. O carisma da Congregação passa pelo modo de ser, de viver, de rezar e de participar na missão da Igreja de toda a Congregação. O que começou pela força do Espírito com os fundadores deve ser acolhido, aprofundado, prosseguido, desenvolvido por cada geração nas situações históricas, sociais ou culturais diferentes. Mas é o mesmo dom que continua a agir. Não se trata, pois, de regressar aos tempos da fundação, mas de viver o nosso carisma hoje como fundadores: ousar novas iniciativas, correr certos riscos, na fidelidade à graça que nos foi dada. Ajudar um noviço a descobrir o nosso carisma para o viver não consistirá, pois, em transmitir-lhe uma herança, mas introduzi-lo neste dinamismo no seguimento dos fundadores. Por isso, é-lhe necessário "viver com os Espiritanos". A formação torna-se, então iniciação, aprendizagem pela experiência. Hoje isso faz-se através da vida em comunidades espiritanas, de estágios missionários, pelo encontro com outros povos e outras culturas.

"O carisma da Congregação passa pelo modo de ser, de viver, de rezar e de participar na missão da Igreja de toda a Congregação"

" A formação torna-se, então iniciação, aprendizagem pela experiência."

Nestas experiências, os jovens vão sentir, por vezes dolorosamente, a distância entre o projecto e a sua realização concreta em tal comunidade ou em tal cultura concreta. "A missão não é o que me disseram...", escreveu um jovem no final de seis meses de estágio. Esta passagem por desilusões, precisa de ser bem acompanhado por alguém mais velho para permitir um progresso na aceitação do real e dos limites de uns e de outros, para conduzir a uma maior maturidade.

Alguns confrades vão desempenhar o papel de modelos. No acompanhamento, aconteceu-me ouvir o testemunho do papel decisivo de tal confrade no percurso de um jovem e é sempre uma fonte

de surpresa. Mas as razões da escolha do modelo podem ser muito diversas. Um confrade formador voltava da garagem onde tinha passado a manhã a concertar uma avaria; vendo um outro confrade chegar com um bom carro, disse com um sorriso: "Não chego aos calcanhares"! No mercado dos modelos, qual seduz? Formar é também destruir falsos modelos. Cristo é aquele que se deve tornar o único modelo. É Ele que pode voltar o nosso olhar para os "oprimidos" e "desfavorecidos" de que fala a RVE 12. No percurso de formação, alguns deixam-nos, porque não se sentem talhados para a vida religiosa. Sentem-se todavia muito bem com o nosso carisma e têm um grande desejo de participar na nossa missão. Isso leva-nos a considerar novas formas de pertença.

Uma última questão. O nascimento de uma criança numa família transtorna a vida desta família e transforma a dinâmica das relações. Alguma coisa de análogo se deveria passar no acolhimento dos noviços numa Congregação. Nas nossas Províncias do Norte, onde os jovens nos chegam a conta gotas, que impacto têm? Eram as "gerações mais velhas" que traziam ideias e sensibilidades novas. Mais profundamente, "acolher noviços, não é em primeiro lugar assegurar forças novas – mesmo se também o é - é entrar numa nova maneira de crer em comunidade. Não se pode ser religioso senão na abertura a uma diferença aceite com gratidão. A chegada de um outro... não é uma segurança pela aquisição e pelas competências, é pelo contrário, um convite ao despojamento da sua solidez e das suas certezas para entrar numa outra lógica, a "fraqueza de acreditar em conjunto" (Philippe Lécrivain). O acolhimento dos jovens e a capacidade de nos deixar mudar por eles é sem dúvida, uma das condições para que o carisma que queremos transmitir-lhes tenha a oportunidade de continuar vivo.

"Não se pode ser religioso senão na abertura a uma diferença aceite com gratidão. "

Em conclusão

Se os formadores estão na primeira linha desta transmissão do carisma, todavia a todos diz respeito esta responsabilidade. Se o noviciado é um momento privilegiado desta transmissão, ela faz-se todavia, em todas as etapas da formação e, muito para além dela, ao longo da experiência missionária. A minha identidade não é para defender, mas para arriscar no encontro com o outro e especialmente com aqueles para quem sou enviado. Descobri-la-ei então muito melhor.

No seu livro intitulado Sainte Colère, Lyta Basset diz: "Deus completa em nós a capacidade de dar aquilo de termos a certeza de ter plenamente recebido. Os homens que dão a sua vida são aqueles que sabem tê-la recebido em abundância"(p. 301). O Ano Espiritano permitiu-nos acolher em acção de graças tudo o que recebemos através dos nossos fundadores e dos três séculos de história. Conscientes disso, talvez nos tornaremos muito mais capazes de dar generosamente, gratuitamente aquilo que recebemos e nos faz viver.

"Os homens que dão a sua vida são aqueles que sabem tê-la recebido em abundância"

PETER KOFI LAAST*

a transmissão do carisma espiritano aos confrades em formação

Quando falamos de carisma espiritano, estamos simplesmente a sublinhar as riquezas e a herança que recebemos dos nossos fundadores – Cláudio Poullart des Places e Francisco Maria Paulo Libermann. Estes homens, como outros homens e mulheres que fundaram congregações, foram dotados com dons particulares pelo Espírito para a vida e a missão da Igreja. Estes dons são os tesouros duráveis que modelam e remodelam a identidade da Congregação ao longo dos meandros da história.

Gostaria de partilhar convosco algumas confidências. Tive o privilégio de escutar a história da vida de cerca de 200 confrades em formação. Estas confidências devem dar-nos alguma indicação e partilhar algo sobre como é que este assunto é essencial para nós, hoje.

- Primeira declaração: *"No final da minha formação, ainda ando às voltas com o que é exactamente o nosso carisma".*
- Segunda declaração: "Eu entrei para os espiritanos porque eles são muito respeitados, populares e famosos, e não necessariamente para ser um missionário".
- Terceira declaração: *"De uma maneira geral, as Congregações religiosas são basicamente a mesma coisa, excepto, talvez, no que diz respeito ao seu apostolado, e é por acaso que eu sou espiritano".*

Apesar de estas declarações revelarem motivações algo confusas, e confusão na mente dos jovens confrades na sua na Congregação, podemos identificar a transparência e abertura como aspectos interessantes nas suas declarações. Por esta razão, é necessário fazer um grande esforço para ajudar os jovens a reconhecer as várias espiritu-

"é necessário fazer um grande esforço para ajudar os jovens a reconhecer as várias espiritualidades da congregação e o seu carisma específico."

* *Peter Kofi Laast, Conselheiro geral.*

alidades da congregação e o seu carisma específico. Este é, por isso, um desafio muito grande para aqueles que estão envolvidos no ministério da formação de modo a centrarem-se não apenas nos níveis intelectual, espiritual, emotivo, físico e humano da formação, mas também a ajudar a desenvolver uma vida espiritual que seja vital e dinâmica, com capacidade de testemunho, de modo a tornarmo-nos agentes de mudança neste mundo.

O que é o Carisma Espiritano?

"um carisma é dado pelo Espírito Santo para o bem comum "

Na Igreja, a palavra "carisma" tem uma longa história, e não nos vamos deter sobre isso aqui. Em geral, um carisma é dado pelo Espírito Santo para o bem comum e, por isso, necessita que aquele que o recebe o utilize correctamente. É um modo específico de tornar o evangelho de Jesus Cristo presente na Igreja em determinadas situações históricas. O carisma é muitas vezes entendido como o "impulso" ou "Centro" em volta do qual a comunidade cresce e ao qual os membros respondem. Por outras palavras, a compreensão e a descoberta de uma autêntico carisma é a fonte da identidade de alguém. Como diria Amedeo Cencini, "cada carisma é dado à Igreja como resposta a uma necessidade da comunidade humana". A interpretação do que é um determinado carisma determinará a sua fecundidade e relevância na Igreja.

Depois do Vaticano II, houve a urgência de os Institutos de vida consagrada voltarem ou redescobrirem o seu carisma original. Os especialistas dizem-nos que, num determinado ponto da história de diferentes Congregações Religiosas, o seu carisma fundamental correu o risco de se obscurecer ou mesmo "de ser progressivamente ignorado, quase desenraizado ou substituído por outros fios condutores". Cada grupo religioso sentiu a necessidade de redescobrir esse elemento específico, o dom do Espírito, que determinou o seu início, mas que não foi bem articulado pelos Institutos. O carisma espiritano não é excepção a estes princípios do carisma.

"cada carisma é dado à Igreja como resposta a uma necessidade da comunidade humana""

Quando falamos de carisma espiritano, estamos simplesmente a sublinhar as riquezas e a herança que recebemos dos nossos fundadores – Cláudio Poullart des Places e Francisco Maria Paulo Libermann. Estes homens, como outros homens e mulheres que fundaram congregações, foram dotados com dons particulares pelo Espírito para a vida e a missão da Igreja. Estes dons são os tesouros duráveis que modelam e remodelam a identidade da Congregação ao longo dos meandros da história. O Guia para a Regra de Vida Espiritana reconheceu estes dons e adiantou que temos um "duplo carisma". Estes tesouros, ou "duplo carisma", resumem-se nas seguintes palavras: "a evangelização dos mais pobres é o nosso objectivo principal. Porém, as missões são os objectivos principais do nosso trabalho

e, na missão, escolhemos as almas mais miseráveis e abandonadas" (ND XIII 170).

A atenção aos mais pobres e mais abandonados está no coração de Cláudio Poullart des Places e Francisco Libermann. O Guia declara que "Evangelização" e "*os pobres*" são elementos a ter em consideração no discernimento dos compromissos espiritanos no mundo contemporâneo. Respondendo a questões tais como: "O que é o trabalho espiritano?", "como é que um trabalho pode ser chamado *espiritano*?", "o que é que significa dizer que somos os advogados dos pobres?", temos de ver se o trabalho tem como fim evangelizar, e se os beneficiários desse trabalho são os pobres. Parece-me que nem sempre temos estado atentos a estes critérios, entre outros, nos trabalhos que assumimos. A nossa interpretação *ad hoc* de modo a responder a um pedido ou dar sentido a um compromisso específico levanta diversas questões, mesmo que não sejam verbalizadas, especialmente para os jovens nas nossas casas de formação. Isto tem efeitos óbvios na maneira de transmitir o nosso carisma.

"vida apostólica" está no coração do carisma espiritano."

A "*vida apostólica*" está no coração do carisma espiritano. Ela compreende dois aspectos: "*disponibilidade para com o Senhor*" e "*disponibilidade para com a humanidade*". "Disponibilidade para com o Senhor" exige que nos coloquemos e disponibilizemos perante o Senhor. O nosso Venerável Padre construiu toda a sua vida sobre este princípio: "*Deus é tudo*". Ele nunca se estabeleceu permanentemente em lugar nenhum, mas quis sempre saber que caminho Deus queria que ele seguisse. "*Disponibilidade perante o Senhor*" está expresso nas palavras do profeta Isaías, "*Eis-me aqui, Senhor*". Esta disponibilidade ficará incompleta, a não ser que seja combinada com a "disponibilidade para com a humanidade". Esta última (disponibilidade para com a humanidade) está expressa em "*Envia-me*". É isto o que a disponibilidade evangélica significa, "*Eis-me aqui, Senhor, envia-me*". Infelizmente, para muitos espiritanos nos dias de hoje, a nossa disponibilidade evangélica já não é "*Eis-me aqui, Senhor, envia-me*" mas antes "Eis o meu desejo, Senhor, envia-me". Isto tem alguns efeitos no nosso desejo de partir em missão. Gostaria de vos convidar a reflectir nestas três questões básicas: Porque é que alguns jovens espiritanos recusam partir em missão? Porque é que confrades mais velhos são desconfiados e lentos em aceitar e compreender os mais novos em diversas comunidades? Será que as nossas casas de formação respondem às necessidades da Congregação como aconteceu no passado?

"Precisamos do outro para sermos completos e também mais efectivos."

Vivemos numa época de interdependência. É o reconhecimento de que, apesar dos nossos dons individuais, estamos ainda admiravelmente incompletos se nos limitarmos a nós mesmos. Precisamos do outro para sermos completos e também mais efectivos. Este é um ponto positivo para os nossos esforços de viver em comunidade. A internacionalidade é uma dessas respostas ao nosso chamamento a

viver em comunidade. Como sabemos desde sempre "a Congregação tem tido um carácter internacional"(C.G.1980.20). Devemos também reconhecer que essa ênfase na "internacionalidade" na nossa Congregação gerou sentimentos mistos nos confrades. Acima de tudo, a internacionalidade chegou para ficar, precisamos de trabalhar em vista disso e de reconhecer as suas exigências e desafios. Contudo a questão a ser discutida é a forma como preparamos os nossos jovens confrades para viver em comunidades internacionais?

Experiência pessoal

Em 1996, fui nomeado Director da Formação da nossa comunidade de formação no SIST. Entrei num sistema que tinha diferentes concepções sobre o formador. Um formador era um disciplinador, um polícia, um *baby-sitter*, etc. A minha primeira tarefa foi de gradualmente descodificar o psíquico dos jovens confrades para um conceito mais aceitável: que um formador é antes de mais um acompanhador no processo de formação. O seu papel principal é o de os afirmar e os encorajar nos seus dons assim como o de os desafiar a crescer, a estarem em contacto consigo mesmos, com as tradições e o carisma da Congregação. A tarefa de acompanhamento e discernimento são factores-chave no ministério contínuo da formação. Na comunidade do SIST, lidamos com cerca de 75 candidatos com uma idade média de 30 anos. Uma boa parte deles fez já os primeiros votos há 4/9 anos. Alguns professaram já os seus votos perpétuos; um pequeno número é constituído por diáconos em preparação para a ordenação sacerdotal. Estes candidatos reflectem um grupo de idade mais amplo, uma maior variedade de famílias de origem e uma mais variada diferença de culturas. Eles são originários de sete ou mais nacionalidades diferentes com uma equipa formativa Espiritana com 8-10 confrades residentes. É com estas variáveis que temos de trabalhar. Nesta etapa final da sua formação inicial, um bom número de estudantes-confrades estruturaram já as suas personalidades, fechados em si mesmos, e só libertam a informação que eles pensem ser segura para eles e que seria útil para ti, seu formador. Eles vão falar mais do seu passado glorioso. Outros detalhes, és tu quem tem de os descobrir.

"um formador é antes de mais um acompanhador no processo de formação."

Os meus sete anos no SIST/SIFCA levaram-me a uma nova percepção do impacto enorme que têm as histórias pessoais dos candidatos na formação religiosa. Enquanto que as histórias pessoais nos influenciam, descobri também, e continuo a descobrir, que a influência está para além do que possamos imaginar. Detectando um modelo na história da vida de um candidato, adquire-se a base a partir da qual o formador começa a acompanhar a caminhada de fé do candidato. Cada história individual é sagrada, pessoal, acari-

"Cada história individual é sagrada, pessoal, acarinhada com inspirações a ser exploradas para o bem do candidato."

nhada com inspirações a ser exploradas para o bem do candidato. Todas estas são direccionadas à promoção e integração da dimensão pessoal na vida comunitária da Congregação. Tudo isto aponta para a liberdade de o indivíduo interiorizar os valores do evangelho, a vida e a missão da congregação. A história pessoal única do candidato é realçada através da confiança mútua, do respeito e da aceitação da comunidade de formação. O acompanhamento de um para um de forma regular é a essência do ministério do formador. É o elemento-chave no processo de formação, o principal meio através do qual o candidato é ajudado, por um processo progressivo de avaliação, de discernimento, interiorização, integração e crescimento. O que nós tentamos fazer neste processo é conduzir o candidato ao reconhecimento das suas motivações diversificadas e conduzi-lo ao discernimento da vontade de Deus.

"O acompanhamento de um para um de forma regular é a essência do ministério do formador."

A minha experiência em tudo isto é que alguns candidatos têm dificuldade em falar acerca de si mesmos e pode-se ter a impressão de que eles estão a esconder algo; é o medo de se auto-revelar. Envolver os candidatos no processo de discernimento não tem sido fácil, porque é preciso tempo, energia, sofrimento, paciência e coragem para aguentar. Eles sentem-se ameaçados pelo processo e aproximam-se dele de uma forma defensiva e assustada: a sua vocação não deve ser tocada. Geralmente os confrades-estudantes querem crescer e desenvolver-se, mas não querem ser perturbados. Há uma forte necessidade de sobreviver, apesar dos desafios do sistema. Há algo em todos nós que luta contra o desafiar o *status quo*. Preferimos instalar-nos num ambiente mais fácil e menos desafiante.

Transmitir o carisma espiritano

É importante reflectir no impacto da comunidade no processo de formação. Devemos reconhecer que a comunidade é o lugar por excelência onde o carisma espiritano é transmitido. A comunidade tem o poder de formar. Desta forma, os candidatos podem-se conformar ou ser transformados pela comunidade. Esta é a razão pela qual devemos dar uma atenção genuína ao espírito reinante nas nossas comunidades de formação. As nossas comunidades são o centro das actividades visíveis que desenvolvem ou destroem o nosso carisma. Quando membros da comunidade, de modo especial, confrades mais velhos, recusam as exigências da vida comunitária dá-se a transmissão de maus exemplos que infelizmente afectam os outros confrades. Tentamos fazer da nossa comunidade de formação um lugar de pertença, um lugar onde as pessoas estão enraizadas e encontram a sua identidade. Têm sido feitos esforços no sentido de construir uma comunidade de confiança mútua e de aceitação apesar das nossas limitações, dos nossos medos e da nossa situação financeira bastante crítica. Devido ao tamanho da comunidade criaram-

"Devemos reconhecer que a comunidade é o lugar por excelência onde o carisma espiritano é transmitido."

"angariar fundos para necessidades básicas dos confrades é uma dificuldade."

se grupos de fraternidade, serviços comunitários e grupos litúrgicos que são resposta a algumas necessidades da comunidade. Por exemplo, a introdução de pequenos grupos fraternos tornou os confrades de cada grupo mais próximos através de encontros e celebrações regulares: o interesse crescente de conhecer cada um e a oportunidade para os confrades seniores de caminharem com eles na descoberta das riquezas da nossa herança e do nosso património.

Durante os últimos anos os limitados recursos financeiros têm sido uma grande preocupação da nossa comunidade de formação no SIST. Temos trabalhado com um orçamento apertado e temos começado sempre o ano académico com um défice. Assim, angariar fundos para necessidades básicas dos confrades é uma dificuldade. Decisões brilhantes de implementação em encontros comunitários são normalmente suspensas. Os confrades começam a armazenar ressentimentos e tornam-se reactivos em vez de pró-activos em relação às exigências e exercícios comunitários. Quando o ambiente físico e social se torna tenso devido à falta das necessidades básicas da vida, os confrades não acompanham com grande vontade o processo de formação. Sem dizer o que é óbvio, a própria atmosfera que nos cerca obriga-nos a ter um certo de tipo de formação. Isso acontece mesmo antes que estejamos conscientes disso. Para que se saiba, o SIST está a apresentar mais de 50% dos nossos candidatos para primeiras afectações na Congregação todos os anos. Estamos, portanto, a lidar com uma questão que terá uma séria consequência na vida da Congregação no futuro próximo.

"Eu acredito fortemente que precisamos de analisar criticamente a dimensão missionária religiosa da nossa formação."

Outro factor a ser realçado é a cultura clerical dominante, que tem pouco ou nada a ver com a vida religiosa. Estar na formação é sinónimo de vir a tornar-se padre. A vida religiosa significa pouco na mente dos nossos candidatos. De quem é a culpa? Este pensamento tem evoluído a partir de uma forma de vida que muitos de nós, já ordenados e a exercer um ministério, temos seguido. Os jovens candidatos estão apenas a conformar-se com aquilo que eles vêm e ouvem. Eu acredito fortemente que precisamos de analisar criticamente a dimensão missionária religiosa da nossa formação. O sacerdócio está relacionado com poder e autoridade como é demonstrado por alguns dos nossos confrades mais velhos e isso torna-se o modelo para os confrades mais novos. Tradicionalmente, a maioria de nós entende-se a si mesmo enquanto padre. Deste modo, a vida religiosa significa pouco para nós. Torna-se numa devoção "privada". A nossa Regra de Vida diz-nos que nós "*respondemos a esta vocação num instituto missionário religioso*" (RVE 2). Não temos outra escolha senão crescer numa identidade forte enquanto religiosos.

Os candidatos querem ver formadores que mostrem consistência nas suas direcções, decisões e comportamento. Quando isto acontece, eles facilmente inspiram e motivam os candidatos e assim tornam-se modelos. A Congregação precisa de mais formadores desses,

que transmitam o património da nossa Congregação mesmo através do seu modo de vida. O impacto que é criado por tal comportamento permanece na mente do candidato para sempre. É por esta mesma razão que alguns de nós ainda falam de certos missionários antigos que tiveram um impacto em nós que ainda perdura.

Eu reconheci também a falta de um programa sistematizado para impulsionar ou ajudar os formadores a ajudar os jovens candidatos na sua formação em matéria especificamente espiritana. A prática actual é que depois do noviciado, os candidatos estudam muito pouco acerca da Congregação. Esta é uma grande lacuna no processo de formar os nossos candidatos a tornarem-se missionários religiosos espiritanos. Se se tem sorte com os formadores que estão interessados em questões espiritanas, estes promoverão "conferências espirituais" sobre os escritos de Libermann e des Places, sobre a história da Congregação, os documentos da Congregação, etc. É também importante falar da vida e das experiências e fé dos nossos fundadores e outros antepassados espiritanos. Um programa tão importante e necessário como este é deixado à mercê da escolha e dos recursos dos formadores. A minha investigação pessoal informou-me de que muito pouco está a ser feito nesta área. O resultado disso é que os estudantes-confrades fazem pouco em relação à formação especificamente espiritana. Isto implica que do ponto de vista da formação, estamos a formar missionários religiosos muito bons, mas eles não estão equipados com uma espiritualidade que seja especificamente nossa. Poderiam ser qualquer coisa, mas não espiritanos. É por isso que eu considero os esforços dos superiores e formadores Panafricanos de formar um grupo de trabalho que irá elaborar um programa de espiritualidade espiritana para ser usado a todos os níveis de formação nas nossas casas de formação como muito oportuno, urgente e louvável. O facto de que muitos dos nossos estudantes estão a ter aulas em universidades e institutos é outro argumento para sustentar a necessidade de tal programa. Eu penso que tal programa nos irá ajudar na transmissão sistemática dos valores e do património da nossa Congregação.

"É também importante falar da vida e das experiências e fé dos nossos fundadores e outros antepassados espiritanos."

Construir uma comunidade entre jovens religiosos na formação é uma graça e uma tarefa. Graças a Deus há abundância de vocações para a vida religiosa. Ao mesmo tempo é uma tarefa para todos nós, quer formadores, enquanto animadores de comunidade, quer estudantes-confrades, porque todos na comunidade religiosa são parte do processo de formação e parte de qualquer solução para os problemas que aí surgem.

"Construir uma comunidade entre jovens religiosos na formação é uma graça e uma tarefa."

vivência em comunidade internacional

Estas linhas, que são baseadas na minha experiência pessoal de internacionalidade, serão divididas em três partes. A primeira parte tratará do contexto no qual tive a minha experiência de vida em comunidade internacional, isto é, na África do Sul, que é conhecida como a nação arco-íris. A segunda parte tratará das alegrias que se experimentam neste contexto intercultural, enquanto a terceira parte focará alguns dos desafios que são mais evidentes num estilo de vida intercultural. Eu gostaria de deixar claro que, o que está aqui escrito, são experiências pessoais, e portanto podem ou não ser aplicadas aos outros confrades, na medida que a indivídualidade única de cada um também pesa na vida comunitária.

O contexto

O mundo de hoje é descrito como uma aldeia global, já que o contínuo crescimento das técnicas de informação cria um ambiente de comunicação e interacção mais rápidas, pondo em ligação todas as partes do globo. Enquanto alguns pensam erradamente que esta evolução torna o mundo homogéneo, muitas influências da cultura e da arte estão furando aquelas fronteiras tradicionais que foram criadas para reforçar a autonomia e preservar as identidades. A Igreja Católica está também experimentando um envolvimento maior com outras formas culturais, já que alguns convertidos trazem consigo as suas especificidades culturais, mas também eles são influenciados por aquilo que constitui a herança Católica.

A constituição "Igreja no Mundo Contemporâneo" do Vaticano II, sucintamente expressa a interpenetração do nosso mundo nesta e em muitas outras frases: "As circunstâncias da vida hoje têm pas-

* *Jude Nnorom, Superior do distrito da África do Sul.*

sado por profundas mudanças a nível social e cultural, a ponto de se poder falar de uma nova era da história humana" (GS nº 54). Esta nova era da história manifesta-se também em muitas formas do nosso trabalho missionário que envolve, não só, membros de institutos religiosos e seculares, mas também, homens e mulheres de boa vontade que estão determinados a viverem o mandamento do Evangelho "Ide por todo mundo e anunciai a boa nova". Outro aspecto desta nova era da história humana está na colaboração que actualmente existe entre as nações do hemisfério Norte e também com as do hemisfério Sul. A formação da União Europeia e, recentemente, da União Africana é uma tentativa de solidificação das bases económicas dos países interessados, dando-lhes uma visão unificada sobre muitos problemas que afectam a vida dos nossos cidadãos no campo económico, social e também político. As nações estão continuamente fazendo alianças para estreitar sua existência comum e para enfatizar a necessidade de unidade num mundo que é atormentado por divisões raciais, étnicas, religiosas, etc. De qualquer forma, este relacionamento num mundo global parece, às vezes, ameaçar algumas peculiaridades culturais, levando ao receio da dominação. Sendo parte do mundo cristão, não podemos viver isolados porque somos constantemente afectados pelas realidades sociais e políticas dos nossos dias, e como o Directório de Organização da Congregação diz: "a internacionalidade ajuda-nos a estar mais atentos à cultura dos povos onde trabalhamos" (DOC 11).

"a internacionalidade ajuda-nos a estar mais atentos à cultura dos povos onde trabalhamos"

África do Sul: a Nação arco-íris

Cheguei à África do Sul poucos meses depois da primeira eleição democrática, que viu a participação de todo cidadão eleitor, contrariamente às práticas eleitorais do regime de Apartheid nas décadas anteriores. As alegrias da liberdade conquistada através de muito derramamento de sangue e muitas negociações, estavam espelhadas no rosto de todos, apesar de alguns preferirem continuar a viver no antigo sistema do Apartheid. Apesar das reminiscências estruturais do Apartheid estarem ainda evidentes em muitas cidades do País, as barreiras que foram criadas com bases na raça e na cor estão a ser, gradualmente, derrubadas. As pessoas, brancas, mestiças, indianas ou negras, podem escolher onde viver e não receiam mais serem perseguidas pela defunta lei sobre reagrupamento étnico de 1957. Poucos meses depois de tomar posse, o Presidente da República da África do Sul, Nelson Rolihlahla Mandela, inaugurou a Comissão da Verdade e da Reconciliação, que foi encarregada de ouvir queixas sobre abusos do passado, e identificar aqueles que deveriam pagar por tanto sangue derramado. Muitas histórias sobre torturas foram contadas. Lágrimas correram abundantemente dos

olhos dos membros da Comissão, incluindo o do respeitado Arcebispo Anglicano Emérito de Cape Town, Desmond Tutu. Pessoas de diversas culturas exigiram que as terras fossem purificadas e muitos líderes religiosos de diferentes crenças, deram-se as mãos em oração, pedindo a Deus perdão pelos muitos crimes perpetrados, tanto pelos agentes do governo que mantinha o regime do Apartheid, quanto daqueles que se apresentavam como "guerrilheiros da liberdade". Os meios de comunicação naquele tempo anunciavam em grandes letras as revelações feitas na comissão e continuamente concentraram as suas reportagens nas muitas tensões raciais que existiam em algumas comunidades. Alguns perguntavam-se se os Sul-africanos seriam capazes de viver em harmonia.

"a integração das muitas raças deste país deveria ser um exemplo para aquelas partes do continente africano que continuam envolvidas em guerras."

Embora ainda existam ainda tensões raciais, a um nível mais baixo do que nos anos anteriores, qualquer um vivendo na África do Sul atestaria que a integração das muitas raças deste país deveria ser um exemplo para aquelas partes do continente africano que continuam envolvidas em guerras. O sistema escolar é multirracial e é interessante quando alguém visita um jardim-de-infância integrado para ver como as crianças, negras e brancas, brincam juntas, esquecidas das relações combativas que caracterizavam as relações dos seus antepassados em anos anteriores. Interessante naqueles dias de Apartheid foi o facto de que institutos religiosos ou seculares, que tinham membros "negros" e "brancos" eram forçados pela lei a não viverem juntos, já que o governo do Apartheid criou desenvolvimentos separados como maneira de preservar a cultura, usando estes meios para evitar influências exageradas. Instituições, como seminários e conventos, eram separados por uma linha racial. Mesmo que a Conferência dos Bispos naquele tempo falasse contra isso, eles tinha que obedecer, já que o governo via a Igreja como uma forma de comunismo. Seja como for, houve Bispos, como o falecido Arcebispo Denis Hurley, que constantemente desafiava a política do governo e até mesmo, uma vez arriscou-se a ser deportado quando o governo pensou que ele não era cidadão Sul-africano.

Desde 1994, muitas pessoas têm vindo viver para a África do Sul. Pessoas do hemisfério Norte frequentemente vêm a esta bonita terra, com colinas maravilhosas e vales, que, para uma pessoa de fé, são a manifestação da beleza divina na criação. Do continente africano também vem muita gente, novos e velhos, em busca de uma vida melhor e de trabalho no Sul. Isto tem criado uma nova realidade em relação aos Refugiados e aos sem abrigo. Isto não acontecia antes. As muitas pessoas, que estão surgindo todos os dias, têm levantado um tipo de suspeita por parte de muitos negros na África do Sul, que acreditam que estas pessoas são uma ameaça para as suas existências, especialmente por haver poucos empregos disponíveis. A Xenofobia começou então a manifestar-se de várias maneiras, a mais grave foi quando lançaram pessoas fora de um comboio em movi-

"A Xenofobia começou então a manifestar-se de várias maneiras"

mento, em 1998. Insegurança também tem levado à colocação de cercas electrificadas e muros de tijolos na maioria dos subúrbios do país onde as pessoas mais vulneráveis, como os idosos, são o alvo dos criminosos. Roubo de carros, estupros e outras formas de crime têm começado a acontecer no país, como foi relatado na imprensa, fazendo com que muitas pessoas se refiram ao antigo sistema do Apartheid como mais seguro, pois, segundo eles, o país era "seguro".

"Muitos dos confrades, entraram muitas vezes em conflito com as autoridades do tempo, pois tentavam ser os advogados e o apoio das pessoas oprimidas"

Por isso, as realidades deste contexto da missão contribuem e, de certa maneira, influenciam a maneira de viver das pessoas, sejam elas religiosos ou missionários leigos. Mesmo que não se possa duvidar do facto de que há diferenças individuais e as pessoas possam reagir a uma situação particular de maneiras diferentes, é importante saber que o contexto tem uma função vital. Alguém tem que estar ciente de todos estes contextos, enquanto previne outros de serem totalmente influenciados por eles. Muitos dos confrades que eu encontrei na minha chegada à África do Sul tiveram, de uma maneira ou de outra, experiência dos efeitos dos Apartheid. Entraram muitas vezes em conflito com as autoridades do tempo, pois tentavam ser os advogados e o apoio das pessoas oprimidas do país. Este é o verdadeiro carácter do carisma espiritano, que é a união na fé que nós temos como instituto religioso. Identificando-se com este povo "negro" oprimido, estes confrades arriscam-se a serem apontados pelos agentes do regime de segregação como aqueles que contribuem para os problemas no país. Eles foram feitos para viver nas cidades, já que então era contra a lei um homem branco viver nas aldeias. Este é, em parte, o contexto onde irei viver em comunidade internacional; um contexto, com muitas divisões do passado, baseadas na cor da pele.

As alegrias da vida em comunidade internacional:

"uma comunidade internacional envolve "espírito e coração"

Há alguns aspectos da vida em comunidade internacional que merecem ser mencionados e que muito contribuem para um efectivo trabalho pastoral. Rénè Tabard, no seu artigo sobre Comunidades Internacionais no documento de Maynooth em 1998, escreveu que uma comunidade internacional envolve "espírito e coração" (Maynooth 1998, pg. 63). Ele aponta algumas das alegrias e desafios deste tipo de comunidade e diz-nos que não podemos "exagerar" as dificuldades. Aproveitando o seu artigo, vou mencionar algumas das alegrias que tenho experimentado, vivendo numa comunidade internacional.

O guia da experiência: Os confrades que estavam a trabalhar na África do Sul antes de mim, experimentaram diversas estratégias pastorais no seu trabalho pastoral. Estas experiências foram-se acu-

mulando durante um longo período e tornaram-se um depósito para aqueles que vierem depois para assim, reforçar continuamente aqueles aspectos positivos que deram bons resultados e evitar repetir aqueles que não funcionaram. Viver numa comunidade internacional fornece este guia, fruto de diversas experiências, porque, quando fazemos comparações, elas não se baseiam apenas na visão de uma só igreja. As alegres discussões de como as coisas são feitas em cada país de origem dos membros da comunidade, acrescenta também muitas alegrias à missão.

"Viver numa comunidade internacional no contexto sul-africano torna-se um sinal de unidade num mundo de diversidades."

O sinal da unidade: Viver numa comunidade internacional no contexto sul-africano torna-se um sinal de unidade num mundo de diversidades. É difícil para muitas pessoas compreender como um homem "negro" e um homem "branco" vivem debaixo do mesmo tecto. As experiências negativas do passado, com tensões raciais, fazem com que eles olhem as nossas comunidades com uma receosa curiosidade de como é possível para nós partilhar tanto em comum. As nossas comunidades tornam-se um sinal visível da igualdade que pregamos. A partilha das coisas, a celebração dos aniversários, dias de festas, aniversários de ordenação, etc., apontam para a realidade do reino de Deus, que é o fundamento das nossas aspirações religiosas.

"A nossa presença em comunidade torna-se por si só uma "pregação"

Um sinal de testemunho prático: Um dos principais focos no mundo hoje é que as pessoas não são mais acreditadas só pelo que dizem, mas pela maneira como vivem o que dizem. As palavras tornam-se verdadeiras reflexões de fé, se aquele que as usa para um propósito particular, as usa como disse. Como missionários, as nossas comunidades internacionais tornaram-se uma dimensão do testemunho silencioso que damos pelo Reino de Deus. A nossa presença em comunidade torna-se por si só uma "pregação", quando o povo percebe que pode ser mais autêntico dar testemunho numa vivência que se torna símbolo da fidelidade Cristã.

Uma visão do mundo: Outro aspecto da vida em comunidade internacional é o facto de ela fornecer uma nova visão para as gerações do futuro. Cada jovem que faz a experiência da nossa vida em comunidade internacional, especialmente no contexto da animação vocacional, aprecia o facto de que as fronteiras são criadas e quebradas pelos homens. Esta visão ajuda-os a apreciar as experiências únicas que podem ser realizadas num contexto universal. As nossas comunidades fornecem uma alternativa para a solidão que experimentam nos respectivos contextos locais, sejam eles Zulus, Afrikaners, Basotho ou Amaxhosa. Aqueles que vivem em comunidades internacionais desfrutam de uma mentalidade aberta que é o fruto de uma visão pastoral comum, na medida em que eles podem identificar o fruto do Espírito na cultura na qual vivem e que é a fonte da identidade para o jovem que visita as suas comunidades.

Desafios da vida internacional:

Estou satisfeito por ver que, quando me pediram para fazer esta apresentação, foi usada a palavra 'desafios' e não 'dificuldades'. A palavra 'dificuldade' tem conotação com limitação física, enquanto a primeira aponta para uma competição na qual alguém se engaja e, usando os meios apropriados, a transforma em alegria. No Directório para Organização da Congregação, número 21, reconhece-se o facto de que num instituto internacional como o nosso, exista a possibilidade de tensões entre os vários componentes de um grupo missionário, tensões que podem ser resultado de diferentes concepções de missão, das personalidades, de mal-entendidos etc. Deixem-me relatar alguns destes desafios que tenho experimentado ao viver numa comunidade internacional.

"Culturas diferentes têm jeitos diferentes de comunicar"

Modelos de comunicação: A comunicação tem-se tornado um importante aspecto das nossas vidas hoje. Apesar de termos um efectivo meio de comunicação disponível, o que dizemos e como o dizemos continua tendo um impacto naqueles com quem vivemos e mesmo naqueles para quem trabalhamos. Culturas diferentes têm jeitos diferentes de comunicar os vários acontecimentos, sejam eles tristes ou alegres. Para alguns, a analogia é a melhor maneira de se comunicar, esperando que o destinatário compreenderá o que estamos a dizer e que fará as necessárias adaptações. Outros são mais directos e acreditam que a verdade não tem áreas cinzentas. A Comunicação pode também tornar-se uma área de desafio nas nossas comunidades. Às vezes, comunicamos de forma que a outra pessoa se sinta rebaixada e isto pode criar tensões na comunidade.

Por outro lado, não comunicar de forma eficaz e presumir que o outro deve entender a minha linguagem, é um "fenómeno mundial" pode também causar tensões. Presumimos que, dado o facto de que esta pessoa é um ser humano, ela deveria entender que isto ou aquilo deveria ser feito. Esquecemos que, enquanto seres humanos, a nossa vida e o nosso agir social são diferentes, e a menos que eu dê a conhecer ao outro a minha maneira de fazer as coisas, ele não poderá saber. Então, é importante que quando um novo confrade chega para fazer parte da nossa comunidade internacional, tentemos ouvir a sua "história" e também contar para ele as nossas próprias histórias. Só assim podemos afirmar que estas histórias fazem parte da nossa missão.

Gestão de recursos e administração: a nossa missão como Congregação leva-nos muitas vezes a áreas onde "a Igreja dificilmente encontra obreiros" (RVE 4). Nestas áreas, a Igreja local talvez não tenha recursos de pessoal nem material. Sendo um apostolado "desafiador", isto talvez não renda frutos suficientes para a sustentação dos

confrades envolvidos nisto e os confrades talvez tenham que solicitar a ajuda do Generalato (que também tem fundos limitados), ou das suas Províncias, ou, até mesmo, dos seus benfeitores pessoais. Às vezes isto cria tensões em alguns confrades, que não têm meios, e sentem que não estão contribuindo para o andamento da missão. Também é evidente que isto não acontece apenas no nosso instituto, mas também em outros institutos religiosos como um amigo Oblato me falou uma vez: "Jude, você sabe o quanto é frustrante saber que quando um confrade meu recebe uma carta de casa, é para saber a forma de o ajudar na sua missão, enquanto eu, quando recebo cartas, é para saber da morte do Tio Max e que não têm dinheiro para o seu funeral". Com respeito então à gestão dos rendimentos, numa comunidade internacional, há a necessidade de dar atenção àqueles que contribuem não só pela sua presença, mas também por outros meios, e também àqueles que só contribuem com a sua presença.

Outra área que é um desafio para uma vida em contexto internacional é a administração dos poucos recursos que a comunidade tem. Isto tem a ver com carros, computadores, telefone e outros. É importante que estas coisas não sejam usadas de maneira que mostre que só alguns membros da comunidade pagam para elas. Deveriam, até, servir para moderar os nossos desejos de independência e de só queremos fazer o que queremos. Os recursos de uma comunidade internacional, se não forem administrados de maneira aberta e honesta, podem levantar suspeitas desnecessárias e levar a um desejo de independência.

Diferenças de personalidade: o carácter único de cada indivíduo é uma das particularidades que formam as nossas atitudes na vida em comunidade e, de forma geral, na sociedade. Percebemos as coisas de maneira diferentes e reagimos às situações de forma diferente. As nossas personalidades têm, por isso, um papel importante na vida em comunidade internacional. Alguns não aceitam facilmente algumas brincadeiras, enquanto outros gostam de brincar, como forma de viver a vida fraterna. Estas diferenças pesam na nossa visão da missão onde estamos e elas reflectem-se na forma de nos relacionarmos com aqueles que não são membros da nossa comunidade apostólica. Neste aspecto da visão da missão, podemo-nos deixar influenciar pela forma como os 'media' relatam os acontecimentos. Por exemplo, se os meios de comunicação relatam que um crime foi cometido por pessoas de determinada etnia ou cor, e se vivemos numa comunidade com pessoas dessa mesma origem ou cor, e que, ainda por cima, tenham uma personalidade provocante, então essas notícias podem influenciar a nossa vida fraterna. Mesmo que leve tempo para se entender as características de uma pessoa, é encorajador numa comunidade internacional, tentar saber como cada confrade irá reagir nas diversas circunstâncias.

"As nossas personalidades têm, por isso, um papel importante na vida em comunidade internacional."

O exercício da autoridade: É interessante verificar que, muita gente no mundo detesta os princípios absolutos, mas, ao mesmo tempo, exige que os seus responsáveis sejam firmes nas decisões a tomar. Por vezes, torna-se difícil para os líderes serem firmes e não querem ser vistos como autoritários. Isto também acontece numa comunidade internacional. Vindo de igrejas locais diferentes com formações teológicas diferentes, podem surgir tensões a respeito da aplicação de um sistema teológico no contexto da Igreja local onde trabalhamos, sobretudo se ela está a dar os primeiros passos. A autoridade deve ser usada nestes casos para ajudar a determinar o paradigma que deve ser seguido. Este paradigma deve ser aceite por todos os membros da comunidade, mesmo daqueles que pensam que as suas ideias não foram tidas em consideração. Esta não é uma tarefa fácil, mas isso aprende-se num processo de discernimento comunitário.

"muitas coisas não dependem de nós, mas do poder do Espírito Santo"

Estas são as alegrias e os desafios que encaramos na nossa vida em comunidade internacional. Entretanto, é importante ter consciência que muitas coisas não dependem de nós, mas do poder do Espírito Santo, que é a origem do nosso compromisso missionário. Uma vida de oração saudável ajuda a atenuar as tensões que muitas vezes são inevitáveis.

BIBLIOGRAFIA

Diretório para a Organização da Congregação (1998) – CSSp, Clivo de Cina, 195; 00136, Roma, Itália.

Informação e Documentação (I/D 59) (2002) – CSSp, Clivo de Cina, 195; 00136, Roma, Itália.

O Capítulo Geral em Maynooth (1998) – CSSp, Clivo de Cina, 195; 00136, Roma, Itália.

Regra de Vida Espiritana (1987) – Scuola Tipografica S. Pio X, Via Etruschi, 7 - Roma.

a vocação do irmão na congregação: até quando?

Será que já não há lugar para os irmãos, que o seu apostolado já não é útil na Congregação ou, até, na Igreja? Será que o seu apostolado se tornou apagado, ultrapassado e nem desejado pela Congregação? Será que já passou o tempo dos irmãos e, por isso, a sua existência está manifestamente ultrapassada? Neste contexto, talvez não valha a pena prestar atenção à vocação para irmãos e o melhor seja deixá-la morrer de morte natural, em vez de tentar mantê-la artificialmente!

O Irmão Espiritano

A vocação ou chamamento para ser irmão na Congregação do Espírito Santo está em declínio. Olhando para as estatísticas, não se pode deixar de reconhecer que, dentro em breve, ser irmão será uma coisa inteiramente do passado. Não se pode negar que em África, especialmente na Nigéria, há um florescimento de vocações, sobretudo para o sacerdócio. Na Nigéria, multiplicam-se as vocações para irmão em algumas Congregações – Irmãos Maristas das Escolas, os Irmãos de Santo Estêvão. Mas não é o caso da nossa Congregação.

Olhando para o crescimento do sacerdócio na nossa Congregação, teremos forçosamente de nos interrogar sobre o que acontecerá à vocação para irmão. Dentro de 50 a 60 anos poderá a Congregação orgulhar-se de ter um razoável número de irmãos? Esta questão merece ser encarada de frente. Por isso, neste momento vem a propósito examinar o processo deste brusco declínio de vocações para irmão. Será que já não há lugar para os irmãos, que o seu apostolado já não é útil na Congregação ou, até, na Igreja? Será que o seu apostolado se tornou apagado, ultrapassado e nem desejado pela Congregação? Será que já passou o tempo dos irmãos e, por isso, a

"teremos forçosamente de nos interrogar sobre o que acontecerá à vocação para irmão."

* *Joseph Mba, delegado dos Irmãos ao Capítulo Geral.*

sua existência está manifestamente ultrapassada? Neste contexto, talvez não valha a pena prestar atenção à vocação para irmãos e o melhor seja deixá-la morrer de morte natural, em vez de tentar mantê-la artificialmente!

"Mais do que nunca o mundo tem necessidade do apostolado dos irmãos"

Necessidade de Irmãos na Congregação e na Igreja

Nunca será demais sublinhar a necessidade de manter a todo o custo a vocação para irmão. Mais do que nunca o mundo tem necessidade do apostolado dos irmãos. Este apostolado é igualmente necessário para a Igreja. No nosso caso, é evidente que há necessidade de irmãos.

Há certos ramos do ministério (apostolado) que os padres não podem assumir plenamente, por causa das responsabilidades que lhes estão exclusivamente confiadas. É nestes domínios que mais se sente a necessidade do irmão. Enumerando alguns: catequese, pastoral, escolas, hospitais, cadeias, refugiados, trabalhos técnicos e construções, mecânica, etc.

Na área escolar, verificamos que um irmão competente, comprometido no apostolado escolar, será muito enriquecedor e acrescentará a dedicação que poderá faltar a um simples professor. Um exemplo da Nigéria: se o Governo decidir restituir as escolas à Igreja, quantos irmãos poderemos destacar para este apostolado e por quanto tempo, tendo em conta a actual situação?

O apostolado junto dos Refugiados também merece a nossa atenção. Numerosos são os refugiados que estão abatidos, sem que ninguém se ocupe devidamente deles ou lhes preste um mínimo de atenção. Também aqui, o contributo dos irmãos é desejado. Estando os padres demasiado sobrecarregados para atender a este trabalho, os irmãos poderiam dar aí uma preciosa ajuda. Mas isto só será possível, se houver irmãos.

Faço esta observação, porque, ao menos aparentemente, as vocações para irmão estão se extinguindo lentamente. Talvez o jovem aspirante não veja qualquer interesse em tornar-se irmão. Seja como for, e tendo em atenção os sectores de apostolado acima referidos, não pode deixar de se reconhecer que a necessidade de irmãos nunca foi tão actual.

"a vocação para irmão, não pode ser separada da nossa história"

Propostas

a) Que o tema da vocação para irmão faça parte da ordem do dia do Capítulo. Na nossa Congregação, a vocação para irmão é parte constitutiva da congregação e não pode ser separada da nossa história. É um ramo da mesma árvore. Se deixamos secar um ramo, a árvore não ficará intacta. Por isso, este assunto deve merecer a

atenção de todos os Capítulos.

b) Constituição de uma equipa para as vocações, que inclua alguns irmãos. O principal trabalho deste grupo seria, entre outros, interessar-se pela vocação para irmão, procurar meios para a sua promoção, encorajá-la e traçar estratégias e métodos para a sua consolidação. Esta equipa encontrar-se-ia regularmente, podendo fazê-lo em lugares diferentes.

c) A realização de encontros periódicos dos Irmãos espiritanos, à escala mundial, poderia ser mais um passo na direcção certa. Aí, eles partilhariam e avaliariam os seus diversos campos de acção apostólica, escutar-se-iam uns aos outros, partilhariam as suas alegrias e esperanças, transmitiriam uns aos outros força e inspiração.

d) A presença de irmãos nas instâncias espiritanas de decisão, como capítulos gerais, etc., poderia ser uma forma de promover a sua vocação. Ao examinar a lista de delegados ao próximo Capítulo Geral (Portugal 2004) seria de esperar encontrar a presença de pelo menos cinco irmãos... Infelizmente, não é o caso. A inclusão de irmãos espiritanos como membros do Conselho Geral poderia ser um outro passo. Isso permitir-lhes-ia partilhar com os seus confrades padres a sua experiência e o seu apostolado missionário. A sua presença ajudaria na elaboração de orientações no que diz respeito aos Irmãos espiritanos e no campo da pastoral das vocações.

Conclusão

Ter reflectido sobre o aparente declínio das vocações para irmão na Congregação do Espírito Santo, sobre as suas verdadeiras causas e, ainda, sobre alguns meios para a revitalizar e revigorar este ramo dinâmico da árvore espiritana, é afirmar que ainda não se perdeu a esperança. Não tememos o futuro. Isto basta para dizer que não devemos fechar os olhos a esta realidade e, menos ainda, pretender ignorá-la.

Cada um deve comprometer-se. É responsabilidade de todos, é necessário um esforço colectivo para podar este ramo e permitir-lhe, assim, continuar parte integrante da árvore e ir mais além para uma colheita mais abundante.

leigos espiritanos norte-americanos

O caminho para o futuro é a colaboração mútua acima da visão tradicional do leigo "ajudando" o professo. A concepção, para alguns espiritanos, é de que os nossos projectos e compromissos pessoais não são espiritanos... Não se estranha que façam comentários dizendo que nós não temos compromissos espiritanos! Não somos religiosos, a nossa força é estar no meio do mundo, no quotidiano das nossas vidas. Visto que fomos acolhidos pela Província e que nos comprometemos solenemente, somos espiritanos e onde estivermos, a Província e toda a Congregação está presente.

Chamo-me Joy Warner, moro em Hamilton Ontário, no Canadá e sou uma leiga espiritana desde 1991. Alguns de vocês já conhecem o meu marido, Gary, que participou no último Capítulo Geral, em Maynooth. Sou a coordenadora regional de KAIROS (Iniciativas Ecuménicas de Justiça), um projecto nacional de todas as principais Igrejas do Canadá que delibera sobre assuntos de interesse comum, defende mudanças sociais e colabora com pessoas de fé e boa vontade em acções para a transformação social. Presido também ao Conselho da Capelania da minha Universidade local, McMaster, que é uma comissão consultiva da capelania ecuménica.

Visão dos Leigos Espiritanos

A declaração de valores partilhados que aqui apresento será agora incluída no manual do Leigo Espiritano Associado de USA-OESTE, USA-LESTE, CANADÁ e TRANSCANADÁ. Esta declaração é o fruto de vários anos de encontros e discussões e estamos alegres porque agora estamos unidos por uma visão comum, embora os pormenores

* *Joy Warner, Coordenadora do trabalho de justiça, paz e reconciliação da província do TransCanadá.*

da sua concretização possam variar de província para província:

Visionamos uma comunidade atenta aos sinais dos tempos, recusando estar "presa às noções do passado". Uma comunidade tão confiante no Espírito, que ela não ofereça o mínimo de resistência para onde o sopro do Espírito a quiser levar. Uma comunidade aberta e guiada pelo Espírito Santo na partilha de sua vida, missão e espiritualidade.

"Visionamos uma comunidade atenta aos sinais dos tempos, recusando estar "presa às noções do passado"

Visionamos uma comunidade conduzida através do estímulo do Espírito, das opções para pelos mais pobres, vulneráveis e excluídos da sociedade, permitindo que eles fujam do seu ciclo de miséria.

Visionamos uma comunidade unida em coração e alma. Uma comunidade de professos e Leigos Espiritanos, onde o espírito interior permite abertura, simplicidade e docilidade, todos juntos trabalhando para construir o Reino de Deus de Amor, Justiça e Paz.

Vou tentar apresentar uma fotografia da realidade dos Leigos Espiritanos nas quatro Províncias da América do Norte, que se encontram anualmente em lugares alternados.

Província USA-Oeste

O que tem emergido na Província do Oeste é uma comunidade claramente orientada para os Leigos Associados com um programa preparado por um grupo central de leigos e leigas que estão interessados em aplicar a espiritualidade espiritana nas suas vidas diárias. Não aponta prioritariamente para um projecto específico ou ministério, mas os leigos associados da USA Oeste procuram viver em união prática com Deus onde quer que o Espírito os leve. Dez pessoas já fizeram o seu compromisso formal e há mais dois em formação. As actuais prioridades são aumentar a oração e a devoção ao Espírito Santo, e um maior conhecimento de Francisco Libermann.

"os leigos associados da USA Oeste procuram viver em união prática com Deus onde quer que o Espírito os leve."

Os maiores desafios são manter a energia e o interesse entre os leigos espiritanos pelas suas reuniões e levar cada um a assumir o seu compromisso nas paróquias ou noutras actividades. Os planos para o futuro incluem, uma insistência na oração, no crescimento espiritual e na partilha, para que nas reuniões haja maior sentido de comunidade e de partilha.

Alguns membros também estão empenhados em 'Black Unity & Spiritual Togetherness' (B.U.S.T.), fundado pelo Pe. McKnight CSSp. Esta organização trabalha junto com FONKOZE, num programa de desenvolvimento económico para Haitianos da área rural.

Mike Latino relata: "Como continuamos o nosso crescimento em número e espiritualidade dentro do nosso grupo de leigos espiritanos, nós agradecemos a Deus pela riqueza que temos recebido através da nossa associação com os membro do Seminário do Es-

pírito Santo e da Congregação em Geral. Acreditamos verdadeiramente que o Espírito do Senhor está em nós!"

Província USA-Leste

O compromisso da Província com leigos e leigas começou durante os anos 70 e 80, primeiramente através do programa de leigos missionários para África. Em 1989 Ann Marie e Johm Hansen, antigos leigos missionários com os espiritanos na Tanzânia, mudaram-se para Pittsburgh para se tornarem os directores leigos das associações organizadas por leigos (*loosely-organized associates*). Eles providenciavam o acolhimento e a formação de outros missionários leigos que se preparavam para trabalhar em África. Ao todo, algumas dezenas de missionários voluntários foram para a África do Leste através deste programa, muitos ficaram lá de três a seis anos antes de regressarem ao seu país. John é agora director de uma escola secundária e Ann Marie professora na Universidade de Duquesne. Os dois fazem parte do quadro de directores de uma organização nacional que apoia missões *ad gentes*. Anne Marie está no Comité de Justiça Superintendente em Duquesne.

A Província dos Estados Unidos do Leste está actualmente caminhando para um novo programa para os leigos, dando oportunidades para se juntar à Província como membro leigo. Tal modelo ajudará a unificar o programa dos leigos espiritanos através das Províncias.

Um grupo encontra-se regularmente na Escola Preparatória do Espírito Santo, em Filadélfia. John Buettler é professor nesta escola há 33 anos. A sua esposa é bibliotecária na mesma escola. Assim, as suas ligações com esta escola espiritana são fortes. Como membro do grupo de leigos associados espiritanos que inclui outros membros da escola, John trabalha para descobrir como a espiritualidade espiritana se relaciona com o ensino. "Os leigos trazem uma energia para a comunidade espiritana que vem da sua presença no mundo e da compreensão do mesmo. O Espírito vai aonde quer, o que é compatível com a vida de um leigo que tem filhos, família e trabalho. É uma espiritualidade que interpreta a vida como ela é vivida."

"John trabalha para descobrir como a espiritualidade espiritana se relaciona com o ensino."

John Fitzpatrick coordena duas viagens de prestação de serviços por ano, para estudantes da escola Preparatória do Espírito Santo, que dá a estes estudantes a oportunidade de viver o chamamento espiritano para ajudar aqueles que mais necessitam. "As viagens são preparadas para tirar os nossos estudantes do mundo protegido da América suburbana e ter contacto com os marginalizados" – uma viagem leva os estudantes ao Harlem para visitar São Marcos, uma paróquia espiritana que foi a primeira paróquia afro-americana nesta área. Na primavera, os estudantes viajam para um área rural, no

"tirar os nossos estudantes do mundo protegido da América suburbana e ter contacto com os marginalizados"

"Não julguem as pessoas que vocês ajudam através do seu padrão cultural"

Oeste da Virgínia, para ajudar a reparar casas em mau estado. Antes de saírem para a viagem, John dá alguns conselhos que o próprio P. Libermann deu aos seus padres missionários: "Não julguem as pessoas que vocês ajudam através do seu padrão cultural mas, de preferência sejam um com eles, adoptem a sua cultura em tudo o que não vá contra o Evangelho". "Para os nosso estudantes, o conselho do P. Libermann traduz-se por uma abertura ao outro, numa atitude de serviço e não de julgamento. Os estudantes então, tentam misturar-se com a comunidade e entender suas necessidades genuínas", anotações de John.

TransCanadá

"Trabalhar para estabelecer e viver uma Cultura de Paz é o centro da minha vida espiritual"

Doze leigos espiritanos fizeram o seu compromisso formal com os Espiritanos, cinco estão em formação. Dos actuais leigos espiritanos, 80% tem vivido ou trabalhado na missão *ad gentes*. Todos têm um forte compromisso com justiça e paz.

"Trabalhar para estabelecer e viver uma Cultura de Paz é o centro da minha vida espiritual, do meu dia-a-dia, da minha vida de serviço aos outros. Esta profunda forma expressa-se na minha poesia. E para John e eu, muitas das nossas orações tem a forma de abraço, escuta, ajuda em momentos desagradáveis, respeito por aqueles a quem Jesus serviu e chamou "os pobres". As crianças, os deficientes, os oprimidos, as vítimas – estas são as nossas vinhas" escreve Katie Flaherty, poetisa e mãe de crianças.

Deirdre e Dermot McLouglhin continuam a trabalhar no norte de Ontário, com as pessoas do Primeiro Mundo. Deirdre faz aconselhamento às vítimas de abusos sexuais e está envolvida na direcção espiritual. Dermot presta cuidados de saúde no recém-criado centro de Saúde Mno-Ya-Win e continua envolvido com Primeiras Nações no apoia à saúde. Ele foi nomeado para o quadro de directores da nova Escola de Medicina de Ontário do Norte. Esta é a primeira nova escola de medicina no Canadá depois de 30 anos.

Os grupos de Hamilton e Toronto procuram encontrar-se uma vez por mês, entre 10 e 20 pessoas participam todos os meses na eucaristia doméstica (Setembro a Maio) em Hamilton. Em Junho fazem a churrascada anual para todos os professos e leigos espiritanos. Missas com as famílias são feitas de 3 a 4 vezes por ano em Toronto. Leigos espiritanos do norte tem comunicação regular e tentam ter um retiro anual com um espiritano professo.

Em Outubro de 2002, quatro leigos espiritanos e P. Mike Doyle CSSp ajudaram a organizar e facilitar a realização da Conferência em rede dos leigos associados e religiosos do Canadá (Região de Ontário). Tratou-se de um encontro durante um dia para todos os leigos associados que eram membros de Congregações Religiosas. Apesar dos associados de outras congregações acharem que tínhamos

muito em comum, era claro que os Espiritanos eram mais avançados em integrar inteiramente seus associados em todos os aspectos da vida da Congregação.

Joy Warner (coordenadora) e Anne MacGregor-O'Neill são membros do Centro Espiritano de Justiça, Paz e Reconciliação do Transcanadá. Gil Joel (uma enfermeira especializada em gerontologia) está no Comité Provincial trabalhando mil e um assuntos relacionados com aposentadoria e velhice.

Joy e Gary foram à Trindade para fazer uma apresentação sobre Leigos Associados para o Capítulo Provincial da Trindade em Dezembro de 2000.

Província do Canadá

Há cinco pessoas que fizeram o seu compromisso oficial de espiritanos associados. Houve 7 ao todo, mas 2 faleceram. Três pessoas estão actualmente em formação e é provável que uma outra se junte no Outono. As prioridades e projectos dos espiritanos associados da Província podem ser apresentados desta forma:

"Ajuda às pessoas debilitadas financeiramente"

"Prosseguir o nosso esforço de consciencialização no que respeita a Justiça e Paz"

"compromissos junto dos imigrantes e dos refugiados"

- Ajuda às pessoas debilitadas financeiramente (ajuda aos pobres na distribuição de dinheiro, de vestuário e de alimentos), psiquicamente (cuidado dos doentes, acompanhamento de pessoas com perda de autonomia), intelectualmente (ajuda aos jovens que tenham problemas intelectuais) ou psicologicamente (ajuda a pessoas depressivas, idosas e angustiadas).
- Prosseguir o nosso esforço de consciencialização no que respeita a Justiça e Paz e a salvaguarda da criação (uma pessoa é membro da equipa de "Justiça e Paz" da Província).
- Prosseguir os nossos compromissos junto dos imigrantes e dos refugiados; (um diácono é membro do clero local, e exerce o seu ministério junto deles).
- Criar redes de troca e de partilha entre pessoas idosas e doentes através da oração, de pequenos serviços, de encontros e de um pequeno jornal "Fraternidade do Espírito Santo".
- Estabelecer laços mais sólidos entre nós e estarmos à escuta uns dos outros, conhecer melhor as pessoas (associadas ou professas) daqui ou de outro lugar, a fim de se desenvolver a solidariedade na nossa grande família espiritana.
- Rezar uns pelos outros
- Ter uma tal qualidade de Ser no nosso mundo que se testemunhe o amor de Deus.

Os desafios, preocupações e problemas são os seguintes:

- O nosso trabalho profissional, que é cada vez mais exigente e stressante e abrange reuniões obrigatórias fora do horário de trabalho.

"Fazer tudo o que está ao nosso alcance, colocarmo-nos nas mãos dele"

- As nossas obrigações familiares ou sociais, pelas quais estamos também de algum modo ao serviço do nosso próximo.
- Os trabalhos domésticos: limpeza, arranjo da casa, confecção das refeições, lavar a roupa ,
- Compras, etc. Isso exige de uma mulher, em média, 15 a 25 horas por semana... é quase um outro emprego...
- A idade e o estado de saúde, que nos limita em determinadas ocasiões ou permanentemente.
- Os compromissos concretos que já temos, aos quais somos fiéis, impedem-nos de tomar novos compromissos, novos projectos iniciados pela Província.
- Aprender a melhor conhecer as outras culturas (num mesmo país ou em países vizinhos) para desfazer os juízos prévios e melhor apreciar as pessoas. (É muito diferente da tolerância)! Quer dizer: ter um coração humilde e acolhedor.

Planos para o futuro:

- Deixar que o Espírito Santo nos guie. Fazer tudo o que está ao nosso alcance, colocarmo-nos nas mãos dele.
- Continuar a aprofundar o que fazemos e cumprir a nossa missão, levando o amor de Cristo aos outros, com humildade... Só isto, já é muito!
- Levar os espiritanos professos a compreender que o nosso compromisso quotidiano, no nosso meio de vida, é espiritano.
- Rezar uns pelos outros.

Desafios

Gastamos muito do nosso tempo para melhorar nossa comunicação interna e também com os leigos espiritanos de outras províncias e da Congregação. Recentemente criamos um grupo de leigos espiritanos na Internet, através do *Yahoo*, moderado por Gary Warner e encorajamos a todos para participarem. Gostaríamos também, de ter uma comunicação mais frequente com o responsável pelos leigos espiritanos no Conselho Geral, que talvez possa promover um boletim anual de partilha de informações e discernimento.

Estamos tentando construir uma biblioteca com recursos para a formação e apreciaríamos a partilha de vídeos, orações e livros de outras Províncias, e também ajuda com a reprodução destes recursos.

Num Canadá cada vez mais diversificado, precisamos de chegar às pessoas de outros credos tradicionais e trabalhar no combate contra o racismo e a intolerância, especialmente no contexto chamado

"guerra ao terrorismo" que ameaça a liberdade civil e cria medo e desconfiança especialmente entre os nossos cidadãos islâmicos.

Outro desafio é como tornar o nosso grupo mais inclusivo. Reconhecemos que somos um grupo de classe média de pessoas com boa educação e ainda assim dizemos que o nosso olhar está voltado para o pobre e marginalizado. Como tratamos nós disto e· somos mais receptivos ao pobre, ao deficiente e ao marginalizado? Como espiritanos associados, nós devemos abrir as nossas portas para o povo simples, aqueles que têm pouca educação, so menos inteligentes e para os mais velhos, que esperam de nós atenção para a partilha e abnegação nas nossas próprias casas. Temos de estar atentos para que não nos tornemos um "clube selecto".

"Como espiritanos associados, nós devemos abrir as nossas portas para o povo simples,"

E, finalmente, um dos grandes desafios que encaramos é o contínuo crescimento dos leigos espiritanos face à diminuição e ao envelhecimento dos sacerdotes. Na América do Norte perguntamo-nos: com quem estaremos associados num futuro próximo? Os leigos espiritanos hoje precisam de achar caminhos criativos e proféticos para continuar o trabalho único da Congregação. Estes tempos não reclamam por seguidores, mas por colaboradores e líderes. Mesmo que não seja sempre possível trabalharmos juntos, é importante que o espiritano professo tenha conhecimento e apoie o trabalho dos associados e vice-versa, e que todos os nossos compromissos sejam reconhecidos como um compromisso espiritano. Por outras palavras, o caminho para o futuro é a colaboração mútua acima da visão tradicional do leigo "ajudando" o professo. A concepção, para alguns espiritanos, é de que os nossos projectos e compromissos pessoais não são espiritanos... Não se estranha que façam comentários dizendo que nós não temos compromissos espiritanos! Não somos religiosos, a nossa força é estar no meio do mundo, no quotidiano das nossas vidas. Visto que fomos acolhidos pela Província e que nos comprometemos solenemente, somos espiritanos e onde estivermos, a Província e toda a Congregação está presente.

"Os leigos espiritanos hoje precisam de achar caminhos criativos e proféticos para continuar o trabalho único da Congregação"

contemplação e acção

O verdadeiro missionário é contemplativo na acção. Quando, em 1969, cheguei a Brasília, a nova capital do Brasil, Angelo mudou-se para o meio dos pobres, numa das "invasões" junto à via de acesso à cidade. Ele levava a opção pelos pobres a sérios e mostrava que o nosso baptismo acontecia quando, pacientemente, mergulhamos na vida dos pobres.

O verdadeiro missionário é contemplativo na acção. Conheci vários que viviam assim. Um deles foi o padre Ângelo van Kempen. Convivi com ele entre 1970 até 1982. Quando cheguei no finalzinho de 1969 em Brasília, a nova capital do Brasil, então ainda um grande canteiro de obras, Ângelo se mudou para o meio dos pobres numa das "invasões" junto à via de acesso à cidade. Ele o fez despretensiosamente. Mesmo assim, "toda a cidade de Jerusalém ficou alarmada". O seu gesto fez com que a igreja de Brasília e as congregações religiosas que lutavam entre si pelos melhores terrenos da nova capital, se interrogassem.

Ângelo levava a opção pelos pobres a sério; alias, sem dar muita confiança à grandiloquência de certos teólogos da libertação. Ele achava que os religiosos se protegiam demasiadamente. Reconhecia nos pobres os seus mestres e senhores. Notava-se nele o dom da liberdade interior e da alegria. Fazia questão de acolher bem a todos que batessem na porta (eram muitos), sem fazer distinção de pessoas. Dizia: "Quando se acolhe a todos do mesmo jeito, o rico se sente ofendido e o pobre não sabe o que está acontecendo".

"Quando se acolhe a todos do mesmo jeito, o rico se sente ofendido e o pobre não sabe o que está acontecendo"

Naquela "invasão" de mais ou menos cem mil habitantes, Ângelo se hospedou num quartinho dentro de um barracão de tábuas da Conferência de São Vicente. Cabiam nele apenas uma cama, uma cadeira, uma mala no chão e uma bacia. Os camundongos passeavam alegremente sobre as bordas da cama. No mesmo barracão moravam ainda três mulheres abandonadas com 16 crianças.

Ora, o governo militar resolveu remover de lá a invasão: a capi-

* *António Gruijters, Provincial da Holanda.*

tal necessitava certamente aquela mão-de-obra barata, mas ela não devia se espraiar tão escandalosamente à vista de todos. Começou a mudança de cem mil pobres, com seus poucos pertences, em cima de caminhões, sob quaisquer condições de tempo, para uma área de cerrado (savana) 30 km mais adiante.

Ângelo estava ora num, ora noutro lugar, fazendo o possível para humanizar a execução dessa migração. Era um com o povo que, de dia e de noite, trabalhava para levantar, no meio da lama ou da poeira, os seus barracos de tábuas, papelão e lata. Naquele planalto ressurgia do barro uma nova cidade, Ceilândia, a paróquia da Ressurreição. Faltava tudo: luz, transporte, e sobretudo água. Não faltavam, porém, crianças que entupiam as poucas escolas construídas pelo governo. A violência sofrida se tornava violência praticada: brigas por um lugar nos ônibus, brigas nas filas para conseguir uma lata de água, brigas em consequência do abundante consumo de cachaça. Brigas que terminavam não raro em mortes. Crescia a criminalidade entre jovens.

"só como pobres podemos ser irmãos universais e comer e beber o que nos for servido."

Paróquia paupérrima. Cem mil moradores. Nenhuma sala, nenhuma capela, nada. 'Debrouillez-vous sur place'. No entanto, para o Ângelo, dinheiro era secundário. Costumava dizer: "Temos sempre o que precisamos". Vivia esta verdade: que só como pobres podemos ser irmãos universais e comer e beber o que nos for servido. Dizia que os pobres nos ensinam a dar valor ao pouco. Mas para que possamos receber esse ensino, é preciso que nos convertamos. É difícil considerar o muito como pouco e o pouco como muito. Temos coragem de ser exigentes com os pobres; ao passo que, diante dos ricos, contemporizamos. Perdemos a paciência com coisas sem importância, (não se pode admitir dúvidas a respeito da nossa autoridade) enquanto conservamos admiravelmente a paciência diante de injustiças e desmandos clamorosos contra os pequenos. Não era assim a atitude de Jesus, segundo o padre Ângelo.

"Ser pobre, também como igreja, era para ele valor, e não defeito"

Pensava que recursos de fora deviam ficar limitados ao mínimo necessário. Ser pobre, também como igreja, era para ele valor, e não defeito. O dinheiro de fora estraga muito. Uma igreja pobre tem de ser criativa, tem de confiar mais nas próprias capacidades do povo, tem de seguir um ritmo mais lento.

Contemplativo na acção: Ângelo teria dado um sorriso por estas palavras pomposas demais para a simplicidade da vida dele. Contudo, ele era sem dúvida um contemplativo na acção. Encontrava Deus nos pobres: para eles estava toda a sua vida direccionada. Eram eles a porta estreita por onde ele passava diariamente para entrar no Reino de Deus.

No bolso sempre um papelzinho no qual estavam anotados os problemas a ser resolvidos, em ordem de urgência. Por mais que riscasse pontos em cima na lista, ela continuava sempre crescendo para baixo. No meio de muita miséria e violência, ele procurava, de

forma prática e simples, diminuir os sofrimentos com a ajuda de um grupo crescente de colaboradores. Ângelo tinha um dom especial para criar um clima de amizade e espírito apostólico na comunidade de agentes pastorais que se formava em torno dele: nós, espiritanos mais novos, algumas irmãs, casais, ex-padres. Era uma comunidade que evangelizava sem palavras. As comunidades de fé se organizavam a partir de uma centena de círculos bíblicos, um método popular para se tornar contemplativo na acção. Somente lá aprendi a ler a bíblia. As pessoas cresciam ao mesmo tempo no seu compromisso eclesial e no seu engajamento sócio-político.

"Era uma comunidade que evangelizava sem palavras"

Na caminhada do Ângelo era visível que encarnar-se na realidade dos pobres é obra da graça, e portanto, de necessidade interior, de amor. Tudo simples, sem discurso, sem ostentação. Não era um amor cor-de-rosa: dentro dele havia indignação, indignação diante de tudo o que se fazia em cima dos pobres. Mas não havia nele amargor.

O amor leva a identificação, a mudar de lugar social, a mudar a própria mentalidade de classe e mesmo a mentalidade clerical, para ficar com os pobres. Jesus convida a ficar lá onde Ele está, não para "fazer uma experiência" e depois sair correndo em busca de um ano sabático, e em seguida fazer em outro lugar outra "experiência" etc. etc. sem jamais chegar a uma encarnação, condição básica para qualquer evangelização.

É claro que havia problemas. Como religiosos inseridos devíamos desaparecer como sal no meio do povo; como padres, membros da hierarquia, não havia jeito de não estar sempre em destaque, revestidos de poder.

"Ângelo mostrava que o nosso baptismo acontecia quando pacientemente mergulhássemos na vida dos pobres."

Ângelo mostrava que o nosso baptismo acontecia quando pacientemente mergulhássemos na vida dos pobres. Estes nos faziam descobrir as deformações da nossa formação; ensinavam-nos uma espiritualidade da qual nós nos consideramos peritos. Muitos pobres vivem a gratitude. Sabem por experiência que pouco ou nenhum poder tem sobre o que possa desabar sobre suas vidas. Há muito pecado nos pobres, mas sem dúvida impressiona muito mais, a quem sabe contemplá-la, a enorme santidade do povo de Deus.

A nossa mentalidade não muda fazendo cursos, e sim mudando as experiências básicas: morar, comer, beber, locomover-se, optar por ficar do lado dos pobres. Não basta apoiar o movimento popular à distância com uma simpatia sem riscos: nada substitui a acção directa, por menor que seja. É o caminho de tornar-se contemplativo na acção, sem o belo jogo das espiritualizações.

Surgiu assim uma federação de comunidades na Ceilândia, a paróquia da Ressurreição, com um rosto próprio, rosto empoeirado, o rosto talvez do padre Ângelo.

Em 1982 ele partiu de lá; os anos começavam a pesar, e ele mudou-se para um lugar menor; em 1991 ele voltou para a Holanda onde foi morto por um viciado em drogas que havia penetrado na

casa espiritana onde o Ângelo morava. Isto aconteceu em Fevereiro de 1996.

Voltamos no tempo e olhamos para aquele período de graça que parece hoje tão distante. Na Ceilândia, somente os mais velhos ainda se lembram do padre Ângelo e do jeito de ser e de trabalhar dos espiritanos. Os sonhos de libertação evaporaram-se. A Igreja dobrou-se sobre si mesma diante da avalanche pentecostal e do avanço da sociedade chamada secularizada. Um novo clero, maioritariamente brasileiro, não sabe mais nada da igreja de Medellín e Puebla. Os religiosos, e principalmente as religiosas inseridas não se multiplicaram porque a formação de novos religiosos não tem sido feita com os inseridos, a partir da experiência deles. Os institutos religiosos adoptaram o discurso libertador, mas não a prática. Os pobres estão mais passivos e mais desorganizados do que nunca. A Igreja está sendo tentada a seguir o caminho mais fácil de oferecer a diversão carismática a fim de poder competir com os pentecostais. A Ceilândia é um caldeirão religioso com centenas de igrejas e terreiros.

Numa expansão da Ceilândia há ainda uma comunidade de três espiritanos: um alemão, um brasileiro e um holandês. Eles continuam a presença espiritana que, 35 anos antes, começou quando o padre Ângelo resolveu mudar-se para o meio dos pobres.

A comunidade não sabe se poderá continua lá.

espiritanos no zimbabwe: contributo missionário na igreja local

Em 2004, os Espiritanos celebraram 20 anos de presença missionária em Zimbabwe. A missão no Zimbabwe começou com um pequeno grupo de espiritanos da Província da Nigéria, em 1984, em resposta a um pedido de ajuda feito pela Diocese de Mutare. Hoje tornou-se um Grupo Internacional.

No seu comentário introdutório aos documentos do Capítulo Geral de Maynooth em 1998, o Superior Geral, Pierre Schouver, fez o seguinte comentário:

> "Penso que não vos enviamos textos mortos. Foi uma assembleia viva, vinda de todos os lugares onde existe a Congregação, que os elaborou. É preciso assimilá-los."

Suas palavras inspiradoras encontram realização nas deliberações sobre a missão com destaque na colaboração com as Igrejas locais. Contudo, o mesmo documento capitular sobre o chamamento para a Igreja local diz: "A nossa missão específica no coração das Igrejas locais é despertá-las para o sentido da missão universal, da justiça e da fraternidade entre os povos" (2.10 – Maynooth 1998). Deste modo, este artigo irá examinar as várias formas como a nossa Congregação, como congregação missionária, cumpre esta tarefa de apoio para a Igreja local no Zimbabwe, através dos que lá trabalhamos.

Espiritanos no zimbabwe

* *Leo Eke, Superior dos espiritanos no Zimbabwe.*

Em 2004, os Espiritanos celebraram 20 anos de presença missionária em Zimbabwe. A missão no Zimbabwe começou com um pequeno grupo de espiritanos da Província da Nigéria, em 1984, em resposta a um pedido de ajuda feito pela Diocese de Mutare. Hoje tornou-se um Grupo Internacional. Agora estamos a trabalhar em três das oito Dioceses do país. Estamos presentes nas Dioceses de Mutare, Gokwe e da Arquidiocese de Harare. Recentemente recebemos uma carta do Bispo de Masvingo convidando-nos para lá trabalhar.

Os bispos convidam-nos para trabalharmos nas suas dioceses quando vêem como vivemos o nosso carisma espiritano. Numa das minhas conversas com o já falecido Arcebispo de Harare, ele dizia: "Eu gosto dos espiritanos, porque eles são abertos, trabalham bem e não são interesseiros". Nós, espiritanos, trabalhamos nas seguintes áreas:

"Eu gosto dos espiritanos, porque eles são abertos, trabalham bem e não são interesseiros"

a) Primeira evangelização

A primeira evangelização é o coração do carisma espiritano. Por isso, muitos de nós estamos a trabalhar em áreas rurais muito difíceis. Nestas áreas falta clero da igreja local e alguns missionários recusam-se a ser nomeados para lá trabalhar. Alguns dos que estavam a trabalhar nestas missões antes de nós, retiraram os seus membros de lá por causa das difíceis condições. Estas missões são em áreas de terras baixas, secas e selvagens. Numa das suas cartas de apoio aos projectos espiritanos, o bispo de Mutare escreveu:

> "Eu convidei a Congregação do Espírito Santo depois da guerra que nos levou à independência em 1980. Eu enviei os espiritanos principalmente para parte sul da diocese, onde a Igreja Católica chegou só em 1961. Eles se adaptaram imediatamente às terras baixas, ao calor, à seca e às exigentes paróquias em Mutare. Estou muito satisfeito com seu trabalho".

Na diocese de Gokwe, os espiritanos abriram uma nova missão numa área de semi-deserto e selva. Lá trabalhamos com o povo Tonga. Os Tonga são minoria, eles não falam "SHONA ou NDEBELE", as duas línguas principais no Zimbabwe. São marginalizados: não há boas estradas, nem electricidade, comunicações, abastecimento de água e boas escolas. Todos os dias lutam contra animais selvagens. Eles não podem ter uma lavoura, pois estes animais selvagens sempre arruínam as suas colheitas. Com a presença dos espiritanos, as suas vidas melhoraram de certa maneira. Agora eles têm casa paroquial, igreja, um convento para irmãs, água, creche, escola e algumas ONG's estão a visitá-los e ajudam-nos em alguns projectos. Para o povo Tonga, o missionário é o instrumento para todos os negócios. Ele não é apenas o pastor, mas também gerente, construtor, médico, ambulância, motorista, pai para os órfãos da SIDA

e banqueiro. Mais: ele tem solução para todos os problemas. "Padre, que devo fazer?" E a reposta é: vamos pensar juntos o que fazer. A nossa missão no Zimbabwe é a primeira evangelização, com excepção de Kuwadzana, na diocese de Harare, onde estamos para prestar um bom acolhimento aos nossos visitantes de além-mar, porque Harare é a capital de Zimbabwe.

"nossa missão no Zimbabwe é a primeira evangelização,"

Em todas as nossas missões encorajamos o povo a ter subsistência própria, ajudando-os a ter uma rendimento financeiro através de projectos, tais como: fazer tijolos, trabalho de costura, padaria, moagem, criação de gado ou abertura de pequenas pastelarias. Estes projectos mantêm-nos unidos e ajudam-se na partilha das alegrias e dos sofrimentos, enquanto cantam hinos na Igreja e fazem suas orações depois de um dia de trabalho. Depois de um dia de trabalho, eles juntam-se para combinar como fazer a visita aos doentes, aos abandonados, aos órfãos da SIDA. Os lucros conseguidos colectivamente são partilhados de 15 em 15 dias. Uma parte é dada aos padres para a sua sobrevivência.

b) Missão como colaboração

"Nós viemos apenas para ajudar a Igreja local,"

Nós viemos apenas para ajudar a Igreja local, que tem a responsabilidade primeira da evangelização (Maynooth 5). Em todas as nossa missões nós temos colaboradores, professores, catequistas, líderes leigos, homens e mulheres que participam inteiramente desta evangelização. Nas nossas missões, a maioria dos trabalhos são feitos pelo povo. O que nós fazemos é encorajá-los, confiando-lhes mais responsabilidades, visitando as comunidades e celebrando juntos os sacramentos. Sem os pastores, o povo sabe como organizar os serviços nas pequenas Comunidades cristãs.

c) Formando do clero local

"Nós acolhemos bem os diocesanos, seminaristas e padres, comemos com eles, rezamos e trabalhamos com eles."

Quando os espiritanos chegaram na Diocese de Mutare, em 1984, a diocese tinha apenas 9 padres diocesanos e não tinha vocações para o sacerdócio. O bispo nomeou um de nós como director das vocações, e com a ajuda dos espiritanos, a diocese conta agora com 18 padres diocesanos e muitos seminaristas. Muitos dos novos padres passaram pelos cuidados e formação dos espiritanos. Nós acolhemos bem os diocesanos, seminaristas e padres, comemos com eles, rezamos e trabalhamos com eles. Algumas das nossas paróquias tornaram-se também pequenos seminários. Quase todos os seminaristas são mandados para paróquias espiritanas. Nós ajudamos a diocese a ter o seu clero local para vários anos. Porém, quando surgiu a necessidade de começarmos a ter vocações espiritanas, todos os pedidos iniciais foram recusados. O bispo temia que, talvez, as vocações para a diocese desaparecessem. Nós tranquilizamos o nosso bispo dizendo-lhe que formar o clero local faz parte do nosso carisma. Um pouco relutante, ele aceitou que abríssemos uma casa

para o postulantado espiritano em 1999, em Marange. Hoje temos oito jovens em formação espiritana, uns no postulantado, outros em filosofia e um chegando à teologia.

"De acordo com a tradição espiritana, vemos a educação como parte integral do nosso trabalho de evangelização"

d) Educação

De acordo com a tradição espiritana, vemos a educação como parte integral do nosso trabalho de evangelização. Portanto, os espiritanos no Zimbabwe têm tido um papel vital na educação. O nosso lema é: "cativar os jovens". Adoptamos o método do Bispo Shanahan e dos confrades irlandeses que trabalharam na Nigéria. Acreditamos que através do apostolado escolar, nós podemos falar com os jovens e pregar-lhes a palavra de Deus. Em quase todas as nossas missões temos uma creche (pré-escola). Representamos o bispo, como autoridade responsável, em sete escolas pertencentes à Diocese. Recentemente, construímos a nossa própria escola secundária, chamada Colégio do Espírito Santo. Estamos cientes de que o bispo pode tirar-nos as paróquias, já que o número de padres diocesanos está a aumentar, mas ele não poderá tomar as escolas construídas e pertencentes aos espiritanos. Estas escolas continuarão sendo a herança dos espiritanos para aquela missão. Temos dois membros que são capelães em duas universidades: Universidade da África, que pertence a Igreja Metodista e a Universidade Católica de Zimbabwe, que pertence aos Católicos. Um de nós é secretário da Educação na diocese de Gokwe e outro é professor a tempo inteiro, contratado pelo Governo. Tudo isto é apoio missionário e contribuição para a Igreja local.

> "Em qualquer lugar em que estivermos, criaremos escolas, ensinaremos a todos que nos procurarem, mas acima de tudo, teremos um certo número de jovens, que serão instruídos na religião e em outras ciências." (Libermann – *Memória sobre as missões dos negros*, 1846).

e) Justiça e Paz

"Consideramos como partes constitutivas da nossa missão de evangelização: a libertação integral dos povos; a actividade a favor da justiça e da paz; a participação no desenvolvimento" (RVE 14). A verdadeira caridade começa em casa. Pagamos aos nossos funcionários salários justos e ajudamos a órfãos pobres a pagarem as suas mensalidades escolares. A Fundação Nascer do Sol de Solidariedade, uma dimensão das iniciativas de solidariedade espiritana, cuida de crianças órfãs com SIDA, dos sem casa, das crianças de rua e dos pequenos nas áreas de seca de Marange, Nyanyadzi e Gokwe. Os espiritanos no Zimbabwe são os advogados dos fracos e dos sem voz. Por diversas vezes falamos abertamente contra as estruturas injustas. E por várias vezes temos sido advertidos e ameaçados por

"Os espiritanos no Zimbabwe são os advogados dos fracos e dos sem voz."

aqueles que querem manter estas estruturas injustas.

Caminho difícil mas solidário

O carisma da nossa Congregação é nossa fonte de inspiração. O apoio que recebemos da Casa Geral em Roma é nossa fonte de inspiração. O apoio e o encorajamento que recebemos da nossa parceria com as Províncias europeias e do Centro Espiritano em Bruxelas é também nossa fonte de inspiração. A partilha de experiências com o grupo internacional espiritano em Moçambique é nossa fonte de inspiração. Ir juntos para retiros, reuniões e reflexões comuns é nossa fonte de inspiração. O nosso esforço em dominar a língua e a cultura do povo para quem estamos a trabalhar é nossa fonte de inspiração. Parte do nosso projecto missionário é aprender com muito interesse a cultura e a língua dos povos que vamos evangelizar. Acreditamos que, quanto mais nós trabalhamos para os pobres de modo especial, mais nos inspiramos. Apesar das dificuldades, o trabalho em si é fonte de realização pessoal. Muitos de nós somos moderadores em retiros, directores espirituais para congregações religiosas, padres e leigos. Visitar os refugiados no campo de Tongogara todos os domingos e celebrar a missa para eles e ensinar-lhes a catequese é nossa fonte de inspiração. Este projecto para refugiados foi aberto pelo Pe. Franz Timmermans e do já falecido Pe. Dekindren, ambos da Província da Holanda.

"Parte do nosso projecto missionário é aprender com muito interesse a cultura e a língua dos povos que vamos evangelizar."

Nem tudo têm sido rosas, e problemas não têm faltado. "Missionários africanos para a África". Esta é uma frase que descreve perfeitamente o actual estado de espírito dos espiritanos que trabalham no Zimbabwe. Numa das nossas reuniões, do grupo SCAF, na diocese de Mutare, um paroquiano perguntou: "Os Espiritanos também têm missionários brancos?" Trabalhamos, colocando nossa confiança em Deus. Não temos apoio médico porque não conseguimos pagar o seu custo. Por vezes é mesmo difícil pagar os bilhetes de avião para irmos de férias. Por vezes, a falta de pessoal afecta a vida comunitária. Algumas vezes os nossos bispos não mantêm os termos dos contratos assinados. O que devemos fazer? Abandonar o trabalho e o povo de Deus por causa do contrato? Estamos a trabalhar para a igreja local e para os nossos novos confrades que virão depois de nós, sejam eles do SCAF ou espiritanos do ZIMBABWE. Não estamos presos a nada. Temos consciência que um dia iremos deixar a missão, talvez por causa de morte, crise política ou guerra. De momento somos dezoito espiritanos, da Nigéria e da EAP, trabalhando no Zimbabwe e só um de nós tem "visto de residência permanente". O resto pode ir embora a qualquer momento, quando o "visto" de trabalho expirar.

"Trabalhamos, colocando nossa confiança em Deus."

"85% da população está vivendo abaixo da linha de pobreza aceitável."

Conclusão

Zimbabwe, o Paraíso da África, neste momento está passando por um período de dificuldades sócio-económicas. Recentemente, uma pesquisa feita revelou que 85% da população está vivendo abaixo da linha de pobreza aceitável. A maior parte desta população está na área onde os Espiritanos trabalham. O país é um território continental e em algumas regiões, em particular os distritos de Gokwe e Marange, é muito comum haver vítimas da seca. Os acontecimentos no Zimbabwe estão na imprensa internacional. Assuntos como SIDA, estrutura económica, programa de ajuste (ESAP), redistribuição de terras, falta de dinheiro estrangeiro, falta de combustível, desvalorização da moeda, inflação alta e falta de liberdade de expressão são problemas nacionais. "Nós agradecemos a Deus que a identificação com o povo que servimos não é nada de novo na Congregação. A partilha do destino do povo, nos bons e nos maus momentos, continua sendo o ideal dos espiritanos em todos os cantos do mundo"(Itaici). Somos apenas servos, não precisamos de agradecimentos, e quando terminarmos a nossa tarefa iremos pedir ao Mestre outro trabalho.

DANIEL TABA*

a primeira evangelização no leste dos camarões

Desde os anos 50, entre os missionários espiritanos no Leste dos Camarões, o P. Ignace Dhellemes deu uma atenção particular aos Baka. Durante quarenta anos, o P. Ignace esforça-se-à por ajudá-los, cuidar deles e defendê-los.

Desde há milhares de anos que os povos vivem na floresta. Entre eles os Pigmeus, caçadores e agricultores semi-nómadas, e grupos banto que praticam a agricultura itinerante nas zonas queimadas. Estes homens desenvolveram modos de vida integrada nos sistemas ecológicos, trabalhando a floresta, mas respeitando-a na sua essência.

Desde há alguns decénios, a floresta sofreu uma transformação radical: exploração intensa de madeira trabalhada. Em média, 250 camiões carregados de troncos saem diariamente dos Camarões em direcção ao porto de Duala para exportação. Cada camião transporta pelo menos entre cinco a dez toros. Isso provocou a abertura de numerosas vias florestais, caça intensiva, desenvolvimento de uma agricultura de exportação. Assim o equilíbrio ecológico está profundamente perturbado e por vezes irremediavelmente destruído.

"o equilíbrio ecológico está profundamente perturbado e por vezes irremediavelmente destruído".

Esta situação é intensificada pela crise económica e pelo descomprometimento do Estado camaronês. As populações sofrem as consequências e assistem, impotentes ao desaparecimento de uma parte importante dos seus recursos mais vitais. Isto é particularmente angustiante nas zonas encravadas e isoladas principalmente onde vivem os pigmeus e os grupos de aldeãos banto que se encontram excluídos de todo o desenvolvimento. Isso agrava as desigualdades entre pigmeus e aldeãos banto. Entre as dez províncias dos Camarões, a do Leste é a mais pobre e contudo a mais rica.

Se bem que pratiquem cada vez mais a agricultura de subsistên-

* *Daniel Taba, Superior da região leste dos Camarões.*

cia, os pigmeus dão ainda à floresta um lugar preponderante na sua alimentação e vida cultural. Empurrados pela diminuição de alimento na floresta, seduzidos pelos bens de consumo, desejosos de serem reconhecidos como homens, são inexoravelmente constrangidos a uma evolução que os leva a abrirem-se ao mundo exterior, o que exige uma verdadeira mutação. Porque necessitam de se situar numa sociedade cujos valores os ultrapassam e desestabilizam.

Interpelados por esta situação, os espiritanos enviados a trabalhar no Leste integraram esta problemática na sua missão de evangelização (P. Ignace Dehlemmes).

A floresta: universo do homem Baka

"A floresta é a mãe que os alimenta e lhes forneceu até recentemente tudo aquilo de que tinham necessidade"

Os Baka pertencem a uma sociedade de caçadores semi-nómadas que vivem da recolha de frutos da floresta, lançados hoje para o caminho de uma dura aprendizagem de sedentarismo. Esta não está adquirida, e permanecem muitos aspectos da sua antiga civilização. Formam um grupo avaliado em cerca de 60.000 indivíduos sobre os 400.000 habitantes que existem no Leste dos Camarões.

Habitam no coração da floresta equatorial. Esta constitui o seu meio natural e o seu universo, aquele que deu a infra-estrutura de toda a sua civilização. A floresta é a mãe que os alimenta e lhes forneceu até recentemente tudo aquilo de que tinham necessidade. Hoje está entregue à exploração desenfreada e o esgotamento de recursos da bio-diversidade mergulha os Baka como os Bantos numa miséria crescente e destrói a sua cultura.

"A esperança de vida dos Baka é de 23 anos"

A esperança de vida dos Baka é de 23 anos, número assustador, (55 anos para os outros). Os indicadores de mortalidade e de doença são ainda piores que os do resto da população. O povo Baka sofre sobretudo das doenças da miséria: úlceras, parasitoses, dermatoses, tuberculose e SIDA, que faz autênticas devastações no seio deste povo que há cinco ou seis anos estava à margem destas doenças.

O Baka é naturalmente um ser da floresta. Partilha com as outras criaturas vivas a sua essência orgânica. A sua religião põe-no diante de Komba (Deus) e dos manes dos ancestrais e de outros habitantes da floresta. Não precisa, pois de transformar muito a natureza, e vive do que ela lhe dá, concedendo um papel essencial à sorte. Esta é controlada pelas mulheres e manifestada na generosidade da natureza. É um aspecto importante a ter em conta na medida em que a maior parte das acções de desenvolvimento, por exemplo, são muitas vezes concebidas para subjugar a natureza, e pô-la à disposição do homem que a transforma. Todavia, pouco a pouco os Baka adoptam a agricultura. Os rendimentos são ainda fracos, porque as suas actividades tradicionais não obedecem ao calendário agrícola e eles têm outra concepção do tempo e do tra-

balho, acontecendo o mesmo no mundo religioso dos Baka.

"A vida religiosa impregna todos os aspectos da vida dos Baka"

A vida religiosa impregna todos os aspectos da vida dos Baka. Para eles, existe um Deus único Komba, criador de tudo e providência para o homem. Este Deus é igualmente o garante da ordem social. Numa cultura em que a caça e a agricultura dão os principais recursos, a sorte, cuja sede está na fronte (libandjo), tem uma grande importância. Para o Baka, a descoberta do alimento quotidiano depende sobretudo da sorte, e é Deus quem a concede. Os chefes de família e os anciãos permanecem os intermediários privilegiados entre Deus e os outros membros do grupo. São eles que administram as bênçãos (saliva misturada com pó de padouk).

O mundo religioso Baka é igualmente povoado de diversos espíritos. Seria mais exacto chamá-los "manes" porque são todos apresentados como tendo tido primeiro uma vida humana anterior. Alguns destes espíritos, incarnados em máscaras, aparecem no campo para a dança. Só se podem aproximar deles os que já sofreram a iniciação. Entre esses espíritos, podemos mencionar *Bokela*, que arrasta o caçador para uma caça grossa; *Kose* que preside à dança da adivinhação do Nganga e dos cuidados no momento da "dança do fogo". *Mongelo*, que aparece por ocasião de um óbito. *Nyabula* que intervém quando alguém matou um elefante. É preciso igualmente conceder um lugar importante ao *Jaboko*, espírito que preside ao rito Yeli, e a *Djengi*, considerado como o maior dos espíritos da floresta: daqui o carácter sagrado da floresta. *Djengi* torna definitivas as decisões mergulhando com os outros nas profundezas silvestres. *Djengi* revela-se como a porta de entrada na cultura Baka, na medida em que ocupa um papel central e controla os indivíduos e assim assegura a disciplina no interior do grupo. Assegura a coesão interna, reservando para si o papel integrador. Tem uma autoridade supra clânica. Faz uma muralha contra as intrusões do exterior. Descobre-se então que este grupo sem hierarquia visível, sem autoridade central, dispõe de um controlo eficaz dos seus membros; que, por detrás do carácter instável, se esconde um núcleo duro, e que o Baka permanece tão inacessível pela disciplina, para não se entregar, para não entregar uma dimensão essencial da sua identidade, da sua cultura ciosamente conservada pela floresta que é o seu tudo. Os Baka não são os únicos habitantes da floresta, há igualmente os bantos, mas a sua coabitação não é sempre pacífica.

A relação Baka / Banto

As relações dos Baka com os Banto, que vivem na mesma floresta equatorial, não cessam de colocar problemas. Cada grupo pigmeu mantém relações económicas exclusivas com uma família Banto. Cada dia os pigmeus Baka de Lomié levam aos seus patrões Banto uma parte das suas presas de caça, bem como produtos da floresta

e recebem de volta utensílios de ferro (facas, machados, lanças...), mas também produtos agrícolas. Sazonalmente, os homens Baka participam no desbravar de novos campos e suas mulheres ajudam os aldeãos nas tarefas das colheitas ou de transporte. Como salário de um dia de trabalho, recebem um pouco de sal, de arroz, roupas velhas, cigarros, ou um copo de álcool africano. Tudo isto tornou-se para eles objecto de grande valor, de tal modo que o homem Baka de Lomié é capaz de tudo para os adquirir. Conscientes desta dependência crescente os Banto servem-se deles conforme lhes apraz. Sedentários agricultores, os Banto têm necessidade de mão-de-obra que encontram por um preço ridículo junto dos Baka. Porquê? Porque no decorrer dos séculos, as amizades e as alianças estabeleceram-se junto dos chefes Banto e o chefe da família Baka, através de um pacto de sangue. Ingénuo, o Baka acredita. Mas para os Banto trata-se de assegurar a mão-de-obra gratuita e os pactos de sangue tornam oficialmente os Baka propriedade privada dos chefes banto.

Na região de Lomié, que conheço bem, ao lado da cada aldeia Banto, está instalado um acampamento Baka. Assim cada grande chefe Banto tinha os seus escravos Baka, que utilizava a seu belprazer. Outrora tinham o direito de vida e de morte sobre os Baka. Este estado de coisas não continuará indefinidamente sobre os descendentes: vinganças nos acampamentos, bastonadas, abusos, violações, são vexames que os seus vizinhos e patrões Banto multiplicam sobre eles. Não lhes reconhecem a propriedade do terreno à margem da estrada principal na qual a administração os forçou a instalarem-se. São os culpados de todos os males: roubos, mentiras, chimpanzés... A estas atitudes humilhantes junta-se a recusa constante da justiça. Sabe-se que se um Baka tem um problema com um Banto, isso é julgado nos Banto, e o Baka é que faz sempre o mal quando é inegável que ele tem razão; não é indemnizado, nem lhe restituem aquilo a que tem direito. Não têm bilhete de identidade, são analfabetos, não conhecem os caminhos da administração, não se podem apresentar diante das autoridades, porque não têm nenhuma existência jurídica.

Diante de um quadro tão sombrio, como é que os espiritanos, missionários comprometidos no seguimento de Jesus Cristo, ao serviço dos pobres, podem ficar indiferentes? O evangelho que vieram anunciar não é palavra de vida e de liberdade?

O nosso compromisso missionário

Desde os anos 50, entre os missionários espiritanos presentes no Leste dos Camarões, o P. Ignace Dhellemes deu uma atenção particular aos Baka, a partir da leprosaria de Kouamb em Abongmbang para onde foi nomeado. Interessou-se nomeadamente pelas origens dos pigmeus Baka; mais tarde, a partir de Souanké, percorreu a flo-

resta do Leste e do Sul dos Camarões, assim como o Norte do Congo Brazzaville para os recensear. Graças aos seus trabalhos de recenseamento, conhecemos melhor o número dos Baka.

Assim, o primeiro cuidado do padre não é o de administrador do sacramento do baptismo ao primeiro que aparece, longe disso e ao contrário é de os conhecer, de ficar no meio deles como um irmão procurando compreendê-los melhor, para melhor os ajudar. Só por volta de 1959 é que baptizou o primeiro Baka no seu leito de morte. Durante quarenta anos junto dos Baka, o P. Ignace esforçar-se-á por os ajudar, por cuidar deles, por os defender e acompanhar nas sua procura das diferentes autonomias relativamente aos Banto.

"Durante quarenta anos junto dos Baka, o P. Ignace esforçar-se-á por os ajudar, por cuidar deles, por os defender"

Em 1969, Mons. Lambert Van Heygen, o único Bispo espiritano do Leste, decide criar um projecto para a promoção da agricultura, educação e saúde junto das populações Baka. Para isso tinha necessidade de pessoal e dinheiro. Monsenhor sabia como agir e encontrou financiamentos na Europa e uma comunidade religiosa dos Irmãozinhos de Jesus, que instala em Salapoumbé a mais de 400Km de Bertoua, para se ocuparem dos Baka. Num primeiro tempo, os Irmãozinhos de Jesus limitaram-se a uma aproximação cultural e à animação pré-escolar dos jovens Baka. Numa segunda fase, ficam junto dos Baka para aprender a língua e a cultura. A partir de Salapoumbé foram publicados vários livros sobre os Baka entre outros a tradução da Bíblia em Baka.

No início dos anos 70, as Irmãs Espiritanas Marie Alberic e Adèle, juntaram-se aos padres espiritanos no sector de Lomié, mas preferiram instalar-se em Messock em plena floresta e acharam que a relação Baka-Banto é uma relação de dependência. Decidem separar os Baka dos Banto, fundando uma aldeia inteiramente Baka a 40 km de Lomié onde reagruparam várias famílias. A sua população podia atingir 700 pessoas. Foi o início da aldeia Moange-le-Bosquet. As irmãs instalaram-se e inseriram-se no meio Baka. Por iniciativa do P. Paul Cuypers, reagrupamentos idênticos surgiram em Nochouam e em Nomedjo, distando entre 25 e 30 km de Lomié.

"As irmãs instalaram-se e inseriram-se no meio Baka."

Depois da minha chegada a Lomié em 1994, os missionários que trabalham junto dos Baka tiveram uma importante reunião de avaliação. No fim deste encontro demo-nos conta que desde 1957, a nossa presença junto dos Baka não melhorou em nada a sua existência e ainda menos as suas relações com os Banto. O fosso que os separava, em vez de se reduzir, crescia. Porque à força de se ocuparem unicamente dos Pigmeus de Baka, os Banto maltratavam-nos ainda mais. Por força desta constatação, mudamos de estratégia, criando uma nova estrutura de desenvolvimento denominada AAPPEC (actividades para a auto-promoção das populações do Leste dos Camarões), que se ocupará daqui em diante tanto dos Baka como dos Banto, por que ambos têm direito à Boa Nova, que consiste em lembrar aos Banto que os Baka não são animais... mas seres humanos

"demo-nos conta que desde 1957, a nossa presença junto dos Baka não melhorou em nada a sua existência"

criados por Deus à sua imagem e semelhança como eles próprios. E aos Baka a reconhecer que também eles são filhos bem amados de Deus (Komba), que devem deixar os seus complexos de inferioridade, e que os Banto e Baka devem viver como irmãos. Para marcar a nossa vontade de mudança e de justiça social, enquanto responsáveis de tal projecto, recrutei cerca de 200 animadores Baka e Banto, repartidos pelas diversas actividades: saúde, educação de base, agricultura, Justiça e Paz, formação, comunicação, catequese.

Os animadores de saúde eram geralmente enfermeiros e "ajudantes de enfermeiro" Baka e Banto. Eles deslocavam-se muitas vezes de mota ou de carro para prestar os cuidados de saúde nas aldeias Banto e nos acampamentos Baka. A área do ensino ambulante tinha como método ORA (observar, reflectir e agir), que o Irmão António tinha desenvolvido nas escolas cristãs. Este método dava uma grande importância à língua e à cultura Baka. Hoje, a AAPPEC conta com sessenta centros de educação onde mais de 3000 crianças Baka e Banto vêm aprender a ler e a escrever. Através da área Justiça e Paz, fala-se-lhes dos seus direitos e deveres de cidadão camaronês como todos os outros camaroneses. Pede-se-lhes que obtenham documentos oficiais, tais como cédula de nascimento e bilhete de identidade nacional. Relativamente à área da catequese, o Padre Paul encontrou um método de catequese adaptado à sua cultura. Os Baka, sendo como muitos outros povos africanos de cultura oral, a partir de pequenos grupos de aprendizagem, eles tentam num primeiro momento reler o Evangelho traduzido em Baka, em seguida memorizá-lo e depois cantá-lo a partir de músicas que lhe são familiares. Assim eles podem cantar por todo o lado, mesmo quando a mamã se ocupa do seu bebé, quando trabalham no campo, quando caminham ou quando tomam banho no rio... Assim passa a Palavra de Deus. Este método produziu e continua a produzir os seus frutos. O Evangelho está portanto presente neste povo como algo que se deve inserir na tradição oral. Ele não é apenas recebido, mas celebrado pelos cantos e pelas danças. O Evangelho faz parte também dos contos Baka. Ora porque não?

"eles tentam num primeiro momento reler o Evangelho traduzido em Baka, em seguida memorizá-lo e depois cantá-lo a partir de músicas que lhe são familiares."

"O Evangelho faz parte também dos contos Baka."

Através da minha humilde presença no meio do povo Baka, respeitando sempre a sua cultura, o Evangelho é-lhes proposto como uma Boa Nova de salvação e de libertação, pela acção e pela palavra. Hoje, muitos deles converteram-se ao Cristianismo. Dos 60.000 Baka que povoam o Leste, mais de 40% tornaram-se cristãos. Há capelas na maior parte das povoações e tanto as orações como as missas são celebradas em Baka ou na língua Banto. Na AAPPEC formamos cada vez mais catequistas, Baka e Banto, que fazem um trabalho formidável. Neste momento em que os Baka são forçados a tornar-se sedentários (formarem as suas próprias habitações) por causa da desflorestação, a nossa presença aqui é mais urgente do que nunca, primeiramente para ajudar a encontrar uma alternativa e também

a aprofundar com eles a partir do Evangelho a noção religiosa que existe no homem Baka, a noção de um Deus único pai, a noção da ligação do homem com Deus, sem esquecer o sentido das oferendas, dos sacrifícios no tempo da caça, por exemplo, a ligação contínua com Deus no dia-a-dia...

Por outro lado, não podemos deixar de colocar algumas questões sobre a cristianização do homem Baka. Conhecendo um pouco a sua cultura, surge automaticamente o problema do discurso moral e ético deste povo, e a maneira como a nova mensagem é transmitida. A religião cristã põe o problema do bem e do mal e propõe recompensar uns e castigar outros, segundo as suas escolhas. Na cultura Baka, como em outros universos negro-africanos, ignora-se esta oposição nítida, maniqueísta entre o bem e o mal e fala do bom e do menos bom. Não a culpabilidade, mas a vergonha, interpelando a pessoa de uma forma mais forte.

Conclusão

Há 70 anos, nós éramos praticamente os únicos actores da evangelização a Leste. Hoje o território está inundado por seitas americanas. As seitas penetram também no meio Baka. Elas fazem-no mais facilmente que nós e transmitem também os seus erros. Elas criam um clima de medo e de superstição, colocando constantemente os fiéis sob a ameaça do diabo, personagem desconhecida dos Baka. Desta maneira, o trabalho missionário junto dos Baka está longe de estar concluído, ao contrário está no seu começo. Neste momento de concorrência e de graves crises económicas, sociais e culturais devemos encontrar a maneira de redefinir a nossa presença, as nossas relações com os Baka e os Banto. Com efeito, o Leste dos Camarões torna-se cada vez mais um dos lugares de maior catástrofe ecológica do séc. XX, isto por causa da destruição da floresta equatorial e da exploração mineira do cobalto, do níquel, etc. As consequências nefastas destas práticas descobrir-se-ão num futuro próximo.

"o trabalho missionário junto dos Baka está longe de estar concluído, ao contrário está no seu começo."

O pigmeu Baka tem uma forte vontade de se abrir ao mundo exterior, dito moderno, e dentro deste mesmo dinamismo, está também aberto à Palavra de Deus. Isto verifica-se pelas rápidas mudanças que afectam as suas sociedades: menos mobilidade, tentativa de adopção da agricultura, consumo acrescido de produtos comercializados, roupas europeias, calçado, rádio-cassetes, etc. Esta mudança não nos deve, no entanto, desviar a atenção de algo importante: a dificuldade de dissociar o Baka do seu meio original, não somente por causa dos recursos naturais, mas também porque é a partir do seu meio natural que o Baka constrói a sua maneira de viver a religião, adquire a sua concepção de tempo, de família, da relação homem-mulher, da organização de trabalho, do bem, de tudo. O

"O Baka recusa um desenraizamento do seu meio de origem: a floresta tropical."

Baka recusa um desenraizamento do seu meio de origem: a floresta tropical.

A evolução constante desta sociedade leva-os a tomar atitudes de resistência. A resistência dos Baka mostra a força de uma cultura que procura salvaguardar os valores espirituais em detrimento dos valores materiais. Separar complemente o Baka da floresta é correr um risco da sua extinção. Os índices de marginalização são já muito elevados. Mas a resistência à mudança vem de outra lógica. É preciso tomar consciência que o Baka é uma fonte contínua de saber ecológico: o Baka venera a natureza. É um homem religioso que tem sempre Deus em conta no seu comportamento. Numa palavra, o Baka pode ensinar-nos muito sobre o respeito da floresta e sobre a maneira de escapar ao vício da acumulação.

"A nossa missão junto dos Baka, hoje como ontem, está baseada no testemunho de amor."

Porém, como qualquer grupo minoritário, ele precisa de ajuda e de acompanhamento. A nossa missão junto dos Baka, hoje como ontem, está baseada no testemunho de amor. Devemos tornar-nos cada vez mais presentes no meio deste povo marginalizado, ser solidários dos seus sofrimentos, de os acompanhar e, quando necessário, traçar com eles, o caminho de desenvolvimento, tendo em conta a sua particularidade, a sua temporalidade, os seus problemas sociais e as contradições às quais eles devem fazer face. Mas não esqueçamos sobretudo, que o Baka não é uma ilha (não estão isolados). O Baka mantém relações alargadas com outras famílias, fazendo alianças, pactos, ritos e mantendo também tensões com os Banto de maneira que qualquer aproximação dos Baka envolve inevitavelmente o Banto de uma maneira directa ou indirecta. Para nós missionários foi preciso 70 anos de presença a Leste para compreender isto.

TAIWAN: novos compromissos

Recentemente, em Junho de 2004, fizemos o balanço dos nossos primeiros sete anos de presença em Taiwan e tentamos traçar algumas orientações para o futuro. Todos nós constatamos que, mesmo depois de mais ou menos seis a sete anos de trabalho duro, tínhamos ainda muito para progredir no conhecimento da língua, da escrita, da história, da cultura e das religiões taiwanesas.

"De hoje em diante chamará-te-ás..."

A 21 de Setembro de 1998, em companhia do Pe. Jean-Pascal Lombart, pisei pela primeira vez na minha vida solo do continente asiático. Juntamo-nos aos dois confrades, os PP.. Sean O'Leary e James Sandy, que chegaram a Taiwan vários meses antes de nós. Logo no dia seguinte de manhã, ao pequeno-almoço, o bispo de Hsinchu, todo sorridente, entrega-nos dois pequenos bilhetes nos quais estavam escritos à mão, os nossos novos nomes e apelidos chineses. Em nenhum país do mundo, onde tinha estado antes, alguém teve a ideia de me dar um novo nome e um novo apelido! É claro que tentei interpretar esse gesto episcopal.

Vi logo que éramos esperados há bastante tempo e que a nossa chegada, assim como a dos outros confrades, tinha sido bem preparada. Remeto-vos para a leitura do número 53 de *Informação/Documentação*, de Dezembro de 1996, para conhecer todos os detalhes desta longa e minuciosa preparação, feita nessa altura pelo Conselho Geral e pelo padre Brian McLaughlin. Isso facilitou bastante a nossa primeira implantação em Taiwan: Sabíamos onde ir, onde ficar, o que fazer, e o que não podia ser esquecido, quem ia pagar... Aproveito esta ocasião para agradecer vivamente ao bispo de Hsinchu, ao Conselho Geral e à Congregação inteira pelo apoio de que beneficiamos desde os primeiros dias da nossa chegada em Taiwan.

"Vi logo que éramos esperados há bastante tempo e que a nossa chegada, assim como a dos outros confrades, tinha sido bem preparada."

No gesto da entrega dos novos nomes reparei no grande prazer da parte do bispo e da Igreja local de nos ver a aprender o mais

* *Jean-Paul Hock, Actual superior geral.*

rápido e o melhor possível a terrível língua chinesa. Esta aprendizagem foi a nossa principal ocupação durante a nossa estadia no bispado.

"tínhamos ainda muito para progredir no conhecimento da língua, da escrita, da história, da cultura e das religiões taiwanesas."

Recentemente, neste mês de Junho, fizemos o balanço dos nossos primeiros sete anos de presença em Taiwan e tentamos traçar algumas orientações para o futuro. Todos nós constatamos que, mesmo depois de mais ou menos seis a sete anos de trabalho duro, tínhamos ainda muito para progredir no conhecimento da língua, da escrita, da história, da cultura e das religiões taiwanesas.

"Estas Congregações têm a política de enviar os seus jovens seminaristas a Taiwan, antes mesmo da sua ordenação sacerdotal.

O conhecimento de cinco a seis mil caracteres necessários para a leitura dos textos ordinários não se adquire em poucas semanas! Para vos dar uma ideia da dificuldade da língua, basta dizer-vos que é somente depois de um ano do estudo do chinês em geral, que a gente consegue mais ou menos dizer a missa; quanto à pregação, isso é outro assunto! Tendo tomado consciência do grande desafio que é para nós a inculturação em meio chinês, pensamos que seria útil para nós imitar a política das Congregações mais antigas, implantadas antes de nós nesta parte do mundo, como, por exemplo, os franciscanos, os jesuítas, os "Scheutistas". Estas Congregações têm a política de enviar os seus jovens seminaristas a Taiwan, antes mesmo da sua ordenação sacerdotal. Deste modo, esses jovens religiosos, depois dos primeiros dois anos de aprendizagem intensa do chinês, podem em seguida ir para a Universidade Católica de Taipé, para fazer os quatro anos de teologia. Desta maneira, depois de uns seis anos de presença e de estudos, estão mais bem "armados" do que nós para começar a exercer um ministério activo: terão tido o tempo para melhor assimilar a cultura local, constituir uma rede de amigos, familiarizar-se com as realidades taiwanesas. É por esta razão que depois de constituir um fundo chamado "FUNDO OTP", lançamos um convite às diferentes Províncias e Fundações da Congregação para lhes dar a conhecer o nosso projecto. Pode acontecer que um jovem espiritano ao longo do seu estágio em Taiwan, chegue à conclusão de que não está adaptado para este tipo de ambiente. Não haverá nenhum mal em regressar à sua Província. Pelo contrário, interromper prematuramente uma primeira afectação é sempre uma experiência dolorosa, tanto para o confrade em causa como para a comunidade que o acolheu.

No gesto da "imposição dos nomes" e dos apelidos chineses, pensei também em perceber uma terceira interpretação, talvez menos positiva que as duas primeiras. É preciso saber que um nome de família chinesa se compõe, regra geral, de uma única sílaba ou de um único caracter, enquanto que o apelido, contrariamente às outras línguas, coloca-se sempre depois do nome e por isso deveria chamar-se, antes de mais pelo apelido, que se compõe geralmente de duas sílabas ou caracteres. Então se o vosso precioso nome de família se compõe na sua origem de várias sílabas, nos serviços de

migração e fronteiras chineses correis o risco de perder uma ou duas sílabas Foi assim que o nosso confrade irlandês, o primeiro a chegar em Taiwan, viu o seu nome de família de três sílabas - O'LEARLY - ser reduzido para uma única sílaba "Li", e o seu apelido - SEAN - pelo contrário, enriqueceu-se com uma segunda sílaba. Acrescento que não fomos consultados para saber se os novos nomes e apelidos nos davam prazer ou não e que em geral os caracteres retidos para exprimir a nossa nova identidade, não passam de uma relação remota com os nossos verdadeiros nomes e apelidos. É um pouco frustrante! Um pouco como se as pessoas quisessem dar-nos a entender que o que interessa para os nossos anfitriões chineses não é tanto o que éramos antes de vir para Taiwan, mas o que poderemos ser para eles de hoje em diante. Como diz o Salmo, trata-se verdadeiramente de esquecer a casa de teu pai e de tua mãe. Se a gente vem a Taiwan com a ideia de viver a missão sob o sinal exclusivo de intercâmbio entre as igrejas ou entre as culturas, arrisca-se a ficar decepcionado. Um jovem confrade, recém ordenado na sua igreja natal, que chega a Taiwan, torna-se em simples estudante, não como um estudante prestigioso devido a um doutoramento qualquer, mas sim, um simples caloiro na aprendizagem da língua chinesa. A Igreja Católica em Taiwan é muito pequena em número, apenas 1,5% da população total que conta 23 milhões de habitantes aproximadamente, para que o estatuto de padre tenha algum prestígio. Diga-se que, para além da missa dominical que ele pode celebrar em inglês para as vivas e dinâmicas comunidades cristãs constituídas por jovens trabalhadores e trabalhadoras vindos das vizinhas ilhas das Filipinas, o confrade jovem não terá durante muito tempo a oportunidade de exercer um ministério importante para as comunidades chinesas. Além do mais, se os taiwaneses convivem há já bastante tempo com os europeus e americanos, não se passa o mesmo com os Africanos. Na nossa cidade de Hisinchu, encontramos poucos africanos nas ruas. Daí que é preciso um certo desprendimento e muita paciência para suportar as primeiras reacções de curiosidade e criar paulatinamente relações fortes, fundadas sobre valores pessoais profundos e autênticos.

"trata-se verdadeiramente de esquecer a casa de teu pai e de tua mãe."

"A Igreja Católica em Taiwan é muito pequena em número, apenas 1,5% da população total"

"Cada família tem um livro difícil a ler"

Como outros intervenientes abordarão, no dia 1 de Julho próximo, o aspecto da vida em comunidade internacional, não me vou alongar muito sobre a nossa vida de comunidade. A sabedoria chinesa diz que na pequena biblioteca de cada família se encontra um livro difícil de ler, o que significa simplesmente que cada família tem os seus problemas. Igualmente a nossa comunidade, como todas as outras comunidades, internacionais ou não, conheceu ten-

"uma primeira crise de adaptação não significa necessariamente que um confrade não seja apto para a vida e a missão em Taiwan."

sões, provações, regressos antecipados. Na reunião de avaliação e de orientação, à qual já fiz alusão, reflectimos igualmente sobre estas questões. Em particular, reconhecemos a importância dos primeiros tempos da nossa estadia em Taiwan, e que uma primeira crise de adaptação não significa necessariamente que um confrade não seja apto para a vida e a missão em Taiwan. Dos cinco confrades presentes em Taiwan, quatro são de primeira afectação e só um é de uma geração mais antiga do que esses quatro confrades, o que, no nosso entender, não proporciona um bom equilíbrio. Esse problema terá a sua solução dentro de alguns anos, pois, basta esperar um pouco para que os jovens confrades atinjam mais idade e entrem na categoria dos confrades de média idade. Por isso paciência... Também notei que o que faz a solidariedade e a viabilidade de uma comunidade não são apenas os bons sentimentos que temos uns pelos outros, nem o nosso ardor apostólico comum, mas, também o facto de se cumprir o melhor possível a Regra de Vida. Se as nossas interpretações e as nossas verdadeiras práticas da Regra de Vida são diferentes, que comunidade podemos esperar ainda? É preciso que cada um se repita constantemente que a comunidade não é "toda a gente, menos eu", mas, " toda a gente e eu também". Que estas observações não vos levem a pensar que a nossa comunidade de Taiwan conhece problemas especiais, mas, simplesmente, que uma comunidade se constrói na paciência e na esperança.

"a comunidade não é "toda a gente, menos eu", mas, " toda a gente e eu também"

"Vamos de preferência...
lá onde a igreja dificilmente encontra obreiros."
(RVS 12)

Se eu fosse bispo e se tivesse espiritanos na minha diocese, esta seria sem dúvida a parte da Regra de Vida que, com gosto, mais vezes recordaria. Quando estávamos a caminho do fim dos dois primeiros anos de aprendizagem do chinês, pensamos decidir para que ministérios nos iríamos orientar. Tivemos vários encontros com o bispo e seu vigário geral explicando-lhes as grandes linhas do nosso "carisma espiritano", mas também dizendo-lhes que estávamos abertos a todas as propostas, na condição de não ficarmos muito dispersos. Pareceu-nos que ele acabava apenas de chegar à diocese e que valia a pena adoptar esta atitude de abertura e de disponibilidade. Devo dizer que as autoridades diocesanas foram bastante compreensivas e que os ministérios que nos foram confiados me parecem estar em conformidade com as orientações fundamentais da Congregação. Por razões mais circunstanciais que teóricas, tratava-se essencialmente de substituir os padres que lá estavam e que brevemente iriam deixar o ministério. O bispo confiou-nos as seguintes funções: O padre Sean O'Oleary é capelão diocesano das prisões, que

ele visita regularmente com as equipas dos leigos e de religiosas; também é capelão de uma casa de acolhimento de jovens em dificuldades, casa animada pelas Franciscanas Missionárias de Maria; é nesta casa que ele reside, convive com os jovens sobretudo à noite quando eles chegam dos cursos, participa na reflexão educativa com os educadores e as irmãs. Está também encarregado da comunidade anglófona, composta essencialmente pelos trabalhadores e trabalhadoras filipinos que frequentam a Paróquia do Espírito Santo. O padre Jean-Pascal Lombart é capelão da equipa diocesana da pastoral dos jovens, responsável da pastoral estudantil na cidade de Hsinchu, responsável igualmente do lar seminário interdiocesano que acolhe 15 a 20 jovens, o que constitui responsabilidade de peso. Quanto a mim, confiaram-me a Paróquia do Espírito Santo, com uma Paróquia anexa, mais pequena - a de São Miguel. Nesta função sou ajudado por um catequista taiwanês e uma religiosa coreana. Desde algum tempo asseguro também a segunda missa quotidiana e a pregação de algumas recolecções para uma comunidade vizinha de religiosas. É nas instalações da Paróquia do Espírito Santo que de momento está situada a nossa casa central. Para um futuro próximo está previsto que o padre Jean-Pascal Dime, que brevemente vai terminar os dois anos do chinês, tome por dois ou três anos uma paróquia próxima da do Espírito Santo, mas continuando os cursos de chinês; em seguida, poderia com um outro confrade, ser afectado para um ministério junto da população aborígene da Ilha.

Os nossos sonhos

Além dos quatros confrades cujos nomes já referi, a nossa comunidade inclui também um confrade da Província de Portugal, presente neste Capítulo Geral como tradutor, o padre Victor Narciso Martins da SILVA, que acaba de terminar com sucesso o primeiro ano do chinês. No fim do ano virá juntar-se a nós um confrade dos Estados Unidos do Oeste, o padre LUONG Duc Gia, filho de pais vietnamitas e que continuam a viver no Vietname. Com um número mais significativo de confrades podemos talvez realizar alguns dos nossos sonhos

Gostaríamos muito de abrir uma segunda comunidade, seja num outro lugar da diocese seja numa outra diocese, com o fim de diversificar as nossas implantações e os nossos compromissos.

Gostaríamos consagrar-nos ao ministério junto das populações aborígenes.

"Gostaríamos consagrar-nos ao ministério junto das populações aborígenes."

Gostaríamos que um confrade pudesse especializar-se no diálogo com o Budismo. No entanto, é preciso não esquecer que o Budismo é uma "religião" tão complexa como rica, tal como o Cristianismo e, por isso, é preciso uma longa preparação antes de se estar à altura de poder "entrar em diálogo" com o Budismo.

Gostaríamos, de uma maneira ou de outra, atravessar o delta de Taiwan e ir prestar algum serviço na igreja que está na China continental.

Estamos convencidos de que a nossa Congregação só estará realmente presente por muito tempo no mundo chinês quando jovens chineses vierem juntar-se a Ela e quando vierem partilhara nossa missão; gostaríamos por isso, de acolher tanto jovens taiwaneses como chineses, mas notamos que a igreja taiwanesa é pobre em vocações.

Gostaríamos de dar a conhecer mais amplamente a nossa Congregação e a nossa espiritualidade aos cristãos de Taiwan; já imprimimos uma pequena folha de apresentação da Congregação.

Estamos em vias de traduzir, através de uma tradutora taiwanesa, a obra *"Colocaste sobre mim a tua mão"* e depois de alguns ecos tivemos o pressentimento que a profunda espiritualidade do Padre Libermann poderá tocar os corações taiwaneses, sobretudo nestes tempos em que muitos taiwaneses se interrogam sobre o seu futuro, divididos entre um mundo tradicional que parece desaparecer pouco à pouco e uma "modernidade" que só traga coisas boas, na procura de uma paz e de uma felicidade mais profundas do que as trazidas pela sociedade de consumo.

Barnabé Sakulenga*

a missão em situação de conflito ou pós-conflito em Angola.

Depois de quarenta anos de guerra, eis que Angola conhece finalmente a paz. À nação Angolana levnta-se agora o desafio de integrar no seu seio todos os angolanos, de tal forma que todos entendam que a reconciliação nacional é caminho obrigatório e seguro para tornar real o ideal da paz.

A herança da guerra

Depois de quarenta anos de guerra, eis que Angola conhece finalmente a paz. Foram quarenta anos de sofrimentos, de violências e de mortes. Um calvário que parecia não mais ter fim. A paz hoje é um facto incontestável. Calaram-se as armas. Em princípio definitivamente. A guerra deixou uma herança muito pesada para todo o povo de Angola:

Divisões, antagonismos e desconfianças de natureza étnica e social.

Hiper-concentração de refugiados e deslocados, com aldeias, vilas e muitas cidades completamente destruídas.

Uma multidão de adolescentes e jovens desocupados, sem escola, sem emprego, e sem esperança de um futuro melhor condenados à delinquência, ao roubo, à prostituição e à droga. (Não esqueçamos que muitos desses jovens nasceram e cresceram na rua).

Qualidade de vida bastante deteriorada, com a saúde, a educação, a habitação, o transporte e o saneamento básico seriamente comprometidos, pessoas e famílias inteiras em situação de extrema pobreza, miséria e fome; o número de portadores de SIDA e consumidores de droga a crescer cada vez mais e sem respostas sociais organizadas.

Desigualdades na distribuição do rendimento, da riqueza e das

* *Barnabé Sakulenga, antigo provincial de Angola.*

oportunidades entre etnias e províncias e o surgimento de uma classe de ricos seleccionados e protegidos.

Um governo e administração pública que não garantem eficácia e transparência na gestão do bem comum, mas, antes, empenhado no desvio dos fundos públicos, com a prática de salários muito baixos em flagrante contraste com o exagerado custo de vida.

O surto incontrolável de seitas religiosas e o incremento assustador de feiticismos.

Constata-se a existência de uma progressiva secularização e relativismo moral, com incidência nos comportamentos humanos, éticos e de cidadania e no afastamento da prática religiosa.

Desafios

Como se pode ver, aos problemas próprios da guerra sucederam outros que emergem neste novo clima de paz e que são autênticos desafios para a nação angolana, o governo, a sociedade civil e para a Igreja e para a Congregação em particular.

"levanta-se o desafio de integrar no seu seio todos os angolanos"

"a reconciliação nacional é caminho obrigatório e seguro para tornar real o ideal da paz"

a) À nação angolana, levanta-se o desafio de integrar no seu seio todos os angolanos que a perturbação sócio política levara para fora do país ou que, dentro do País se viram forçados a deixar a sua terra natal. O mesmo é dizer que a reconciliação nacional é caminho obrigatório e seguro para tornar real o ideal da paz, da harmonia e da felicidade para todos. A guerra destruiu estruturas físicas e mentais, provocou a separação e divisão de milhares de famílias, há feridas que ainda sangram e ódios por superar...agravados com alguma intolerância político/partidária. O segundo desafio é o de integrar as tribos e os grupos étnicos, sobretudo os de menor avanço cultural, para a criação de uma Pátria comum em que todos e cada um se revejam e se identifiquem e que a Sociedade Civil não se venda às diversas potências (económica: surgimento de grupos que se seleccionam na distribuição, uso e usufruto dos dinheiros disponíveis; cultural: facilitação de algumas famílias em obter graus académicos nas tecnologias modernas em detrimento de alunos mais capazes, mas sem "padrinhos"; religiosa: o pulular das seitas, pagas por certas "forças"que querem ver o enfraquecimento da Igreja Católica) que ameaçam tal integração.

b) Para o Governo há um conjunto de desafios entre os quais saliento os seguintes: o reassentamento das populações refugiadas e dar dignidade aos desmobilizados de guerra e suas famílias; reconstruir as infra-estruturas sociais e económicas que a guerra destruiu; a construção de uma democracia sem vícios (a prepotência dos partidos políticos e a intolerância política) e a democratização das Instituições do Estado; o desarmamento da população civil e a reintegração social dos ex-militares (estes podem ser sempre causa de desestabilização social se não merecerem a devida atenção); incre-

mento da liberdade de expressão que se concretize por uma maior liberdade de imprensa em todo o país; maior empenho na luta contra o HIV SIDA; incrementar políticas tendentes à erradicação do analfabetismo que, segundo dados actualizados e credíveis, aprisiona mais de 60% da população angolana.

c) À Igreja Católica, levanta-se o desafio de uma Evangelização *"nova no ardor, nos métodos e nas expressões"* – como preconiza o Papa João Paulo II, em que se constituam comissões técnicas que saibam gerir as situações humanas com Verdade, Caridade, Justiça e Solidariedade, fundamentos e pilares da verdadeira paz.

"À Igreja Católica, levanta-se o desafio de uma Evangelização "nova no ardor, nos métodos e nas expressões"

d) À Congregação do Espírito Santo: Como se pode ver, ser missionário espiritano em Angola, hoje, significa ir ao encontro de muitos desafios. Solidários com o povo e em especial com os mais pobres, sentimo-nos interpelados por todos eles. Em tal contexto, a nossa missão tenta privilegiar os seguintes aspectos:

"ser missionário espiritano em Angola, hoje, significa ir ao encontro de muitos desafios."

- Promover comunidades cristãs e formar um laicado comprometido e responsável.
- Incrementar a educação formal e informal como aspectos integrantes da nossa missão evangelizadora;
- Nas nossas missões e paróquias, no dia-a-dia, procuramos assegurar a prática sacramental, reciclar e capacitar os catequistas, incrementar a pastoral sócio caritativa, incentivar e apoiar as iniciativas tendentes à promoção e ao desenvolvimento;
- Pastoral social consubstanciada em iniciativas concretas nos domínios da saúde, ensino, alfabetização e sessões sobre os direitos humanos;
- Damos particular atenção em questões de justiça e paz que, a começar com o anúncio do Evangelho nas comunidades cristãs, procura despertar nas pessoas o sentido crítico e a denúncia de todas as injustiças quer sejam culturais, religiosas, políticas e económicas como aquelas que nos são impostas a partir do exterior como condição para ajuda ao desenvolvimento, como por exemplo, a imposição de métodos imorais para o controle da natalidade.
- Acompanhar e apoiar o povo, dentro das nossas possibilidades, no difícil e delicado processo de reassentamento, além da pastoral no mundo urbano, onde, as periferias se vão tornando cada vez mais num autêntico oceano de pobreza extrema rodeando ilhas crescentes de opulência, com maior destaque à pastoral juvenil cuja situação reclama, mais do que nunca, obras sociais e educativas.
- Trabalho pastoral junto dos militares para que também eles sejam os primeiros a dar os primeiros passos para a reconciliação da grande família angolana. Ontem foram utilizados pelos políticos para defenderem ideologias e partidos. Hoje parecem ignorados. Também eles são campo de missão dos espiritanos. Neste sentido, uma experiência significativa e inédita em Angola é levada a cabo por um confrade da Província de Espanha. Visita quartéis e faz

sessões sobre a Reconciliação nacional. A iniciativa tem tido muita adesão da parte da parte dos próprios militares e não só.

Conclusão

Termino dizendo que reconstruir a alma do angolano e devolver-lhe a dignidade e a esperança num futuro melhor e no Deus libertador, apresenta-se, pois como sendo o maior desafio da missão da Igreja em Angola e da Congregação, em particular, neste hoje pós conflitual. O ser do angolano ficou profundamente perturbado e ferido. Foram muitos anos a lidar com os sinais de morte. Reconstruir e unificar este ser, esta identidade, esta alma impõe-se como a grande tarefa para todos os angolanos.

OSCAR NGOY*

sarar as feridas do conflito o caso da república democrática do congo

A missão em situação de conflito convida à mística de uma presença atenta, criativa e não passiva nem complacente. Durante os conflitos ou depois deles, o missionário é uma testemunha portadora de esperança.

Qual o postal que melhor representaria hoje a República Democrática do Congo, este grande e belo país no coração da África, que no alvorecer da sua independência em 1960, conhecia uma certa prosperidade entre os mais prometedores e esperançosos do continente?

O período de Mobutu minou e demoliu esta esperança. A igreja do Congo viveu um longo período de tensões e de conflitos face a uma política de terror. Desde 1998 até hoje, o Congo atravessa o período mais sombrio da sua história a todos os níveis: território balcanizado, populações deslocadas e dizimadas, economia enfraquecida e infra-estruturas destruídas, rancores e traumatismos, vida precária e insegurança física, humana, psicológica, intelectual, moral, espiritual e religiosa caminham lado a lado. Como viver a missão de Cristo em situação de conflito? Quais as atitudes missionárias, que estratégias e que orientações durante e depois dos conflitos? Gostaria de dar aqui a minha pequena experiência de missionário na situação concreta da República Democrática do Congo, de 2000 até hoje.

Cuidar das feridas

"Bom dia, comandante". Esta saudação, com os gestos que a acompanham, ficará gravada na minha memória. Eram 6. 15 h da manhã. Saio com o Pe. Joseph, pároco da catedral de Manono para celebrar a Eucaristia. No caminho, cruzamos com um rapazinho de cerca de

* *Oscar Ngoy, Superior da CKF.*

"A missão em situação de conflito convida à mística de uma presença atenta, criativa e não passiva nem complacente."

três anos e meio. Ao ver-nos passar junto de sua casa, sai de onde está a correr com um pequeno pau na mão e põe-se direito diante de nós e saúda-nos dizendo com toda a seriedade e de modo inteligível: "Bom dia, comandante"! Compreendemos imediatamente que o pau representava uma arma. Confusos e perplexos olhamos um para o outro.

Esta cena faz-me tomar consciência até que ponto a guerra e os conflitos armados deixam chagas, feridas e cicatrizes na história, tanto pessoal como colectiva. O nosso bravo soldadinho carrega feridas de muitos anos de guerra. É isto que a sociedade lhe dá para viver desde o seu nascimento. De um modo inocente mostra um cenário de trauma que afecta a população, sua família e seus vizinhos.

Viver hoje a missão de Cristo no meio do nosso povo em situação de conflitos, é aceitar juntar-se, encontrar-se, deixar-se apanhar no dia-a-dia por pessoas feridas psicologicamente: torturas, humilhações por parte dos soldados; pessoas feridas psiquicamente: mulheres e jovens violadas por vezes na presença dos membros da família, aldeias inteiras queimadas em sinal de represália; pessoas prisioneiras das feridas psicossociais: pessoas deslocadas e desenraizadas do seu meio, que perderam os entes queridos (maridos, esposas, filhos, irmãos e irmãs – o caso do pequeno Eduardo que viu morrer toda a família) ou dos bens mais preciosos (casas, campos, terras).

A missão em situação de conflito convida à mística de uma presença atenta, criativa e não passiva nem complacente. Durante os conflitos ou depois deles, o missionário é uma testemunha portadora de esperança. Eis porque deve saber escutar e ter um olhar que convida a pessoa ferida à confiança. É o que faz o Pe. Noel Perrot com os deslocados em Lubumbashi, o que o P. François Augustijns e o P. François Numb fazem com as populações de Kongolo. É também o que François Le Hellaye faz no bairro pobre de Mbaza-Lemba de Kinshasa ao nível do desenvolvimento integrado. Em Lubumbashi, no bairro de Saint Laurent, o P. Paul-Venance enquadra as comunidades de base.

Desde 2000 até hoje, a minha missão consistiu em ajudar e encorajar os confrades nos seus compromissos e na sua presença junto das pessoas marginalizadas. Tive dois sentimentos diferentes: por um lado, a alegria e admiração perante a dedicação e o zelo missionário dos confrades que se entregam de corpo e alma, noite e dia, ao serviço dos mais abandonados com o risco da sua própria vida. Compreendi, com muita sinceridade, que quando um espiritano se compromete com os pobres, é verdadeiramente a sério e vive essa tarefa de corpo e alma. Creio que o Senhor deve estar contente ao ver os compromissos sinceros dos nossos missionários espiritanos junto dos membros do seu corpo que sofre; também toda a Congre-

gação se deve sentir feliz por um tal testemunho de vida doada por parte dos seus membros.

" é preciso contar com a bondade de Deus em todos os nossos compromissos..."

Mas por outra parte, tive de viver a experiência de humildade diante dos nossos meios limitados em pessoal e em finanças para ajudar os nossos confrades nos seus compromissos junto das pessoas carenciadas e para a sua própria vida. Então compreende-se que tudo é graça; é preciso contar com a bondade de Deus em todos os nossos compromissos... Todavia, uma coisa é certa, em situação de conflito quando é difícil até mesmo impossível para ganhar a sua vida e ter com que ajudar as obras missionárias, a solidariedade espiritana deve ter um grande valor evangélico e o lugar de um verdadeiro testemunho missionário.

Investir na pessoa e refazer os laços desfeitos.

"Sem escola, qual o futuro dessas crianças e que será do amanhã do país?"

No Congo, por causa da guerra, em certas zonas do país, desde há seis anos que as escolas não funcionam ou funcionam devagar. Sem escola, qual o futuro dessas crianças e que será do amanhã do país? Feitas bem as contas, em seis anos a criança termina o ciclo primário, e o que estava na primária devia entrar no secundário e o que estava no secundário devia entrar na universidade.

Os conflitos armados com as feridas que produzem partiram e destruíram as relações inter-pessoais. E por isso preparar o futuro do país e promover uma boa cultura da paz passa em grande parte pelo domínio da educação. Vi crianças sentadas no chão para poderem estudar e aprender alguma coisa.

"o investimento mais importante, que vale a pena, é a pessoa humana"

A experiência trágica do Congo faz-nos tomar consciência de que o investimento mais importante, que vale a pena, é a pessoa humana. A educação e a formação nas suas diferentes formas permanecem domínios significativos do compromisso missionário e profético para os espiritanos.

Está claro que os filhos daqueles que fazem a guerra não estão no Congo, estudam noutra parte nas melhores escolas e melhores universidades do mundo, enquanto que os filhos dos abandonados não têm mesmo possibilidade de terminar a escola primária.

Eis porque, decidimos fazer muitos esforços nos nossos compromissos na educação e formação permanente e gastar muitas energias para preparar a pessoa, É o caminho obrigatório para poder ajudar a refazer as relações que foram destruídas a nível interpessoal e entre as comunidades.

Já começamos em Kongolo este compromisso e vamos voltar a Manono para a educação a nível primário e secundário. Um confrade trabalha com a equipa diocesana num compromisso para um mundo melhor.

Conclusão

Viver a missão em situação de conflitos questiona o nosso compromisso profético, enquanto religiosos missionários que têm a nobre missão de ir para os abandonados. Na R. D. do Congo, esta missão compromete-nos a curaras feridas, a restabelecer os laços desfeitos e a investir na pessoa pela via indirecta da educação e da formação. Esta missão exige a mística de uma presença atenta e criativa para ser sinal de esperança para o povo de Deus.

reconstrução e reabilitação conflito e pós-conflito na serra leoa

Em Março de 1991, um grupo de rebeldes da Libéria que se auto-denominavam Frente Unida Revolucionária (RUF), invadiram parte do leste e do sudoeste da Serra Leoa, antiga colónia britânica. Esta acção desencadeou um conflito civil em grande escala que durou uma década. A natureza e a intensidade da guerra chamaram a atenção do mundo e recebeu uma forte condenação por parte da comunidade internacional. Isto foi descrito em vários termos: violência primitiva, genocídio, conflito étnico, conflito sangrento por cauda dos diamantes, e com certa ironia, uma guerra sem sentido, etc. Calcula-se que mais de 100.000 pessoas perderam a vida nestes conflitos, e que foram deslocados para campos de refugiados, dentro e fora do país, o dobro daquele número.

Factores que levam ao conflito

Falando do conflito na Serra Leoa, é importante fazer uma distinção entre aquilo que desencadeia a guerra e aquilo que a sustenta. Para a finalidade deste trabalho, vou discorrer principalmente sobre os factores que penso serem os condutores desta guerra. Os factores que perpetuam esta guerra serão discutidos nesta análise. Em síntese, apresento as causas do conflito na Serra Leoa em termos de conflito social, económico e político.

"a Serra Leoa é formada por 16 diferentes grupos étnicos"

a) Factor social. Socialmente, a Serra Leoa é formada por 16 diferentes grupos étnicos, estando as tribos Mende e Temne espalhadas por grande parte do país. A sua predominância pode ser vista na aquisição de terras e casas, na educação e oportunidades de tra-

* *Gabriel Luseni, Vice-provincial da W.A.F*

balho, na língua falada (comunicação) e até mesmo na evangelização cristã. A maioria das infra-estruturas está centrada em áreas habitadas por estas duas tribos. O fenómeno da predominância social destas duas tribos, e a marginalização económica a que são votadas as outras.

"A economia do sector agrícola na Serra Leoa tem sido basicamente de subsistência."

b) Factor económico. A economia da Serra Leoa assenta sobretudo nos sectores da agricultura e dos minérios. No sector dos minérios, diamantes e aço são os minerais que lideram na exportação nacional. O sector mineral foi desenvolvido pelo governo colonial britânico. Sob uma política de privatização, o governo da Serra Leoa abriu o sector dos diamantes ao público através de minas à superfície, mas que beneficiou apenas parte das autoridades do governo e os empresários estrangeiros, que tinham grandes capitais para investir. A economia do sector agrícola na Serra Leoa tem sido basicamente de subsistência, excepto na indústria da pesca e da silvicultura, e, até certo ponto, as produções de cacau e de café, que são também controladas por empresários estrangeiros.

" o processo de independência foi arranjado à pressa com o envolvimento de apenas um pequeno número de políticos"

c) Factor político. Em relação às causas políticas do conflito na Serra Leoa, muita gente remonta-as ao período da administração colonial. Culpam este período pelo tipo de estrutura política deixada para a independência, em 1961. Em primeiro lugar, julga-se que o processo de independência foi arranjado à pressa com o envolvimento de apenas um pequeno número de políticos da capital e das províncias. Isto foi feito para que pudessem manipular as eleições, sem uma autêntica educação democrática da população. E também, que o vasto interior do país foi deixado nas mãos dos chefes tradicionais para eles comandarem esta área politicamente e criarem sua própria administração (A Administração Nativa). Não houve nenhum plano económico para acompanhar a Administração Nativa. Estas estruturas paralelas de governo na Serra Leoa têm provocado frequentemente conflitos de interesses, o que não tem ajudado a promover o sentido de nação, que é um conceito básico para a democracia moderna.

A história pós-colonial de Serra Leoa (1961) foi marcada por sucessivas intervenções dos militares na política e por um estado de instabilidade. Em 1965, apenas quatro anos após a independência, foi descoberta a primeira conspiração militar para derrubar o governo. Dois anos mais tarde, em 1967, os militares apoderaram-se do poder político num golpe liderado por alguns oficiais, seguido de polémicas e não convincentes eleições gerais, onde o partido APC de Siaka Stephens venceu, seguido de perto pelo partido SLPP de Albert Magai, que estava no poder. Poucos meses depois, o Sr. Siaka Stephens foi feito Chefe de Estado. Ele liderou um regime muito corrupto de 1968 até 1985. Durante este período, fez-se um presidente executivo, e então introduziu o sistema de partido único no país. A Siaka Stephens sucedeu o Major General Joseph Momoh,

que se tornou civil e veio a ser o novo porta-bandeira do partido APC em 1985. Foi durante o regime de Momoh que os rebeldes do RUF invadiram Serra Leoa e começaram a guerrilha que durou uma década. O objectivo da invasão dos rebeldes foi remover do poder o corrupto partido APC, parar com seus excessos e restabelecer a democracia pluripartidária. Como a guerra continuava sem um fim, o RUF abandonou seus propósitos iniciais e começou a cometer atrocidades sistemáticas e violentas contra a população civil.

Análise do conflito

Desde a polémica eleição de 1967 e a intervenção dos militares na política, a população civil tornou-se céptica em relação ao governo do país, tanto das forças armadas quanto dos políticos pós-coloniais. As forças armadas são vistas agora como uma potencial ameaça à segurança nacional e ao governo democrático. Os políticos pós-coloniais fecharam-se numa política aristocrática crónica.

Desde o primeiro dia da invasão do RUF se perderam vidas. Então os rebeldes começaram um recrutamento forçado para as suas fileiras, incluindo crianças dos dois sexos. Daí o fenómeno das crianças soldados. Economicamente, os rebeldes conseguiram quebrar a coluna vertebral da nação, atacando e saqueando a economia das minas de diamantes e destruindo as infra-estruturas nacionais. Já é do conhecimento geral que o Sr. Charles Tailor, da Libéria foi, e continua sendo, o principal fornecedor de armas e logística para o RUF em troca de diamantes, e isto desde o final da guerra na Serra Leoa. Politicamente, os rebeldes provocaram a anarquia e deixaram o país sem possibilidade de ser governado. Eles criaram seu próprio governo nas áreas que estavam sob seu controle. A sua luta armada espalhou-se por todo o país, incluindo Freetown, a sede do governo. O governo central de Serra Leoa simplesmente se desfez enquanto os cidadãos desesperados olhavam impotentes para tudo o que estava a acontecer. As forças armadas nacionais perderam toda a credibilidade, quando se tornaram coniventes com os rebeldes e se voltaram contra os cidadãos, embora a sua função fos-se defendê-los.

"os rebeldes provocaram a anarquia e deixaram o país sem possibilidade de ser governado"

"os cidadãos desesperados olhavam impotentes para tudo o que estava a acontecer."

Durante o período de independência, de 1961 a 1997, a Serra Leoa teve oito Chefes de Estado. Só entre 1992 e 1997, teve 5 Chefes de Estado, uma média de um por ano, em quatro regimes (APC, NPRC, SLPP, AFRC-RUF). Socialmente, o conflito na Serra Leoa dividiu o país entre rebeldes e partidários do governo. Os rebeldes eram formados pelo RUF e pelos soldados rebeldes (Westside Boys), que juntos for-mavam a coligação AFRC, sob o comando do Major Johnny-Paul Koroma. Os partidários do Governo eram as Forças Civis de Defesa (os Kamajoors, os Kapras, os Tamaboros e os Donsos), os que sobraram das forças armadas da Serra Leoa e que re-

"Socialmente, o conflito na Serra Leoa dividiu o país entre rebeldes e partidários do governo."

cusaram juntar-se à coligação AFRC-RUF, e o resto da população civil.

A contribuição exacta das Forças Civis de Defesa (constituída maioritariamente pelos Kamojoors) para o conflito na Serra Leoa ainda deve ser clarificada, talvez no Tribunal Internacional de Crimes de Guerra, actualmente a caminho de Freetown. Em geral, a população civil considerava as Forças Civis de Defesa como uma força contrária à ocupação e invasão do país pelos rebeldes. Porém, as Forças Civis de Defesa estão a ser também criticadas, até mesmo condenadas por alegados excessos com os opositores de guerra.

A posição da comunidade internacional no conflito da Serra Leoa, tem sido classificado por muitos observadores como ambivalente. De um lado, a comunidade internacional, especialmente as Nações Unidas, o Governo Britânico e a Comunidade Económica dos Estados do Oeste da África (ECOWAS), têm sido elogiados por ajudarem a pôr fim à guerra. Por outro lado, eles foram criticados por ignorarem as acções de alguns negócios de multinacionais sem escrúpulos e companhias mercenárias que fizeram negócios com diamantes na Serra Leoa durante a guerra. Desta maneira, a situação de conflito foi transformada num lucrativo comércio de troca de diamantes por armas e drogas. Quando a guerra terminou em 2001, estima-se que mais de 70% da riqueza dos diamantes da Serra Leoa tenha sido saqueada.

"a situação de conflito foi transformada num lucrativo comércio de troca de diamantes por armas e drogas."

Esforços para superar as consequências do conflito

É importante, antes mais, reconhecer que a Igreja foi também uma vítima do conflito na Serra Leoa. Alguns missionários foram assassinados pelas forças rebeldes durante a guerra. A saber: quatro Irmãs Missionárias da Caridade; um Irmão Cristão, Ir. Senan Kerrigan; um espiritano, Padre McAlyster; um leigo holandês médico voluntário, Dr. Ecko, sua esposa e filho. Muitos foram mantidos em cativeiros pelos rebeldes: freiras, padres, incluindo o Arcebispo de Freetown e Bo, Joseph Ganda. O então bispo da Diocese de Kenema, John O'Riordan CSSp, teve de fugir de sua casa e andar quase 8 quilómetros através do mato. Muitas propriedades da Igreja, escolas, hospitais e clínicas, viaturas e igrejas foram saqueadas ou destruídas. A Igreja não tem, até agora, feito nenhum pedido de compensação financeira. Quiçá, isto é encarado como ajuda na reabilitação e reconstrução do país.

"Alguns missionários foram assassinados pelas forças rebeldes durante a guerra."

a) Esforços da Igreja

Em muitos casos, durante o conflito, a hierarquia da Igreja Católica, especialmente o Bispo George Biguzzi, esteve envolvido nas negociações para a libertação dos cativos e dos prisioneiros de guerra. A Igreja Católica esteve representada em algumas conferên-

cias de Paz, tanto dentro como fora do país. O Conselho Inter-Religioso da Serra Leoa foi criado durante a guerra. Ele teve um papel vital tornando a população civil mais aberta para o diálogo e a reconciliação. Um dos programas do Conselho foi: ULTIMA CHANCE PARA A PAZ.

Instalações da Igreja, como casas paroquiais e pátios de escolas foram e continuam a ser usados como centros de alimentação e clínicas. Na última década, alguns padres diocesanos foram nomeados para acompanhar e servir cerca de 700.000 refugiados da Serra Leoa e da Libéria, na Guiné. A Igreja Católica tem também aberto casas e centros para cuidar dos órfãos e vítimas da guerra. Durante a guerra, a Igreja Católica fez todo o possível por sustentar e manter abertas suas escolas secundárias nos centros das cidades que foram menos afectadas pelas guerras. Estas escolas foram criadas para acolher estudantes de outras escolas em áreas ocupadas por rebeldes. Desta maneira, uma grande parte da juventude pôde continuar seus estudos, e ficaram fora do alcance do recrutamento para as forças armadas, e das fileiras de outras facções contrárias.

b) Esforços dos Espiritanos

"Os espiritanos sempre colaboraram com a Igreja local, em trabalhos de evangelização ou humanitários, onde quer que estejam."

Os espiritanos sempre colaboraram com a Igreja local, em trabalhos de evangelização ou humanitários, onde quer que estejam. No caso do conflito da Serra Leoa, eles assumiram trabalhos específicos na reabilitação e reconstrução do país durante e depois da guerra.

O superior regional espiritano, Pe. Daniel Osei-Yeboah, tentou resumir os esforços espiritanos durante a guerra na seguinte declaração ao Generalato em Roma, em 2001:

> "Como resultado da guerra, necessidades especiais, que vão da assistência ao cuidado com os refugiados deslocados, tem tido especial atenção. Temos programas de alimentação para crianças deslocadas e programas de formação para a paz e reconciliação. O trabalho com os jovens também ocupa bastante do nosso tempo". **(Spiritan News Flash, 10/02/2001 – Nº 54).**

Em 1993, a Arquidiocese de Freetown e Bo pediu ao Padre Michael Hickey, CSSp, para dirigir um programa de reabilitação para crianças afectadas pela guerra (CAW) em Freetown. Com a assistência de um psiquiatra da Serra Leoa, Dr. Matturi, Mick arranjou aulas e actividades recreativas para as crianças e tentou, gradualmente, reabilitá-las e levá-las de volta para suas famílias. O Pe. Brian Starken CSSp, trabalhou para a Arquidiocese de Freetown e Bo como Diretor de Desenvolvimento e distribuiu muita comida de emergência da ONG "Concern" etc., nos superlotados campos de refugiados em Kissi, Waterloo, Bo etc. O Pe. Daniel Osei-Yeboah, superior espiritano, também começou uma "pré-escola" para as crianças refugiadas,

que recebiam o almoço da ONG "CARE" e "CRS FOOD", e algumas aulas dadas por voluntários. O Pe. Augustine Bayoh, trabalhou a tempo inteiro, durante dois anos, como Director Arquidiocesano de Desenvolvimento, em Bo. O seu gabinete dirigia todo o trabalho de assistência e reabilitação na Arquidiocese.

O trabalho pastoral directo nas Pequenas Comunidades Cristãs (PCC) na paróquia espiritana de São Martinho de Freetown, foi uma fonte de encontro para as pessoas que tentavam localizar, ou obter alguma informação sobre os parentes desaparecidos em Freetown. Quando novos membros vinham às reuniões semanais, eles sempre encontravam acolhimento e ajuda na PCC. As confrarias cristãs também os ajudaram a aceitar-se uns aos outros, e a enfrentar as consequências da guerra.

c) O esforço do povo

"o maior desafio foi como aceitar os rebeldes e os autores das atrocidades dentro das suas comunidades"

O governo de Serra Leoa, com a ajuda da comunidade internacional, lançou um Programa Nacional de Reconstrução e Reabilitação em grande escala para desarmar e reabilitar os combatentes, e realojar todas as vítimas da guerra e refugiados.

Porém, o maior desafio para o povo da Serra Leoa em consequência da guerra foi como aceitar os rebeldes e os autores das atrocidades dentro das suas comunidades. A crueldade da guerra separou famílias, pôs jovens contra as autoridades civis e criou inimizade entre o povo. Por isso, o caminho para reconciliação tem sido difícil, mas o povo está fazendo esta caminhada. Internamente e em pouco tempo, eles fizeram um grande esforço para reconciliar as diferenças. Na Serra Leoa, há hoje um renovado sentido de patriotismo e colaboração entre as pessoas. O dito popular agora na Serra Leoa não é mais "como vai" mas "só amor ".

"o caminho para reconciliação tem sido difícil, mas o povo está fazendo esta caminhada"

Conclusão

Discutindo o conflito da Serra Leoa, vejo como necessário primeiro fazer uma distinção entre aqueles factores que levaram à guerra e aqueles que lhe deram força e carácter. Isto porque aqueles factores que desencadearam a guerra na Serra Leoa são muito básicos e podem ser encontrados em qualquer lugar do mundo onde haja conflito de interesses. Mas aqueles factores que definem a guerra são variados, e tem sido mais difícil identificá-los e controlá-los, embora muitos os situem entre a conspiração internacional de alguns políticos sem escrúpulos e o comércio de armas, transformando a Serra Leoa numa terra sem lei, visando saquear os recursos minerais, e assim obter lucros através do contrabando de armas.

Em segundo lugar, a minha apresentação mostra que quando os rebeldes da RUF invadiram a Serra Leoa, em Março de 1991, o país estava caminhando para um conflito directo. O Governo era cor-

rupto e tinha arrastado as forças armadas consigo. As estruturas sociais injustas estavam instituídas, a economia estava sempre em baixa, o desemprego era alto e os jovens deambulavam pelas áreas das minas e nas cidades. Então, o RUF identificou um problema sentido por uma grande parte da população. Porém, sou forçado, dada escala de destruição da vida e da propriedade nesta guerra iniciada por eles, a claramente condenar a RUF. Os "meios para chegar ao fim" é ilegítimo e criminoso. Eles adoptaram as tácticas mais abomináveis e cruéis de guerrilha, conhecidas nos tempos modernos. Eles impuseram a sua vontade pela força às pessoas, incluindo crianças, para que pegassem em armas contra a população civil. Em resumo, eles semearam apenas a anarquia no país, que o levou à autodestruição.

Finalmente, eu acredito que a solução para qualquer potencial conflito é a prevenção. Tudo o que puder ser feito, deve fazer-se para prevenir a ocorrência de um conflito directo. Isto inclui, a remoção de estruturas que gerem conflito, a promoção dos direitos humanos e da justiça, e a justa distribuição dos recursos naturais e humanos. O que aconteceu na Serra Leoa já faz parte da história, mas pode ser uma lição a ser aprendida por todos.

Msilanga Vedastus Babu*

"se eu não perdoar a guerra nunca vai acabar": ministério com refugidos na diocese de kigoma – tanzânia

Há tantas maneiras de alguém se tornar refugiado como o número de refugiados. Tendo sido retirados da sua terra natal, arrancados à sua própria cultura e separados do seu núcleo familiar, os refugiados são descritos como aqueles que não têm o que os cidadãos nacionais têm. Restrinjo as minhas observações ao campo de refugiados da diocese católica de Kigoma, Tanzânia, na fronteira ocidental da Tanzânia e do Burundi.

Os campos

Um homem de 28 anos de idade, partilhou comigo como se tornou refugiado. Numa noite agradável, disse ele, enquanto a família se encontrava na cama, ouviu alguns tiros. Acordou o seu irmão mais novo e os dois desapareceram na plantação de bananas à procura de um esconderijo. Os tiros tornaram-se cada vez mais fortes. Voltaram a correr, cada um em direcção diferente. Não tinha a certeza se os outros membros da família tinham conseguido sair da casa. Correu o máximo que as suas fracas pernas puderam aguentar. Lentamente começou a perder a respiração e desmaiou.

Ao acordar, encontrou-se no meio de muitas pessoas. Disseram-lhe para entrar na fila como os outros. Recebeu um cobertor e um plástico duro. Como abrigo mostram-lhe uma área aberta e empoeirada, que tinha que partilhar com outros três homens, que nunca tinha visto antes. Eles estavam unidos apenas pela língua e pela situação. Começaram a construir um abrigo para eles. Era um refugiado! Nunca pediu para o ser, nem se fez refugiado, mas é um refugiado! Foi obrigado a viver com pessoas que nunca tinha visto

* *Msilanga Vedastus Babu, Superior da E.A.P.*

antes. Ignora se os membros da sua família estão bem ou não. Nem sequer sabe onde estão. O seu futuro é um vazio. Dois dias depois, foram registados e levados para Kigoma para acampar com outras pessoas desalojadas, companheiros refugiados! Isto faz-me lembrar a parte do Evangelho de Mateus quando ele narra a maneira como a Sagrada Família, Jesus, Maria e José, foram forçados a sair da sua própria terra e foram para o Egipto à procura de refúgio. Tornaram-se refugiados, não porque eles o escolheram, mas por causa da situação, pois o Rei Herodes queria matar a criança (Mt 2,13-15).

"Cada refugiado tem uma história para contar"

Cada refugiado tem uma história para contar sobre a forma como ele/ela se tornou um refugiado. Alguns têm histórias muito tristes, que deixaram cicatrizes incuráveis nos seus corações. Têm desenvolvido um sentimento de ódio em relação àqueles que julgam serem os responsáveis pela sua deslocação.

"O problema dos refugiados aparece pelo ano de 1965"

O problema dos refugiados aparece pelo ano de 1965, quando o Ruanda e o Burundi passaram por instabilidades políticas que levaram a muita insegurança. Como resultado, muitas pessoas dos dois países correram para a Tanzânia como refugiados. Muitos deles foram naturalizados e tornaram-se cidadãos. Os espiritanos estão trabalhando com os refugiados do Burundi desde 1997. Trabalham na região de Kigoma, região que está na fronteira da Tanzânia e do Ruanda, no lado ocidental da Tanzânia. Actualmente há 10 campos de refugiados na Região de Kigoma, com uma população acima de 350.000 refugiados. A maioria destes refugiados vem do Burundi, se bem que alguns são do Ruanda e da República Democrática do Congo (RDC).

"Os espiritanos estão trabalhando com os refugiados do Burundi desde 1997."

Os nossos confrades trabalham em três campos: Mtabila I, Mtabila II e Myovozi. Os outros campos são: Nyarugusu, Lugusu, Kibondo, Mtendeli, Nduta, Mukungwa e Kenembwa, que estão aos cuidados de outras congregações. Os três campos que estão sob os cuidados dos Espiritanos têm uma população de, aproximadamente, 95.000 refugiados. Há cinco confrades trabalhando na área: Pe. Paul Flamm (USA-E); Pe. Fredrick Balou (PAC); Pe. Peter Mallya (EAP) e o Irmão Mariano Espinoza (Paraguai).

Devido às regras impostas pela Alto Comissariado para os Refugiados das Nações Unidas (UNHCR) e pelo governo da Tanzânia, ninguém, excepto os refugiados registrados, pode viver no campo de refugiados. Os nossos confrades vivem numa casa que dista aproximadamente 4 quilómetros do campo. Diariamente vão para o campo e voltam para casa.

Porquê este ministério?

O fluxo de refugiados do Ruanda para Kigoma (Tanzânia) baseia-se em razões históricas. Já vêm do tempo colonial, em que uma tribo, os Tutsi, era favorecida em relação à outra tribo, os Hutu. Os

Hutu só conseguiam trabalho manual, enquanto os Tutsi recebiam boa educação e trabalhos para "brancos", e entravam para o exército.

Devido a estas diferenças e ao desejo de poder, um número de militares revoltosos tomaram o poder. A revolta levou o país à instabilidade e à insegurança e, portanto, muitos cidadãos pobres e inocentes foram forçados a procurar refúgio noutros lugares. A Tanzânia, como país vizinho e que vivia em paz e estabilidade, tornou-se no novo lar para eles. Este deslocamento de pessoas tem acarretado uma constante sobrecarga para a Tanzânia e para a Comunidade Internacional. Espiritualmente falando, a presença de refugiados na Tanzânia tem afectado a Igreja, há poucos ministros para cuidar dos Cristãos que vivem nesta área. Portanto, há uma grande necessidade de ministros, pois "...a messe é grande e os operários são poucos" (Lc 10,2).

"há uma grande necessidade de ministros, pois "...a messe é grande e os operários são poucos"

Nós decidimos trabalhar com refugiados, simplesmente por causa do nosso compromisso como Congregação. Damos preferência ao apostolado que nos leva "aos oprimidos e mais desfavorecidos individual e colectivamente", "assumimos tarefas para as quais a Igreja dificilmente encontra obreiros" (RVE 12).

A principal actividade pastoral dos nossos confrades estão é a presença e a escuta. Escutam as suas histórias de privações, de miséria, de confusão, de falta de esperança e de clamor por bens materiais. Têm também a actividade pastoral de natureza sacramental, com uma grande destaque para o perdão e a reconciliação. O ministro aponta para a generosidade. A maior desvantagem para o refugiado é o facto de que o futuro para eles não é certo. Perguntam-se: por quanto tempo ficaremos nesta situação? Muitos dos refugiados sofrem desse trauma e, portanto, os confrades gastam a maior parte do seu tempo ouvindo-os e aconselhando-os.

"A maior desvantagem para o refugiado é o facto de que o futuro para eles não é certo"

O horário diário dos confrades vai da manhã até noite dentro. Vivem num lugar chamado Nyakitonto, que fica a 4 quilómetros do campo e a uns 130 quilómetros da cidade de Kigoma. Como as estradas são muito ruins, os confrades levam muito tempo para chegar à cidade Kigoma. Têm uma casa que foi construída pela diocese, mas depois foi aumentada pela Congregação. O ministério é difícil, mas os confrades parecem gostar do que fazem.

"O ministério é difícil, mas os confrades parecem gostar do que fazem"

Dificuldades deste ministério

À parte as alegrias que os confrades desfrutam no seu trabalho com os refugiados, eles sentem-se às vezes em desvantagem. Alguns factores contribuem para isso:

a) A situação de vida dos refugiados é tão miserável que isto faz com que eles se questionem sobre o sentido das suas vidas. Alguns são miseráveis que estão no extremo do desespero. Parecem completamente desencorajados e para eles, o futuro não parece trazer nen-

huma esperança. Não conseguem ver a luz ao fundo do túnel. Os confrades têm que gastar muitas horas para lhes dar um pouco de esperança.

b) Língua é outra desvantagem para os confrades. No campo a "língua franca" é o Kirundi. O francês pode ser falado quando o Kirundi não funciona. Os nossos confrades devem ser conhecedores do Kirundi, e também saber francês ou inglês – depende de onde o confrade é enviado. De qualquer forma, não podem evitar de aprender o Kiswahili, que é a língua nacional da Tanzânia, o país no qual trabalham. Kiswahili é a primeira língua que os nossos missionários aprendem sempre que vêm trabalhar para o Leste de África, especialmente na Tanzânia.

"o problema do ódio tribal está longe de ter uma solução"

c) Longo período de ódio entre o povo. Desde que os campos são ocupados por Tutsi e Hutu, o problema do ódio tribal está longe de ter uma solução. Como qualquer ser humano normal, memórias amargas levam longo tempo para desaparecer, os dois grupos odeiam-se ao ponto de ser preciso separá-los, cada um tendo o seu próprio campo. Os Hutu, neste caso, são maioria.

d) A pobreza do povo no campo é extrema. Não têm um par de sandálias extra, nem camiseta ou pasta de dentes extra, para referir apenas o mínimo. São mais pobres que os prisioneiros, que sabem que um dia estarão livres, excepto para os que em prisão perpétua. Ser arrancado da sua própria terra e ser impedido de ter participação nas actividades económicas, como agricultura, ou qualquer outro negócio comercial, é um grande problema e isto causa sofrimento ao refugiado. Nesta situação, o que faz o confrade? A sua riqueza é espiritual e não material. A única coisa que os confrades resolveram fazer foi *ser parte da solução do problema do refugiado.*

"Nesta situação, o que faz o confrade? A sua riqueza é espiritual e não material"

"Fazendo parte da solução"

O problema dos refugiados em Kigoma e provavelmente noutros lugares, não pode ser resolvido por uma pessoa só ou por um grupo apenas, ou pela Igreja sozinha. O problema só será resolvido se nós todos formos parte da solução, tu e eu devemos fazer parte da solução. Devemos estar preparados para assumir o trabalho com refugiados. Devemos dar apoio ao Trabalho com refugiados.

O Sr. Mulokozi (38 anos de idade) é um refugiado Hutu, que literalmente viu seu pai ser assassinado e o resto da sua família dispersada. Esta tragédia ainda lhe deixa memórias amargas. Tendo cuidadosamente ouvido a história de como se tornou um refugiado, coloquei-lhe uma questão: *"Você está pronto para perdoar às pessoas que mataram seu pai e causaram a dispersão da sua família até hoje?"* Para minha surpresa, Mulokozi olhou-me nos olhos demoradamente, algumas lágrimas rolaram pelo seu rosto, olhou gentilmente para Jesus crucificado na cruz de madeira e começou a rir. No meio do

seu riso, enquanto mais lágrimas rolavam, ele disse: "Se eu não perdoar, a guerra nunca vai acabar." Para mim, esta foi a poderosa voz profética de um refugiado. Ele é um indivíduo que está pronto a perdoar para que a vida continue. Se todos no Burundi, no Ruanda e noutros lugares onde temos refugiados fossem como Mulokozi, então nós não teríamos mais refugiados! A reconciliação pelo perdão vem de dentro. Tem que ser reconciliação consigo mesmo, com o outro e com o ambiente.

"Se eu não perdoar, a guerra nunca vai acabar"

"A reconciliação pelo perdão vem de dentro"

Ser um refugiado significa ter pela frente a privação económica. Refugiados são pessoas que foram perseguidas, amachucadas, traumatizadas por situações que estão fora do alcance da nossa imaginação. Sofreram a perda de familiares, alguns deles foram mortos diante dos seus olhos. Fugiram de mãos vazias, não têm nada, apenas a vida. Encaram um futuro que não é promissor para eles e não oferece solução para a sua situação. Mas, apesar de todo o mal terrível que eles sofreram, os refugiados de Kigoma, quase todos vindos do Burundi, são pessoas que continuam a acreditar em Deus. Há uma grande necessidade de a Igreja continuar presente no meio daqueles que não têm casa e daqueles que sofrem porque "eu era um estranho e tu me acolheste" (Mt 25,35).

"Há uma grande necessidade de a Igreja continuar presente no meio daqueles que não têm casa e daqueles que sofrem porque "eu era um estranho e tu me acolheste"

Os nossos confrades que trabalham no campo fazem um grande número de reuniões para fazerem perceber aos refugiados que, apesar das amargas experiências por que passaram, há uma esperança no futuro, e o futuro está nas suas mãos.

O esforço para que os refugiados do Burundi voltem para casa (repatriação) é grande. Os dois governos, do Burundi e da Tanzânia, juntamente com organizações internacionais (UNHCR) têm feito várias reuniões para trabalhar a logística do regresso destas pessoas. O processo de repatriação já começou e espera-se que nos próximos meses ele cresça. A grande questão é esta: será que todo este esforço terá sucesso?

"a maioria não quer voltar para o seu país"

Os próprios refugiados têm sentimentos diferentes ou mistos. Alguns, especialmente as elites e aqueles que decidiram perdoar ao regime que os transformou em refugiados, estão prontos para ir e reconstruir seu país. Mas a maioria não quer voltar para o seu país, têm medo de que uma nova guerra aconteça e eles voltem a ser refugiados, se sobreviverem à luta.

"A segurança no Burundi está longe de ser realidade."

A segurança no Burundi está longe de ser realidade. O fim do período de transição do actual governo do Burundi e as eleições antecipadas pelo acordo de Arusha em Novembro próximo, continua causando muitos debates e pode ser que aconteçam ou sejam adiadas. As tropas de paz das Nações Unidas chegaram ao Burundi. A sua função principal é tratar da desmobilização dos soldados armados da oposição e reestruturar as Forças Armadas Nacionais. Só depois disto poderá haver ambiente seguro para a realização do processo eleitoral.

Participando como parte da solução, a Iniciativa da União dos Grande Lagos reunirá em Dar-es-Salaam, Tanzânia, em Novembro de 2004, para tratar e estabelecer planos para que a Paz e a Reconciliação façam parte do povo do Burundi. Esta iniciativa merece o apoio dos membros da Conferência Episcopal da Região dos Grandes Lagos.

Os nossos confrades continuam a defender, juntamente com outros agentes pastorais, entre eles, Caritas Tanzânia, Conferência Episcopal da Tanzânia e a Conferência Episcopal de Burundi, a comunidade de Refugiados. Continuam a lutar junto do Ministro do Interior da Tanzânia para permitir o retorno dos refugiados para seus lugares de maneira gradual, para não arruinar a delicada paz que já existe e que ainda se mantém no Burundi. Encorajam também o governo da Tanzânia para dar assistência aos refugiados que já estão lá há trinta ou mais anos, para serem formalmente integrados na sociedade da Tanzânia, se eles o quiserem. Em colaboração com a Conferência Episcopal do Burundi, os nossos confrades pedem ao governo do Burundi que altere as leis da Terra para respeitar os direitos de propriedade dos refugiados no exílio há trinta ou mais anos. A Província está pedindo membros de outras Circunscrições para os ajudar. Vamos dar as mãos e juntos fazermos parte da solução do problema dos refugiados. A vossa humilde e, mesmo assim, generosa contribuição pela oração, pela sensibilização para as necessidades pessoais ou materiais, será uma grande parte no esforço para a resolução deste problema.

"A Província está pedindo membros de outras Circunscrições para os ajudar. Vamos dar as mãos e juntos fazermos parte da solução do problema dos refugiados."

Se os refugiados do Burundi forem repatriados para a terra, e os outros na Tanzânia, então o trabalho com refugiados chegará ao fim na Tanzânia. Que irão fazer então os espiritanos que trabalham com refugiados? Se tal chegar a acontecer, não deveria a Congregação abrir uma missão espiritana no Burundi, e assim trabalhar num país destruído pela guerra? Não nos permitiria essa nova missão ajudar a diminuir o fosso entre a comunidade no exílio e aqueles que tinham ficado? Não nos ajudaria também a perceber melhor as raízes das causas da guerra e a lutar pela justiça e pela paz? Ou simplesmente esquecer todo este trabalho e responder a outro apelo que na altura o Espírito fizer?

Como Congregação, precisamos de estar unidos para fazermos parte da solução do problema dos Refugiados não só em Kigoma, na Tanzânia, mas até "aos confins da terra" (Mt.28,20).

Dados estatísticos

I. A Congregação de 1984 a 2004
1º de Janeiro de 2004

1 de janeiro 1984	3581 professos	
1985	3541	- 40
1986	3491	- 50
1987	**3499**	**+ 8**
1988	3455	- 44
1989	3417	- 38
1990	3361	- 56
1991	3340	- 21
1992	3295	- 45
1993	3270	- 25
1994	3224	- 46
1995	3170	- 54
1996	3143	- 37
1997	3109	- 34
1998	3102	- 7
1999	3096	- 6
2000	3068	- 28
2001	3061	- 7
2002	3034	- 37
2003	3010	- 24
2004	2968	- 42

De 1984 a 2004 a diminuição foi de 613 membros (média de 30 por ano).

II. Idades dos confrades
Em 1 de Janeiro de 2004

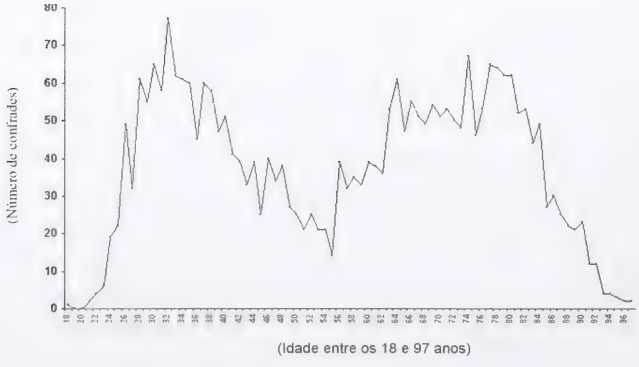
Idade	*Número*
97	*2*
96	*2*
95	*3*
94	*4*
93	*4*
92	*12*
91	*12*
90	*23*
89	*21*
88	*22*
87	*25*
86	*30*
85	*27*
84	*49*
83	*44*
82	*53*
81	*52*
80	*62*
79	*62*
78	*64*
77	*65*
76	*53*
75	*46*
74	*67*
73	*48*
72	*50*

Idade	*Número*
71	*53*
70	*51*
69	*54*
68	*49*
67	*51*
66	*55*
65	*47*
64	*61*
63	*53*
62	*36*
61	*38*
60	*39*
59	*33*
58	*35*
57	*32*
56	*39*
55	*14*
54	*21*
53	*21*
52	*25*

51	*21*
50	*25*
49	*27*
48	*38*
47	*34*
46	*40*

Idade	*Número*
45	*25*
44	*39*
43	*33*
42	*39*
41	*41*
40	*51*
39	*47*
38	*58*
37	*60*
36	*45*
35	*60*
34	*61*
33	*62*
32	*77*
31	*58*
30	*65*
29	*55*
28	*61*
27	*32*
26	*49*
25	*22*
24	*19*
23	*6*
22	*4*
21	*2*
18	*1*

A média de idades em 01/01/ de 2004 é de 56.9 anos



III. Os confrades segundo as circunscrições de origem
Em 1 de Janeiro de 2004

Circunscrição de origem	*Bispos*	*Padres*	*Irmãos*	*Escolásticos*	*Total*
Angola	2	48	2	33	85
Belgique	1	34	3	1	39
Brasil	3	19	2	6	30
Canada	1	34	3		38
Congo Kinshasa		13		20	33
Croatia		2			2
Deutschland	3	67	16		86
East Africa	1	99		56	156
England		43	1		44
España		12	3		15
FANO		7		13	20
FOI		15	3	16	34
France	8	439	76	1	524
Haiti		16		8	24
Ireland	4	382	16		402
Mexico		6		1	7
Nederland	1	138	23		162
Nigeria	1	279	6	184	476
PAC		84	4	53	141
Papua		1			1
Paraguay		1	1	2	4
Polska		59	5	11	75
Portugal	2	142	31	10	185
Puerto Rico		4		2	6
SCAF		3		13	16
Suisse		55	1		56
TransCanada		38			38
Trinidad	1	35	1		37
USE	1	68	1		70
USW		38	2	6	46
WAP		63	4	55	122
Total	**29**	**2244**	**204**	**491**	**2968**

IV. Os confrades segundo as circunscrições de nomeação
Em 1 de Janeiro de 2004

Circ. de nomeação	*Casas*	*Bispos*	*Padres*	*Irmãos*	*Escolast.*	*Total*	*Leigos*
ÁFRICA							
Algeria	3		3			3	

Angola	27	2	57	3	33	95	
Cabo Verde	11	1	15	1		17	
Congo Kinshasa	7		15	1	19	35	
E.A.P.	30	2	82	4	59	147	
Ethiopia	5		11			11	
FANO	23		45	4	11	60	
Gambia	7	1	7			8	
Kenya	17		25			25	
Malawi	6		10		2	12	
Mozambique	2		7	1	1	9	
Nigeria	72	1	189	6	182	378	
P.A.C.	66	3	137	7	54	201	1
S.C.A.F.	3		8		5	13	
South Africa	11		18	1		19	
W.A.P.	27		67	3	55	125	
Zambia	6		14		2	16	
Zimbabwe	10		20			20	
TOTAL	**333**	**10**	**730**	**31**	**423**	**1194**	**1**
AMÉRICA LATINA							
Alto Jurua	9	3	11	1		15	
Amazonia	8	2	11	2		15	
Bolivia	1		2			2	1
Brasil Central	14		18	1		19	
Brasil Province	16	1	31	2	6	40	
Brasil South-west	16		24			24	
Guyane	9		14	1		15	
Paraguay	6		14	3	2	19	
TOTAL	**79**	**6**	**125**	**10**	**8**	**149**	**1**
AMÉRICA do NORTE							
Canada	6	1	37	3		41	3
Mexico	8		14	1	1	16	
TransCanada	18		44			44	13
USA East	17		67		3	70	14
USA Irish	5		37			37	
USA West	14		37	2	4	43	18
TOTAL	**68**	**1**	**236**	**6**	**8**	**251**	**48**
ÁSIA							
Pakistan	3		8	2		10	
Philippines	1		7			7	
Taiwan	1		6			6	
TOTAL	**5**		**21**	**2**		**23**	
CARAÍBAS							
Guadeloupe	6		14			14	
Haiti	5		12		10	22	
Martinique	11		18	1		19	
Puerto Rico	4		8		2	10	
Trinidad	15	1	36	1		38	
TOTAL	**41**	**1**	**88**	**2**	**12**	**103**	

EUROPA							
Belgique	6	1	37	3	1	42	1
Croatia	1		4			4	
Deutschland	10		50	12		62	
England	11		35	1		36	10
España	7		13	1		14	2
France	28	6	299	62	1	368	5
General Admin.	3		25	2		27	
Ireland	22	1	235	15		251	8
Nederland	7		97	17		114	10
Polska	9		35	3	11	49	
Portugal	12	1	86	28	10	125	3
Suisse	5		38	1		39	
TOTAL	**121**	**9**	**954**	**145**	**23**	**1131**	**39**
OCEANO ÍNDICO							
F.O.I.	11	1	14	2	14	31	
Madagascar	9		18	3		21	2
Mauritius	10	1	17		1	19	
Reunion	15		17	1	2	20	
TOTAL	**45**	**2**	**66**	**6**	**17**	**91**	**2**
OCEÂNIA							
Australia	16		17			17	1
Papua New Guinea	4		7	2		9	
TOTAL	**20**		**24**	**2**		**26**	**1**

Recapitulando

ÁFRICA	333	10	730	31	423	1194	1
AMERICA LATINA	79	6	125	10	8	149	1
AMERICA NORTE	68	1	236	6	8	251	48
ÁSIA	5		21	2		23	
CARAÍBAS	41	1	88	2	12	103	
EUROPA	121	9	954	145	23	1131	39
OCEÂNIA	20		24	2		26	1
OCEANO INDICO	45	2	66	6	17	91	2
TOTAL	**712**	**29**	**2244**	**204**	**491**	**2968**	**92**

V. Entradas na Congregação por circunscrição de origem 1998-2003

Ano	*Total*	*África*	*América*	*Europa*	*FOI*
1998	99	78	7	7	7
1999	90	72	7	10	1
2000	113	95	2	14	2
2001	87	74	6	4	3
2002	62	53	5	0	4
2003	91	69	8	10	4
Total	**542**	**441**	**35**	**45**	**21**

VI. Defuntos e saídas 1998-2003

Defuntos

Ano	*Total*	*Bispos*	*Padres*	*Irmãos*	*Estudantes*
1998	75	2	61	12	
1999	82	1	74	7	
2000	88	4	74	10	
2001	82		66	16	
2002	75	1	65	8	1
2003	73		59	12	2
Total	**475**	**8**	**399**	**65**	**3**

É impossível dar o número de saídas por ano, porque a informação, com frequência é dada muito tarde, ou simplesmente não é dada. Pode-se encontrar o número de saídas comparando os confrades das circunscrições. De 1998 a 2003, houve uma perda de 197 confrades, mas só se tinham assinalado no início 132 professos temporários (22 por ano) e 30 professos perpétuos (5 por ano).

VII. Espiritanos por país de origem
Em 1 de Janeiro de 2004

Pais	*Total*	*Bispos*	*Padres*	*Irmãos*	*Formação*
Angola	81	2	44	2	33
Burundi	1		1		
Cabo Verde	8	1	3		4
Camarões	62	1	37		24
Congo Brazzaville	48		23	2	23
Congo Democrático	41	1	19		21
Etiópia	1				1
Gabão	6		3	2	1
Gâmbia	4		2		2
Gana	87		46	4	37
Guiné Conakri	3	1			2
Guiné Equatorial	1		1		
Malawi	5		2		3
Moçambique	1				1
Nigéria	476	1	283	6	186
Quénia	35		16		19
Rep. Centro-Africana	20		10		10
Rep. da África do Sul	2				2
Ruanda	1		1		
Senegal	21	1	9		11
Sierra Leoa	23		11		12
Tanzânia	103	2	70		31
Togo	1				1
Uganda	15		9		6
Zâmbia	9				9
África	**1055**	**10**	**590**	**16**	**439**
Canada	45	1	41	3	
México	7		6		1
U.S.A.	98		93	3	2
América do Norte	**150**	**1**	**140**	**6**	**3**

Brasil	30	3	19	2	6
Paraguai	4		1	1	2
América do Sul	**34**	**3**	**20**	**3**	**8**
Austrália	2		2		
China	1		1		
Índia	1		1		
Papuásia Nova Guiné	1		1		
Vietname	9		4		5
Ásia e Oceânia	**14**		**9**		**5**
Barbados	2	1	1		
Granada	1		1		
Haiti	24		16		8
Porto Rico	4		3		1
Trinidade	32		31	1	
Caraíbas	63	1	52	1	9
Alemanha	87	3	68	16	
Bélgica	37		33	3	1
Croácia	2		2		
Eslovaquia	1		1		
Espanha	15		12	3	
França	514	5	435	73	1
Holanda	162	1	138	23	
Inglaterra	44		43	1	
Irlanda	429	2	412	15	
Itália	6		4	2	
Luxemburgo	2		2		
Polónia	75		59	5	11
Portugal	178	1	141	30	6
Suíça	56		55	1	
Europa	**1608**	**12**	**1405**	**172**	**19**
Madagáscar	28		10	4	14
Maurícia	10	2	7		1
Oceano Indico	**38**	**2**	**17**	**4**	**15**
TOTAL	**2962**	**29**	**2233**	**202**	**498**

Dados incertos: 6

VIII. Primeiras nomeações segundo a origem

Circ. de origem	1998	1999	2000	2001	2002	2003	Total
Angola		2		3		13	18
CKF	1		2	2	1		6
EAP	5		3	9	3	9	29
FAC/PAC	7		2	11	9	14	43
FANO				3	1		4
Nigéria	16		17	25	16	18	92
SCAF					1		1
WAF/WAP	18		11	10	5	4	48
ÁFRICA	**47**	**2**	**35**	**63**	**36**	**58**	**241**
Brasil Province	1	1		1	1		4
Haiti			2	3	1	3	9
Mexico			2	1		2	5
Paraguay				1		1	2
Puerto Rico	2						2
Trinidad			1	1			2
USE		1					1
USW					4		4
AMÉRICA	**3**	**2**	**5**	**7**	**6**	**6**	**29**
Deutschland/Croatia				1	1		2
England	1						1
France	4		1	3	1		9
Ireland	1		1	2		1	5
Polska			5	5	3		13
Portugal		2		2	4	1	9
EUROPA	**6**	**2**	**7**	**13**	**8**	**3**	**39**
FOI	1		1	3	7	2	14
PNG						1	1
OCEANOS	**1**		**1**	**3**	**7**	**3**	**15**
TOTAL	57	6	48	86	57	70	324

NB: O ano indicado é o da chegada ao lugar da nomeação.

IX. Primeiras nomeações de acordo com o destino

Nomeação	1998	1999	2000	2001	2002	2003	TOTAL
ÁFRICA	41	5	37	64	38	49	234
AMÉRICA do NORTE	0		2	3	4	3	12
AMÉRICA do SUL	2	1	1	6	3	2	15
ÁSIA	6		1	6	8	4	25
CARAÍBAS	2		3	6	1	5	17
EUROPA	3		4	1	4	5	17
OCEÂNIA	3		0	0	0	1	4
TOTAL	**57**	**6**	**48**	**86**	**58**	**69**	**324**

NB: O ano indicado é o da chegada ao lugar da nomeação.

X. Espiritanos por continentes (1 de Janeiro de 2004)

Circunscrição de origem

Continentes	Bispos	Padres	Irmãos	Estudantes	TOTAL	%
África	4	596	16	427	**1043**	*35.2*
América do Norte	2	184	6	7	**189**	*6.4*
América Latina	3	20	3	8	**34**	*1.1*
Caraíbas	1	55	1	10	**67**	*2.2*
Europa	19	1373	175	23	**1590**	*53.6*
Oceânia	0	1	0		**1**	*0.1*
Oceano Indico		15	3	16	**34**	*1.1*
TOTAL	**29**	**2244**	**204**	**491**	**2968**	*100*

Circunscrição de nomeação

Continentes	Bispos	Padres	Irmãos	Estudantes	TOTAL	%
África	10	730	32	423	**1195**	*40.3*
América do Norte	1	236	6	8	**251**	*8.5*
América Latina	6	125	10	8	**149**	*5*
Ásia	0	21	2		**23**	*0.8*
Caraíbas	1	88	2	12	**103**	*3.5*
Europa	9	954	144	23	**1130**	*38*
Oceânia	0	24	2		**26**	*0.9*
Oceano Indico	2	66	6	17	**91**	*3*
TOTAL	**29**	**2244**	**204**	**491**	**2968**	*100*

3 5282 00647 1174

Duquesne University
3 5282 00647 1174

Os Esp ênio

O Futuro da Igreja na Europa

EDUARDO MIRANDA FERREIRA
Ano Espiritano em Portugal: Regresso ao futuro

JAMES MCCLOSKEY
A "auto-identidade" dos Espiritanos nos Estados Unidos do Leste

CHRISTIAN BERTON
Província de França: Preparar o Futuro

GABRIEL E. EZEWUDO
A Província Nigeriana: Alegrias e Desafios de uma Jovem Província

LAMBERT NDJANA
"As árvores novas asseguram a sobrevivência da Floresta": P.A.C uma jovem Província

RAYMOND JUNG
Narrar a fundação e construir um projecto de vida aberto à comunidade

PETER KOFI LAAST
A transmissão do carisma Espiritano aos confrades em formação

JUDE NNOROM
Vivência em Comunidade Internacional

JOSEPH MBA
A vocação do Irmão na Congregação: Até Quando?

JOY WARNER
Leigos Espiritanos Norte-Americanos

ANTÓNIO GRUIJTERS
Contemplação e Acção

LEO EKE
Espiritanos no Zimbabwe: Contributo Missionário na Igreja local

DANIEL TABA
A primeira Evangelização no Leste dos Camarões

JEAN-PAUL HOCH
Taiwan: Novos compromissos

BARNABÉ SAKULENGA
A missão em Situação de Conflito ou Pós-conflito em Angola

OSCAR NGOY
Sarar as feridas do Conflito: O Caso da República Democrática do Congo

GABRIEL LUSENI
Reconstrução e Reabilitação: Conflito e Pós-conflito na Serra Leoa

MSILANGA VEDASTUS BABU
"Se eu não Perdoar a Guerra nunca vai Acabar": Ministério com Refugiados na Diocese de Kigoma